

An abstract painting of a city at night. The background is a deep, dark red. Overlaid on this are numerous vertical and diagonal brushstrokes in white and light yellow, creating a sense of height and depth, reminiscent of a city skyline. The strokes are thick and expressive, with some areas appearing more saturated than others. The overall effect is one of a vibrant, yet somber, nocturnal scene.

# *A NOITE*

*Agostinho Both*



Agostinho Both

## A Noite



Projeto  
**Passo Fundo**  
Apoio à cultura

Passo Fundo  
2011



Agostinho Both

## **A Noite**

Passo Fundo  
Projeto Passo Fundo  
2011

Projeto Passo Fundo

Página na internet: [www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)

e-mail para contato: [projetoassofundo@gmail.com](mailto:projetoassofundo@gmail.com)

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sítio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

**Creative Commons Atribuição-Compartilhaqual 3,0 Nao Adaptada.**

Para ver uma cópia desta licença, visite:

[creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt\\_BR](http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR) ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia, 94041, USA.

Revisado pelo Autor em: 08/09/2011

B749n Both, Agostinho

A noite [recurso eletrônico] / Agostinho Both. –  
Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2011.  
E-book (formato PDF).

ISBN 978-85-64997-14-1

Modo de acesso: World Wide Web:  
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Ensaaios brasileiros. I.  
Título.

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

## **Sumário**

Os primeiros assombros.....	9
Da mãe e do filho.....	18
Dos avós ambivalentes .....	23
Uma extremada adolescência .....	27
De amores e temores thibenses.....	30
Uma grande descoberta.....	33
De um sonho .....	36
Thibo na Universidade.....	39
De um inexpressivo amor .....	45
O renovado amor thibense .....	48
O acerto de contas.....	51
Das filhas de Thibo e Dirte .....	55
Um bom geriatra .....	57
O envelhecer de um casal .....	61
Aqui .....	65
As travessuras de um menino .....	67
Escritos da mãe .....	70
Antes da noite .....	73
As primeiras horas da noite .....	80
A noite do campo medonho.....	92
Aventura amorosa de Sanchito .....	97
Não só de amores vive um homem.....	101
Outro sonho pouco reparador .....	104
A triste história dos pardais .....	109
Álvaro é repreendido por Nossa Senhora da Conceição .....	114
Quando tudo parecia bem, em Passo Fundo....	118

Uma noite pra converter diabo .....	124
Quando tudo parecia bem, <i>Vampirus brasiliensis</i> ... ..	128
Conversa com o cego Lúcio .....	137
Sanchito e a doce senhora.....	142
Do último passeio de Trambejo.....	145



## **Os primeiros assombros**

Futebol na escola Naná Escobar. A turma do quinto ano preparava-se para a partida contra o time da sexta série. Thibo, um menino quieto, estava ao lado, enquanto o grupo chutava bolas, ensaiando-se para o jogo.

— Ninguém me supera na força, falou Lucas.

— Calma! Você foi o primeiro chutador. Vamos ver a força dos outros, retrucou Felipe.

Veio, então, André e acabou com a força de Lucas. Houve um grito de alegria, humilhando o primeiro.

Enquanto tais acontecimentos se sucediam, Thibo, o menino tímido, retirava-se. Os outros garotos exigiram a sua imediata volta. Puseram a bola na sua frente e gritaram: chuta, Thibo, chuta! E riam mais que podiam ao verem o desespero do piá. Mais e mais a timidez se manifestava. O goleiro, um menino grandalhão, debochava.

— Chuta!! Tá tremendo que eu sei! Vê se consegue fazer a bola chegar à goleira. Ria-se, junto com os outros meninos.

Thibo começou a sentir uma fervedura no peito... o sangue subindo à cabeça... um transtorno de humor gelando-lhe o rosto. O medo foi desaparecendo, dando vez a uma tonalidade afetiva de confiança e frieza. Nunca havia sentido um viço tão forte a perpassar-lhe o corpo. As pernas bambas tornaram-se rijas, como se fios de aço tomassem conta de sua musculatura. Enquanto isso, a tropa dos meninos gargalhava e os da sexta série gritavam:

— O Thibo é um galinha!, falou Lucas, ainda ressentido.

Thibo deu dois passos para trás. Seu movimento mostrava a extrema mudança... Somente o goleiro não reparou na agilidade do

chutador e ainda esboçou um riso debochado, sem conseguir, no entanto, dizer mais uma palavra. A bola estava uma bala. Bateu na trave, acima da cabeça, ricocheteou num estalo e rebateu na nuca do infeliz grandalhão. Nenhuma reação... apenas um corpo que caía silencioso.

Todos se calaram. Trouxeram um balde d'água que foi jogado sobre o goleiro. Acordou-se logo. Thibo ajudou a levantá-lo, pedindo desculpas. E num zás todos os garotos começaram a olhá-lo com o maior respeito. Depois da bolada thibal, iniciou-se a partida conforme havia sido combinado. Durante a escolha, na formação do time, todos estavam em dúvida: escolheriam Thibo pelo jeito de sempre, ou pela recente potência do chute? O jeito humilde havia voltado. Começaram a pensar ter sido um fato isolado. Foi posto como último escolhido, avaliando-se a bolada como um acontecimento de pouca consequência. Mal havia se iniciado a partida, já voltavam as velhas brincadeiras, desconsiderando-se o que haviam presenciado. As meninas que assistiam ao jogo viam o Thibo de sempre. Não debochavam, apenas tinham pena daquele menino encolhido. Não haviam dado mais de dois chutes, quando Thibo tomou a bola, atrapalhando-se todo. Para alívio dos outros, lá estava o pobre garoto em relação ao qual todos se sentiam superiores, e, mais uma vez, as palavras sem consideração rolavam no ar. Thibo foi tomado, novamente, por uma vontade superior que o deixou teso e ágil. Tornou-se leve, sentindo que, mal seus pés pousavam sobre a grama, já retomava a direção necessária para superar o adversário que vinha pela frente. A bola obedecia-lhe como se fosse uma amiga íntima, tomando o efeito desejado, ora parando na cabeça do companheiro, ora passando pelo meio das pernas de quem ousasse querer tomar-lhe a frente. Assim foi a partida toda. Seu time impôs uma humilhante derrota. O encanto foi geral, mas o poder de Thibo desfaleceu como a pequena planta não-me-toque. Revelou-se cada vez mais frágil e, depois de meio ano, não era mais selecionado entre os melhores.

Até a adolescência, diante de desafios ainda mais exigentes do que aquele de chutar uma bola, não lhe apareceu a força estranha que, naquela ocasião, perpassara o seu corpo. Somente diante de agressões

mais fortes resistia, dizendo palavras bem postas que desarmavam o agressor. Subia-lhe o sangue, mas tudo se mediava pela circunspecção. A leveza de espírito, entretanto, não lhe abandonara. Ia modulando suas reações de acordo com as circunstâncias, e dele podia se dizer: um educado menino. A mãe tinha orgulho dele, torcendo para que retornasse o superpoder, pois assim não veriam o filho reagir apenas com palavras excelentes e delicadas. O pai sempre fora um ausente, pouco se importando com o destino de Thibo.

Não dá para esquecer, porém, na primeira noite de seus 14 anos, quando teve que romper com seu pequeno lugar e ver de perto o isolamento. Foi estudar quilômetros de distância, tendo o apoio de um tio, mas trabalho era seu nome. A paz de espírito retirou-se por breves dias, e novamente veio-lhe uma força decisiva, apagando a saudade do pequeno lugar. Começou a estudar com tal decisão que nada escapava à sua atenção. Guardava tudo que aprendia e de olhos voltados para o futuro. Chorava irritado quando não decifrava os enigmas de seus temas de casa, mas não dava o braço a torcer enquanto não tomava conta, inclusive da álgebra e de outras operações mais fundas. A trivialidade de sua alma foi sendo exercitada para superar tudo que pudesse trazer grande ameaça.

Surgiu-lhe, por esses dias de compenetração inicial, uma noite de configuração muito estranha. Podia jurar de pés juntos que, muito mais que o dia em que jogara com extraordinária competência, foi a realidade visível que apareceu em sonhos. Dividiu-se ao meio durante a sonhação. Parte ficara descansando na escola, e parte, descendo as escadas, foi ter na cidade. Não mais havia a perturbação de seu corpo constrangido diante da realidade dos olhos. Andava com discrição e solenidade. Mais parecia uma pluma na brisa. Viu na esquina uma figura bizarra, parecendo-lhe o biso Tibúrcio, do qual a mãe tanto falava, mas desaparecendo logo entre brumas, sem dizer uma palavra. Além da rápida perturbação pela triste figura, havia uma espécie de alegria em ter a presença de todas as coisas. Uma comunhão silenciosa tornando-o capaz de conversar com os propósitos dos ambulantes. Formou-se um poder reparador diante das aflições facilmente percebidas e avaliadas. Sobrava-lhe o contato lenitivo



das palavras. Penetrava o ser daqueles que vinham ao seu encontro e, como se retira seixos das águas, retirava as angústias e os temores. Muito mais que a força de um chute era-lhe o poder de afastar as dores. Tanto quanto o significado das palavras, quanto o poder de curar, foi-lhe o dom de cantar. Em praça ergueu sua voz e cantos eram levados ao ar para delírio seu e de seus amigos ouvintes. Compreendia a extensão da vida e a grandeza de todos.

A sineta acordou-o na última canção. O acordar foi-lhe duro, depois do sucesso na praça. Agradou-lhe a sensação de viajante noturno, todavia, teve que silenciar, evitando a gozação de todos. De silêncio em silêncio, foi guardando para si os acontecimentos, sentindo-se dividido, não sabendo ao certo quem era: o menino pacato dos dias ou o menino encantador da noite, ou aquele que, escondido, ria até de sua fragilidade, acaso não seria aquele do qual sobravam forças? Breves foram os dias de maior confusão. Esperava o dia no qual poderia ter de si uma sorte grandiosa, não tanto por obra de seus esforços, mas por espontânea bondade da natureza ou, que fosse, de um anjo brincalhão que o assistiria em situações especiais. Jogava seu futebol trivial, e sua voz, quando ensaiava um canto, saía-lhe em jorros com diversas tonalidades, perdendo-se a harmonia. Não podia, então, contar com seu poder de encatamento nos movimentos dos jogos e no som de sua voz. Sentia: deveria levar sua vida de precariedade em precariedade: tudo tendo por base o poder de seu esforço. Seu sucesso começou a depender da forma de dizer palavras, apesar de lhe custar tanto afastar o sono. Estava aí um adolescente com preguiça contra um grande peleador. Leituras e mais leituras, textos e mais textos começaram a deixá-lo em razoável tamanho. Sua beleza não se traduzia pelas formas de seu corpo, não desprezível, e sim pela boca, que tinha uma leveza agradável. Tudo a que se referia tomava certos encantos. As pedras transforvam-se em nomes diferentes, as cores e as águas se revelavam nítidas. Isto é: o mundo e, qualquer que fosse sua composição, passava a tomar um jeito agradável. Os desenhos das coisas e das pessoas tornavam-se melhores pelas palavras de Thibo. Era esse o seu capital de encantamento. A timidez, porém, continuava,

apenas se afastando ao sentir que o ambiente não lhe era favorável. Isso acontecia quando não havia alguém que o confrontasse, inquirindo-lhe sobre o que estava falando. Foi somente uma vez que Lucas, o perturbador da autoconfiança de Thibo, levou a pior. O rapaz provocou Thibo a ponto de envergonhá-lo. Eis que Thibo ergue sua voz, e argumentos e mais argumentos surgem-lhe em defesa, vencendo a contenda verbal. Thibo, ao contrário de alegria, sentiu culpa por ter deixado Lucas em grande constrangimento diante das garotas. Por muitos dias ele tentou reparar o acontecido, falando bem de Lucas. Isso, porém, não impediu que levasse um par de bofetadas dos amigos de Lucas. Sentiu, então, que seu braço não estava para menos. Ao defender-se, acertou em cheio um tapão na cara de um comprido defensor de Lucas. A força foi desmedida e desmedido o tombo, retornando o temor pela lembrança que ainda tinham do chute. Ao menos serviu para que não dissessem mais que ele apenas tinha uma boa lábia. A quietude continuava a mesma, e poucos, muito poucos, os amigos. Sua presença trazia uma certa estranheza. Assim, em tudo, Thibo preferia que tivesse o jeito dos outros e não o seu, tão indecifrável. E é bem por aí que a história de Thibo continua. Ouvia todos os dias certas palavras maldosas e mais ainda se retraía.

Quem há de saber a direção da natureza humana e de todos seus meandros. Depois dos tapas, croques e palavrões, Thibo começou a sentir um rumor bélico dentro de si. Uma raiva que queria esquecer, mas um diabinho danado fazia retomar a humilhação.

— Isso não é jeito de um homem reagir! Mostre a tua força!

— Não se mede pela força a força de um rapaz, retrucava Thibo.

— Esquece, rapaz! Não é bem assim que as garotas medem o poder de um homem! Elas andam dizendo que você joga na coluna do meio!

— Não preciso de ninguém pra saber quem sou!

— Mentira, Thibo! A gente é muito mais o que os outros pensam. Todos dizem que você é um covarde!

— Mas acertei um deles, o que valeu para correrem!

— Não é bem isso que andam falando!

— Eles mentem!

— E daí? Se acreditam na mentira? Você que lê de tudo, sabe muito bem que a verdade é relativa.

E Thibo ia desse jeito, de porta em porta, percebendo olhares medidos pelo que o diabinho malandro insuflava.

Mais grave se tornou a situação para Thibo ao descobrirem ter ele ido conversar com o psicólogo. Duvidosas se tornaram as palavras sobre a sua normalidade. Entre medos, invejas e raivas ele foi se percebendo. Com mais um dia e outro ainda mais, foi penetrando em seu peito a possibilidade de convencer a todos de que poderia ter uma expressão humana mais interessante.

Última semana de internato. Celebrações e despedidas. O momento mais importante era aquele das despedidas na turma que se formaria. O diretor da escola e os professores é que escolhiam quem falaria. Seria o prêmio pela performance da linguagem. Thibo foi o escolhido. A escolha agradou somente às garotas, o suficiente para Thibo garimpar as melhores palavras de despedidas. Breve foi o discurso, o suficiente para agradar também aos garotos.

Mais valeu a razão que os ressentimentos de Thibo. Sua voz tornou-se límpida, e, como água de um riacho das montanhas, teceu considerações sobre a amizade, a convivência e o perdão. Aos colegas causaram boa impressão as seguintes palavras: *que todos tenham em si mesmos uma boa fonte de inspiração, e, se não encontrarem suficiente amizade, não guardem ódios inúteis. Se não obtivermos amizade, ou se formos lentos em agradecer, ou toscos, que nos perdoem. Retiremos o que houver de melhor em cada um com quem nos privamos.* Em verdade, não

havia muita sinceridade na fala, e, mais uma vez, sentia que haveria muita luta até fazer silenciar o diabinho perverso que falava com ele. Os professores estavam admirados pelas palavras solenes e bem postas, a ponto de questionarem Thibo sobre a propriedade do texto. O garoto enrubeceu, controlando-se mais uma vez. Disse apenas que seus estudos iam além do que haviam ensinado. Além da ironia acrescentou: não careço de um expediente que não seja meu. Nessa escola sofri muito e me desagrada que duvidem do que consegui por meus esforços.

A ambivalência revelou-se mortal ao se despedir individualmente, revelando o quanto seu discurso não representava todos seus sentimentos e poder. Ao proximar-se de Lucas, o mais ferino de todos, Thibo sentiu que não poderia conter a invasão de um ódio indefinido. Somente palavras sibilavam no ouvido daquele que, por tantas e tantas vezes, havia posto no chão a sua alma e feito dela um pano imundo. Não foram palavras quaisquer. Tinham uma estranha propriedade. Sugavam o que de melhor havia em Lucas. Este ficou perplexo, pois em um minuto foi fulminado, resultando da raiva thibal um menino inexpressivo. Olavo, o gozador, olhou-o altivo, mas, antes que o ridicularizasse, ouviu o que ninguém apreciaria ouvir. Novamente as palavras tiveram o efeito perverso de calar o pobre adolescente. Misericórdia seria o bom sentimento de alguém que pudesse ouvir e sentir os efeitos do jorro de sons perversos. Thibo não se alterava, mostrando uma fluência serena em palavras que derretiam os sentimentos de quem se despedia. Ataliba, que tivera em Thibo a vítima preferida, repentinamente, começou a vomitar, mal havia terminado o jorro do thiboso verbo. Áspide perigosa, disse-lhe o Veloso, o que fizeste a meu amigo? Bastou que terminasse a pergunta para perceber que chegara a sua vez. Nada sobrou de bom na alma velosa. Assim se fez a mais apavorante noite em sete dos colegas. Todavia, a nada poderia ser comparado ao resultado das despedidas tão avassaladoras. Nenhum deles tornou-se o mesmo e os sete deixavam um rastro de infortúnios, tamanho o prejuízo dado pelas venenosas palavras. Ao contrário, em Thibo, sobravam os benefícios das virtudes de quem o fizera sofrer. De Veloso recebeu um estilo insinuante. De Ataliba, a esperteza vivaz e ágil.

De Olavo, um espírito de humor que encantava. De Lucas, a coragem comedida e adequada. De Leo, a capacidade de inventar saídas nas piores situações. Por fim, acabou com as violentas forças de Guinaldo e Juvenal.

A conquista perversa, entretanto, em nada agradou a Thibo, causando-lhe grave distúrbio. Dizia a si mesmo: me tornei um vampiro. Suguei de suas almas o que não me pertence. Não se imaginava capaz de roubar o que era dos outros. Nem ao menos era capaz de ficar devendo uma caixinha de fósforos e agora roubava parte da alma de seus colegas. Imaginou-se um Pizzarro, de criador de porcos, tornou-se aquele que tanto fez sofrer, retirando vidas e propriedades. Instalou-se um conflito extremo, a ponto de ir ter com um psicólogo e, posteriormente, com um psiquiatra. Ambos confirmaram a gravidade do distúrbio. Merda, merda, quem sou eu, vivia repetindo. Lembrava-se de uma antiga lenda árabe na qual um beduíno vivia tão incerto sobre si que, antes de dormir, prendia um balão na perna para no outro dia saber quem era. Pior do que a história do árabe era a dele, pois muito mais grave era não saber o que lhe pertencia ou o que seria dos outros. Tentou compreender, mesmo com toda a literatura, o quanto podia compreender um menino mal entrado na adolescência. Tanto o psiquiatra como o psicólogo e mais um pastor que elegera como diretor espiritual – até pensara ser coisa do demo –, todos os três diziam que as virtudes roubadas nada mais tinham que seus íntimos desejos e que a grande dor em relação a eles era de dupla face: por não ter o que tinham e não ousar com as suas. Assim sendo, aprendera deles o poder de se apropriar de suas virtudes sem maiores exercícios. O apagão das virtudes alheias era explicado porquanto seu poder de falar constituía-se em atos muito bem praticados e penetrantes. Afinal, dizia o psiquiatra, o domínio da palavra é a casa de quem pode. Como era exímio na espada verbal, associada à virulência de sua enorme raiva, acabou se sucedendo o acabamento das melhores virtudes de quem o havia ferido por tanto tempo. A notícia do acabamento das virtudes espalhou-se. Medindo todo o sofrimento de anos, avançou sobre a crença de não ter feito tamanha maldade. As meninas, em seu incipiente sentimento maternal, diziam



incisivas, durante muito tempo ainda: eles tiveram o que mereciam, mesmo que ficassem alijões sem as suas melhores forças de causar boa impressão. Apenas o pastor orientou que obtivesse o perdão dos antigos colegas, pois não se retira dos outros o que não nos pertence!. Dizia enfático o raro pastor italiano: o que é di nói é di nói i qui é de altri é di altri. A ordem do pastor passou a ser entendida como recomendação. Isso, porém, não aconteceu *asi no más*.

## Da mãe e do filho

O poderio de Thibo tinha suas raízes mais fundas.

A mãe, ao ter notícias dos prejuízos causados aos colegas e da tristeza das mães dos adolescentes perdedores das melhores virtudes, percebeu que seu menino trazia de origem alguma deformidade na alma. Ela dizia para si mesma: pode-se ter um mal sem culpa, mas não se pode crescer como um parasita. Se fosse do diabo ou se fosse de sua herança familiar, não importava, poria em ordem o que deixava seu filho andar por aí como um ladrão. A pobre senhora entrava em dúvidas severas – mas nem tanto que não tentasse fazer de seu filho um fiel companheiro – ainda mais fortes que o sentimento de dor de vê-lo como um ladrão de virtudes. Sabendo que a bondade e outros hábitos não se fazem em palavras, voltou-se para ações repetidas. Somente elas, feitas à exaustão, vão dar conta de meu filho aprender com quantos paus se faz a casa de um homem decente, aconselhava-se.

Convidou Lucas a que viesse até sua casa, dizendo que por boas palavras ele teria de volta sua coragem. A mãe do piá ofendido relutou em exigir do filho que fosse ter à casa de Thibo.

— Pelo amor de Deus, meu filho, vá até lá! *Quela bruta bestia* tá arrependido!

– Ô manhe, tenho medo!

– *Ma, depois*, você vai vivê fechado e não vai chegá perto das guria. E Deus me livre ter um filho sem me dá um neto!

Lucas chorava, estando a quilômetros do voluntarioso e intrépido garoto que fora.

A mãe de Thibo fez com que telefonasse para Lucas. Isso foi feito. Lucas acabou indo à casa de Thibo, soltando lágrimas pelo caminho,

tamanha era a insegurança e o temor. Quando lá chegou, a mãe de Thibo recebeu-o solícita e reverente, tentando imprimir no visitante um pouco de confiança, todavia provocou mais lágrimas. A senhora Lucídia viu-se impotente ao perceber a reação de Lucas diante do filho que acabara de entrar na sala.

— Veja, Lucas, Thibo quer pedir desculpas, falou dona Lucídia. Vai devolver o que te pertence. Tu vais virar uma montanha de vontade.

Mais ainda chorava Lucas.

— Tenho saudades de mim, tenho saudades de mim. Falou entre suspiros.

Outras palavras generosas foram ditas, mas não havia correspondência na reação. Como último recurso, a ver se devolvesse um espírito confiante, a mãe de Lucas aproximou-o ao seu colo, cantando uma terna canção. Thibo, vendo que nada resolvia, foi perdendo a paciência, revelando na segura da palavra um consolo qualquer.

Nada se impunha de melhor no coração de Lucas, parecendo um urutau. O que mais queria era se esconder. A tristeza de um vazio agressivo penetrava em Thibo. Como defesa, o parasita thibal agradiu o visitante, dizendo que era um covarde, um bundamole, e outras ofensas foram repremidas pelo olhar enfurecido da mãe. Lucas, apavorado, saltou do colo e saiu correndo da casa, deixando um rastro de lágrimas. Thibo, em conflito, não sabia se ria ou se chorava. Lembrou-se de seu professor de literatura, o qual amava os escritos de Borges. Apreciava *O livro dos seres imaginários*, e achava muito engraçado Squonk, o excêntrico animal da Pensilvânia que gerava um grande sentimento de pesar por traduzir toda a tristeza humana. *É muito retraído e geralmente viaja na hora do crepúsculo... é o mais infeliz dos animais. É fácil seguir-lhe os rastros, porque chora continuamente e deixa uma trilha de lágrimas. Quando é acurralado e não pode fugir, ou quando o surpreendem e o assustam, dissolve-se em lágrimas...* feito uma mulher que pensa ou sente que não é mais amada. Nem bem essa lembrança havia se instalado, foi quando a

mãe quase rebentou-lhe o rosto com uma bofetada. Thibo abriu a boca. Mãe nenhuma gostaria de ouvir as palavras que foram pronunciadas.

— Por 14 anos sempre seguraram meus sentimentos, e eles se perturbaram. Agora já não sei o que faço com eles.

— Fico perturbada vendo você desse jeito. Se acaso fui quem te deixou dessa maneira, peço perdão, meu filho.

— E das surras que levei de meu pai quem vai me livrar?

— Em todo caso não use tua raiva, como teu pai, sobre inocentes.

— Tudo menos inocentes eram os sete que desmanchei! Todos os dias me cercavam pondo sentimentos maus em mim. Me sentia prisioneiro e nada podia fazer. No último dia, consegui pegá-los de surpresa, e, sei, um ódio avassalador fez que dissesse horrores. Nem eu sabia da força de minhas palavras. Não tenho culpa de feri-los tanto assim.

— De Lucas você tirou a coragem. E como ficaram os outros?

— Leo ficou preso na mesmice! Não sabe que direções tomar. Perdeu o rumo, e os passos ficaram incertos. Era ele que encontrava a melhor forma de me destruir! Depois era Lucas que avançava, ridicularizando minha origem quase miserável. O mais perverso era Olavo. Seu humor hostil conseguiu me pôr nu diante de todos, e os outros tomavam coragem de me tornar ainda mais ridículo. Eu acabava parecendo um animalzinho feito de pedaços de pano e de linhas que mal costuravam.

— A tua história me mata, pobre filho!

— Tem mais! Ódio maior eu tive do Juvenal e do Guinaldo. Dois parrudões, toda semana me aninhavam num canto e me batiam, e de medo eu não acusava ninguém. Foi num dia desses que se avolumou uma força desconhecida, como no dia em que chutei uma bola. Quando Guinaldo apertou meu saco, acertei um soco que o derrubou, e os dois safados sumiram. Mas como a força nem sempre surgia os dois quase me esfolaram.

— Filho querido!

— Havia outros sofrendo, mas ninguém foi mais vítima que eu.

— Filhos de putas! E não havia ninguém pra te proteger?

— Poderia haver, mas seria pior falar. Se dissesse para a senhora, a direção chamaria os colegas, mas depois tudo seria pior. Deixemos tudo assim, minha mãe. Os braços do Guinaldo e do Juvenal já estão sem forças e, garanto, não vão espremer os testículos de mais ninguém.

Dona Lucília estava arrasada por tudo que ouviu. Aproveitando o momento, quis saber se alguém mais havia ferido o seu Thibo. Ouviu o imponderável. Havia uma professora que era um diabo. Diabo perfeito. Feria como ninguém e tinha poderes extraordinários. Usava sua raiva, de preferência, contra aqueles que a contestavam. Um professor disse um dia que era melhor namorar um pé de cactus que ter nos braços aquela mulher. Era uma amiga de Lucas quem levava a ela as fofocas que faziam a seu respeito. Mentiu sobre mim, embora houvesse me escapado uma opinião imprudente sobre ela. Isso me valeu muito sofrimento. Ela dizia aos outros de minhas dificuldades, tornando-me o último dos seres. A filha de uma puta convencia a muitos sobre vícios que eu não tinha. Inclusive, dizia que se cuidassem de mim porque tinha jeito de ladrão. Não quero mais lembrá-la para que possa acreditar que as pessoas têm um pouco de bondade.

— Pai do céu! Como pode uma mulher ter tanta crueldade!?

— E era muito prestigiada. Tinha toda a iniciativa do mundo, e nisso era competente. Toda a direção da escola tinha nela uma referência de professora.

— Mãe do céu! Pare, filho, antes que me torne uma completa descrente.

Se fez um longo silêncio sobre a maldade falada. Depois Thibo chegou-se ainda mais em sua mãe, dizendo o que jamais dona Lucídia esperaria.

— Sei que me silenciaram em minha casa. A senhora foi tão severa comigo. Tantas e tantas vezes segurou meus sentimentos, temendo que me tornasse semelhante ao meu pai e ao biso Tibúrcio que nem conheci. Não acuso de nada. A senhora tinha peso demais por ter se casado com um bêbado. Quis fazer de mim um menino sem nenhuma maldade. Mas, acima de tudo, terei na senhora o exemplo de uma mulher que sozinha venceu os piores demônios caseiros. Agora que já atravessei a infância, fico pensando em que homem vou me tornar. Como serei aos cinquenta, como serei aos setenta?

— Filho meu, filho meu! Terás uma alma boa, apesar de tudo. Vamos juntos limpar todos os dias tudo que se atravanca em nosso caminho. Escreva tudo que te comove e incomoda. Ponha melhor ordem em teus assombros.

— Mãe, me conta de que origem eu sou formado para saber dos diabos que carrego.

— Te contarei. Desde já quero que saiba que também existem anjos em tua história.

## **Dos avós ambivalentes**

Passados alguns dias, descobertos os sentimentos e mais sinceros os diálogos, falavam mãe e filho em noite de poucas nuvens.

— Veja, Thibo, não é comum os filhos saberem de si mesmos a partir de suas casas. É bom que tu saibas que existem movimentos dentro de nossa alma vindos de sangue em sangue. Vou falar do avô de teu pai, homem muito malevo. Para saber dele é bom que se diga de seu tempo. Era a revolução louca dos chimangos e maragatos. Dentro dela ele conseguiu revelar toda a crueldade. Era o matador de prisioneiros. Era um degolador de gente, mal sabendo a razão das batalhas. Com prazer foi convidado a ir até a Bahia e se meter na matança da gente de Antônio Conselheiro. Eu, escondida, ouvi de uma conversa sobre a maneira horrível daquela mortandade. Descobri a perversidade e a força tenebrosa de teu bisavô. A velocidade e a violência andavam livres em seu braço. Ria, desabrido, nos lances mais ferozes. O pior é que, quando voltava dessas covardias, ficava implicando com tua avó e batendo nela por razões de suas bebedeiras. Todos torciam para que outras brigas acontecessem e o matassem de uma vez. Foi morto numa briga de galpão. Assim tiveram um pouco de paz. Teu pai não andou longe dessa vida. Aprendeu de cor a lição da maldade. Ele conseguiu, por algum tempo, livrar-se dessa loucura de si. O tempo foi breve, mas o suficiente para me enganar, e você sabe do sofrimento enquanto esteve aqui em casa. Sempre tive medo de que o mesmo diabo estivesse atravessado em teu corpo. Também notei em ti traços quase iguais aos de teu bisavô. Numa de tuas brigas, quando muito pequeno, quase mataste o Adroaldo, e vi tua gargalhada no choro dele. Sei que abusei da violência e de outros castigo brutos. Lembro com muita dor o dia em que te fechei no quartinho escuro. Tua força exagerada havia deixado o Anselmo tonto por dois dias. Choravas, então, porque ninguém topava andar contigo. E me doía ainda mais o teu silêncio. Eu ficava como mosca tonta em torno de ti. Filho,

ainda tenho medo de que movimentos bruscos e fortes andem perdidos em ti.

— Era por isso que a senhora estava sempre aturdida e espantada comigo, fazendo até eu ter medo de mim. Vou ver com a senhora o que fazer. Ando em mim entre um monstro e a bondade.

— Filho, não sabia lidar contigo. Mas deixe que conte outro lado da tua história. Tu fazes lembrar também, em muitos momentos, a figura terna de teu avô, meu pai. Foi pena ter morrido tão cedo. Ele poderia ter nos socorrido e nos livrado de muitos sofrimentos. Teu pai ouvia meu pai Antônio, mas, antes de qualquer concerto, partiu com sua voz serena. Ele era a alegria da manhã à noite. Sua força igual a de um cavalo puxava todas as necessidades sem uma queixa. Dizia: a vida é breve como uma erva. Nada pode tornar ruim meus minutos. Certo dia, eu o vi de cabeça baixa, era porque a morte tinha visitado a casa de seu amigo. Não mais foi sua tristeza que o tempo de limpar da face uma lágrima. Deixa que te diga melhor a lembrança de meu pai. Era como uma avelã de alma e de corpo. Como o de uma corruíra parecia seu despertar. Não sei o que dá nas pessoas boas como ele de quase sempre escolherem pessoas difíceis para suas companhias mais íntimas. Minha mãe se matava pelos filhos, mas cobrava demais da bondade de teu avô. O diabinho dela tinha felicidade em vê-lo correndo de cima para baixo. Trabalhava em selas e sapatos, e dos lucros de um sapateiro quem poderá sustentar com tranquilidade uma família? Ela o atazanava em razão de nossa pobreza, embora não austera, mas de alimentos comuns e roupas repetidas. Essa é uma casa sem futuro, dizia ela. É o que de melhor tenho pra te dar, respondia ele. Quem há de saber, mulher, se no meio dessa pobreza não vai sair gente boa. Boa poderá sair, retrucava, mas lambendo sempre os beijos com vontade de ter um pouco mais. Estou dando estudo, minha querida senhora. Ainda vamos ver um doutor vindo nos ver, concluía. Ela, com um muxoxo e um gesto da mão direita descendo rápido, mostrava sua descrença. Ser humano tão bom não vai haver nem entre os mais sábios chineses. Depois dessas encencas com a sua avó, nos olhava a mim e teus três tios com uma ternura enorme, nos protegendo. Tua avó



parecendo sempre sentir-se ameaçada. Qualquer palavra mais dura deixava-a enfurecida. Teu avô, nesses momentos em que ela desancava em autoridades, dizia: por Deus, meu amor, estou aqui para servi-la. Enlaçava seu corpo gordo com grande encanto. Nem Sancho Pança seria capaz de mostrar um amor feito assim à sua Teresona, nem Quixote à Dulcineia. Vi meu pai, antes de dormir, alisando seus cabelos para que pudesse dormir em paz. E o dia em que ela ficou doente, penalizava-me ver sua face preocupada.

Thibo olhou pra sua mãe, muito desconfiado.

— Mãe, aonde a senhora quer chegar com essa história?

— Não dá pra desconfiar?

— Sinceramente, não!

— Pense muito, mas muito mesmo, em meu pai, teu avô.

— A senhora acha que vou ficar como ele?

— Não igual, mas espero que a maldade do degolador rivalize com a bondade de teu avô Antônio.

— A senhora sempre dizia que ao expulsar um diabo outros sete estão de olho.

— Apenas citava o que Jesus falou. Tem mais, isso significa que não dá para dar moleza a eles. Esperam qualquer momento para entrar em nossa casa e fazer a maior bagunça. E isso não é o pior: pior é o que se reflete nos outros. Te cuide, piá! Me lembra de uma história em que o avô de teu pai bateu em tua bisavó. Um dos filhos interferiu, deixando o mísero homem desconcertado. O suficiente para deixar em paz aquela manhã. Tua bisavó contava que ela havia escondido uma faca nas vestes e o mataria. Se não fosse a decisão de um dos filhos haveria um crime muito feio. Então, filho, somos mais importantes que imaginamos. O dia em que o anjo de teu avô Antônio prevalecer, ficarei mais feliz que tu! E pelo amor para com tua mãe, não fique do lado de uma mulher sem

doçura e sem boas palavras. E, por tua parte, não a ofenda por nada nesse mundo. Uma mulher ferida é sempre um perigo.

## **Uma extremada adolescência**

Vindos os dias em que a carne entra em frêmitos, não poucas vezes em convulsão, Thibo botou pra ter atenção consigo. Sua mãe dizia: sinto que em ti mais que em todo garoto existe a mais preocupante ambivalência. Sangues diferentes coabitam.

Aos poucos aquele silêncio infantil foi dando lugar a um rapaz cheio de ponderações. Duas vezes apenas, em seus cinco anos de maiores mudanças, sentiu que surtos de humor não se abrandavam. Os outros dias andavam em leituras e conversas com um restrito grupo de amigos e amigas, parecendo já que o temor de perder-se em rudes movimentos começava a se afastar. Sabia, por leituras: não se abrandava toda a natureza pela vigilância: tem sempre a vivacidade exorbitante. E vieram sobejamente os desejos de muitos tipos. Vieram seus cavalos vibrantes e tensões mal domadas. Como corridas em poeiras levantadas, vermelhas e de sóis faiscantes, avaliou alegrias e quase convulsões. Chorou quieto entre perguntas sobre a condução de sua carroça. Alinhava os dois cavalos: o da vontade controlava o da ira e da tristeza. Aligeiravam-se suas loucuras particulares, mas estava seguro pela mediação de si e da mãe. A serenidade mais anunciava tempestades que calmarias, mas nada que pudesse comprometer a sorte. As noites é que lhe diziam de sua inquietude. Não poucas vezes viu-se em pequeno barco em altas e agitadas ondas. Outras vezes entre nuvens que rompiam com sua integridade. Mãe do céu, despertou dizendo entre suores, ao cair de seu abismo. Apenas uma noite todas as cores se fizeram doces. Estavam em conjunções variadas, em harmonia, e, belas, produziam um inestimável bem-estar. Estava rigorosamente conforme as orientações de mãe Lucídia, embora das movimentações extremadas. Por mais que quisesse negar o poder da mãe sobre as inquietudes, lá estava Lucídia, garantindo em palavras, gestos e solicitações que não perdesse dentro dele o avô Antônio. Duas ou três vezes segurou o degolador num jogo de futebol. Um

engraçadinho apontou-o como o filho do bêbado: o pai dele foi preso querendo agarrar uma mulher, disse-lhe o impertinente do Adroaldo. A resposta veio em garras: é verdade, respondeu, e era a vagabunda de tua mãe. Mal se houve o chato. Sentiu a firmeza do braço ligeiro de Thibo. A marca no pulso mais pareceu uma marca de ferro em brasa. A direção chamou os dois contendores e tudo foi acertado como um incidente passageiro. Por mais de mês, Adroaldo andou de camisa de manga longa. A mãe de Thibo temeu que fosse retirar alguma virtude de quem quer que fosse, pois Lucas ficou marcado pela covardia, e Leo, em dificuldades de saber para onde ir. Os outros três, como Olavo, andavam de pouca graça. Aos dois que perderam as forças sobrou-lhes apenas um pouco de viço. Não é justo, dizia a mãe, que a palavra monte almas pobres para que mostres teu poder. Filho, estar acima não carece de violências. A grandeza tem sua força e não causa estragos.

Foi travada uma luta entre Thibo e a escola para que não o vissem como um diabo a caçar almas. Ao final do ensino médio, todos podiam contar com a solidariedade do rapaz. A resistência diante de surtos defensivos levava razoáveis vantagens. Somente uma vez, ao controlar-se quando lhe roubavam os tênis, arrependeu-se de não ter esganado um dos ladrões. É difícil o aprendizado do meio termo, filosofou a mãe.

Dezenove feitos. Sem definir quem era, sentia, entretanto, estar um pouco mais seguro. Tinha vergonha de usar com pleno desfrute a arte humana de coordenar afetos e somar sua sabedoria com a alheia. As iniciativas tinham uma forma intuitiva, aliada à razão concisa. Não se vangloriava, sobrando-lhe um certo temor da sua metamorfose. Leu em Borges de um animalzinho, morador de uma torre muito alta, que despertava, alegremente, quando subiam para vê-lo por uma quase interminável escada. Percebia-se assim também, por causa de sua fragilidade, e alegrava-se com o reconhecimento dos outros. Ao chegar aos vinte, perguntou-lhe um professor sobre a raiz de sua vontade, por vê-lo tão infatigável nos estudos de história e literatura. Respondeu, com certo embaraço:

— Não é minha essa virtude. Não fosse a vontade, soltaria minha soda sobre tudo. Isso aprendi de uma vez, em transe de meu ódio, querendo ter, com toda inveja e ira, o que não me pertencia. Mais ainda, professor, roubei o que era de colegas que até agora não conseguiram se livrar, de todo, de minha conduta invasora.

— De fato, Thibo, somos animais extraordinários, brincou o professor. Espero que não te decepciones com os arranjos que farás de tua vida. Eu, de minha parte, me esforço como um velho diabo, não mais preocupado com pecados, mas em me solidarizar, não repetindo males por onde passar. Tenho desejos de minhas loucuras, mas venço-os como a Virgem tendo a cobra sob seus pés. Se atravessares os verdes anos sofrendo pela agressão feita, é bem possível pôr em ordem tua intimidade. A sensibilidade faz bem e não machuca.

## De amores e temores thibenses

Andava pela vida como gato escaldado, cheio de cuidados. A vontade pouco estava resolvendo na sorte do amor thibense. A primeira namorada, uma alemoazinha bonita, levou notícias ao seu coração, e ele começou o ciclo de inconstâncias e dúvidas. Iniciativas não lhe faltariam, mas ainda que tivesse muitas virtudes não lhe eram suficientes para avaliar o melhor para ele. Aí mora o inesperado, exasperava-se. Faltou que roubasse de alguém a arte de amar. Devo me contentar com a minha. Incipiente, vulnerável. Um pássaro sem hora alguma de voo.

Sua mãe, fazia dias, estava curiosa. O que seu filho estaria escrevendo em seu diário? Dona Lucídia tremia só de pensar que pudesse estar dependente da carga genética do perverso avô Tibúrcio. Os gestos das mãos, do andar e alguns acontecimentos eram sinais evidentes do sangue que corria nas veias de seu menino. E como andaria ele na expressão do amor? Teria ele traços de Antônio ou de Tibúrcio, o desqualificado? A preocupação se dirigia em várias direções. Ela sabia de cor e salteado o quanto representa ter um homem psicopata dentro de casa. No dia de uma excursão do colégio, foi ao quarto de Thibo e não resistiu. Lá estava a brochura com as impressões do seu quase homem feito. Consolava-se por antecipação. Se escreve é porque está examinando sua vida. A escritura é um santo remédio. Confessar a si mesmo e, pela visível palavra, tem tudo de bom. Abriu:

*Ontem à noite sonhei com ela. Não tenho como entender todas as imagens que se precipitaram. Conto pra não esquecer: fui até uma oficina de onde tomei de empréstimo uma combi para ir até a casa dela. Ao sair do local, apareceu-me um garotinho magro, branco, de uma qualificada beleza. Me espiava do canto do portão de entrada e, logo a seguir, pôs-se a dançar, rindo com muita alegria. Depois veio em minha direção. Ao abraçar olhava-me nos olhos. Uma linda figura.*

*Terminada a cena, já estava, então, com um amigo em viagem rumo à casa de minha garota. Sentia uma intensa alegria por dirigir-me até lá. Acompanhava-me o colega da extrema esquerda, político, dizendo ter conseguido um recurso para desobstruir um dique de onde jorrava muita lama. Levava consigo pedras semipreciosas. Deixei-o sob uma árvore à beira do caminho com alguns sacos cheios delas. Perguntou-me sobre o preço de seu transporte. Agradei apenas sua companhia. Já estava tenso e ansiava chegar à casa de minha amada. Escolhia, palavra por palavra, para o momento do encontro. Desconfiava de não estar preparado porque a hora era importante demais, uma vez que poderia dividir meus tumultos e toda minha vida. Ao chegar à casa de minha alemoazinha, percebi meu desejo menor que minha vontade. É pena que não consigo traduzir toda a ternura que vibrava no meu peito. Vô Antônio estava indefinido em mim. Pior sucedeu momentos depois. Ouvi um comentário sem nenhuma graça do pai dela: o que quer esse fedelho com minha filha? Um potro indômito insurgiu-se em mim. Biso Tibúrcio, o estrangulador, faminto de sangue, era ele em pessoa que desceu. Uma angústia de outro mundo avolumou-se. Santo Deus, não sei com que força segurei o animal enfurecido. Senti frêmitos de matar aquele homem. Acordei suando, e que minha mãe não saiba da raiva que ainda sentia.*

Dona Luci, era assim que seu filho a chamava, sentiu-se bem por ver seu filho examinando o homem que tentava ser. Embora com vergonha do ato que ela praticava, mesmo assim continuou a leitura.

*Não preguei mais meus olhos, ao contrário, estavam arregalados que eram dois pilas. Julguei ser eu mesmo o menino, atento e feliz pelos novos acontecimentos. As terríveis mostras de uma política espúria me diziam sobre um tempo precário de andar. Tudo se misturava dentro do temor, ternura, vontade e violência. Se anda entre preciosidades e lama. Vi, pelo encontro do qual tanto esperava e pelo tanto que prometia em mim, um resultado minguaado. Entre minha vontade e meus desejos tinha muito de aprender. Da égua de minha vontade forte, da violência involuntária e dos desejos de amar vou encontrar um termo bom nem que seja a pau. Acho que amar é uma tarefa muito complicada. Mas se puder*

*encontrar uma mulher que tenha uma ternura lucídia, acho que vou  
terminar meus dias podendo dizer que vivi.*

Havia alegria em Lucídia, como se os dedos da aurora tivessem retirado a escuridão da noite.



## Uma grande descoberta

A transparência de Thibo fez com que a alemoazinha Dirte começasse a demonstrar um carinho sincero. Luci começou a estimar positivamente a relação, não sem antes ter conversado com ela, auscultando criticamente a conversa dirtiana. Versaram sobre o mesmo tema: Thibo. Depois Luci, com delicadeza, passou a versar sobre a guria. A conversa tornou-se boa. A mãe media algumas virtudes de Dirte. Seria ela capaz de equilibrar as contradições de seu rapaz? Até o momento de se pôr à prova a pessoa, em seus jeitos e costumes, quem pode garantir das virtudes de alguém, pensava a examinadora senhora. Luci tinha suficiente experiência, já sabia de pessoas de boas palavras se transformarem em lobas quando defrontadas com certas dificuldades. Não estava a fim de ver seu filho devorado, e era isso que uma relação pouco expressiva poderia fazer, cogitava. Todavia, a grande professora se enchia de confiança quando Dirte expressava seus esforços carregados de cuidados em torno de um irmão cego. Por parte da garota ocorria um fenômeno positivo, pois o reconhecimento atento de Luci deixava-a animada em seu jeito de ser.

Por esses dias em que uma casa se constituía, Thibo revelou em seu diário sobre recomendações feitas a si mesmo.

*Não sei se por razão de minha virtude ou pela necessidade de Dirte, vejo o quanto tenho poder também de comover e transformar. Ainda bem que o ódio, deixando colegas de alma torta, não esgota o poder de minhas intenções. Vejo que minhas palavras ditas com uma ternura contente convertem anseios em confiança. Será isso o amor: o poder de fazer avançar a vida? Quando a vejo muito entristecida diante do irmão que se bate pelos cantos, digo-lhe que a tristeza também é uma força que apela para mudança. E o que tem de diferente entre teu irmão e nós que nos debatemos entre o passado e o futuro? Assim aprendemos a lidar com*

*os acontecimentos e podemos nos tornar melhores. Se teu irmão se prostrar diante de seus tropeções, pode não aprender a ir em frente. Mal havia terminado de conversar, quando vi o rosto de Dirte mudado. Meu entendimento, ainda que de palavras, refez sua dor, deixando-a fortalecida. Muito forte. Ao sair da casa de seu Sigismundo, estava encantado por descobrir que minhas palavras, ditas com agradável emoção, punham a salvo o que podia causar dano. Meu pensamento estava confortado. Ao chegar em casa, vi mais exatamente o que o contrário pode fazer.*

Lucídia não conseguia disfarçar as lágrimas nos olhos. A confissão se tornou inevitável. Thibo chegou-se nela estimulando que falasse. Ela quieta como um poste.

— Tá bem, não quer falar, não fala. Outra vez que pedir dos meus silêncios vou fazer o mesmo. Sairei dizendo que é nada. Vou dizer que dividir problemas não leva a lugar algum. Vou calar sobre minhas aflições. Vou dizer que cada um aguente o peso. Vou falar dizendo que amigo é só pras horas boas.

— Tá bem, eu falo!

— Sou eu o motivo?

— Não, filho, são lembranças que retornam. Sabe, acredito que as pessoas não são más. Elas ficam doentes, ou porque a natureza deixou-as fracas, ou porque se tornaram doentes por péssimos costumes. Teu pai foi se tornando cruel, parecendo uma enchurrada que desanda. Enquanto teu avô Antônio esteve segurando as pontas, tudo andou bem. Depois foi o descalabro. Você lembra de como o debochado me humilhava? Você lembra de como batia quando chegava bêbado? Aí está a razão, filho. Perdi meu marido, e a humilhação ainda persiste. Por mais que tenha você, o passado ainda atrapalha o presente. Choro, então, lavando-me um pouco, e tudo fica melhor.

— Perdoa, então, teu marido, já que ele era um doente. Não deixe que outro tenha a senhora na mão. Sei, mãe, os fantasmas são

indomáveis, somente uma boa dose de humor e perdão conseguirá acalmá-los. Minha linda senhora, monitore seus fantasmas com alegria.

Tenho encontrado meu pai no caminho da escola. Vejo nos olhos dele muita vergonha. Espero não ofender alguém novamente para não carregá-los comigo por muito tempo. Assim, já tenho o suficiente para ter comigo os sete colegas ofendidos. Soube que Lucas já não chora tanto por onde anda. Em Veloso volta seu estilo insinuante. Ataliba retoma seu jeito esperto, vivaz. Olavo já encanta as garotas com seu espírito de humor. O Leo já busca, é verdade sem muita competência, saídas nas piores situações. Aos braços do Guinaldo e do Juvenal parece que voltam algumas forças, mas, garanto, não vão exprimir os testículos de mais ninguém. Tiveram seu prêmio. Em tudo se põe remédio. Meus diabinhos não vão me controlar. Agora vou estudar, que o vestibular me chama.

Preste atenção, dona Lucídia, o teu filho é meio torto, mas pode ouvir que a palavra é sincera. Perdoa teu ex. Luci, guarda tua beleza para alguém, bem que sei que existe.

Depois Thibo saiu correndo, rindo pra valer, antes que um chinelo o alcançasse.

## **De um sonho**

Thibo levava sua vida sem grandes exultações. Raramente, tinha sonhos expressivos. De um deles, entretanto, guardava nítida lembrança. Passeavam os três pelo largo campo, Thibo, o impecável Antônio e o esgrouinhado Tibúrcio, do qual era mais nítida a lembrança pela forma exótica de ser. Antônio mostrava ternura, contemplando as ervas, pitangueiras e guamirins. Ao contrário, Tibúrcio, sem meias palavras e com gestos rasgados, narrava peleias e mortes. Ainda que assustador, o degolador atraía mais que o velho Antônio. Por não medir palavras, Tibúrcio dizia aturdimentos: viva a vida, seu fdp! Você vai ter uma eternidade para carregar no lombo. Mira cá, muchacho, não amordace tuas possibilidades.

Atavessavam sangas e rios, pisando flores e ramos. Os passos largos de Tibúrcio nada respeitavam. Thibo e Antônio mal conseguiam acompanhar.

— Que história é essa que contam de mim?, falava o matador. Falam tudo pela metade. Matava, sim, mas tinha uma luta federalista. Ouvi o chefe maior, Silveira Martins, falar que cada estado teria uma vida cheia de poder, ao se criar o parlamentarismo. Perdemos, mas veja o que aconteceu: uma merda de nação! Os recursos todos estão centrados, e a pobre gente sem poder. Não apareceu depois de nós nenhum desgraçado capaz de resistir. Vivem pedindo bexiga, e os pequenos lugares mal sustentam as casas. Faria tudo de novo. E a minha neta Luci vive me amaldiçoando. Tu, Thibo, bem sabes o que ela anda falando.

— É verdade, ela fala, e acho que tem razão sobre a sua forma de matar. Matavam covardemente até os prisioneiros. E você nunca deu o devido respeito à sua casa.

— O que eu deveria fazer? Não tinha comida nem para nossa tropa. Estaria eu, acaso, disposto a sustentar aquele bando de pica-paus do tirano Júlio de Castilhos? E eles não faziam a mesma coisa?

— Se alguém entra no fogo, todos são obrigados a entrar?

— Escuta aqui, piá de bosta. Tu deverias entrar no tempo em que vivi pra saber o que fazer! E o que tua mãe fala de meu comportamento em casa, em parte, ela tem razão. E quem não fica bruto, matando? E quem não fica devendo para a fidelidade, metido durante mais de ano fora de casa? Se é pra ficar do jeito desse cara fechado, honesto, fiel, sem graça, prefiro ter sido o que fui, falou nervoso, olhando para Antônio.

— Não me venha com essa, respondeu Antônio. Vivo minha vida de parques recursos sem precisar de loucuras. Pra mim, seu Tibúrcio, quem é, não precisa aparecer. E não vou aceitar esse jeito fanfarrão pra cima de mim. Tenho cabeça pra pensar e falar sem gritos. Não necessito cortar cabeça de ninguém pra mostrar minha razão, falou Antônio, passando a mão sobre o ombro de Tibúrcio, buscando paz.

— Viu só, Thibo, o homem é um fraco.

— Mui bien! Que te quede así! Que te muere así!, falou o endiabrado homem.

A conversa foi terminando pequena como um rádio diminuindo o volume. Thibo despediu-se dos dois com um abraço. Antônio o envolveu fortemente em seu peito gentil. Tibúrcio aproximou-se, soprando em seu ouvido: a gente vai se encontrar por aí. Ao sorrir, Thibo viu dois dentes pontiagudos. Vendo o susto do bisneto, explicou:

— Não te assuste, guri, que trago uma boca inofensiva. Numa noite dessas te explico melhor. Agora vai, e enfiou um pontapé na bunda thibense.

Ao acordar, dona Luci o ajudou a erguer-se da cama.

— O que é isso, meu filho, que te tremes todo?

— Nada, mãe. Sonhei com o biso Tibúrcio.

— Imagino o pesadelo!

— Nem tanto. Até que o homem é divertido. Diferente do biso Antônio, que está sempre na dele, todo prudente e carinhoso.

— Pelo amor de tua mãe, não faça isso comigo. Tome conta do vô Antônio e fuja de ser parecido com Tibúrcio.

— Tá bem, mãe, falou sem muita convicção. Agora vamos tomar café, que tenho muito que estudar.

## **Thibo na Universidade**

Em Thibo, não se emparelhavam as forças de Antônio e Tibúrcio. Em favor de Antônio, havia a mãe que zelava pela educação de seu piá. Tibúrcio andava muito calado em sua misteriosa imortalidade.

O esforço realizado, ano todo, sem fim de semana, valeu-lhe o prêmio de entrar na Universidade. Já não sentia a ambivalência tão difícil. A comunicação com os colegas do ensino médio havia melhorado. O medo fora substituído pela comedida coragem e razoável decisão. O seu espírito de humor contava muito nas reuniões. Concordava que a alegria é a medida da felicidade. Tinha poucos amigos, ainda temendo que se lhe assoberbasse a violência ao sentir-se ameaçado. O jeito humilde, sem deixar de mostrar sua presença, agradava às garotas. Não percebia o quanto elas se insinuavam em razão de estar envolvido com Dirte. Aos poucos, foi sendo tomado por um amor sereno. Sua vontade de querer era maior que a adolescente paixão. Muito aos poucos foram sendo evidentes a melhoria da expressão erótica. Em sonhos, apresentava-se o Antônio, mostrando-lhe o poder da natureza e os necessários cuidados.

Primeiro dia de encontro com colegas. Nova vida. E dinheiro donde para cursar o curso de medicina? A festa da conquista foi grande, mas e as benditas mensalidades? O recurso materno mal dava para cobri-las. Ouvia de Luci: quando se quer muito uma direção, os caminhos aparecem. O fato é que sua querida mãe apareceu com a notícia de que ia morar com Nicolau, um senhor que Thibo conhecia. Não sabia ao certo quem era Nicolau, o que o levou a ter uma conversa com a mãe sobre o surpreendente padrasto. Desconfiava que a rápida decisão luciana tivesse a ver com ele.

Era noite, e, no pátio da humilde casa thibense, a luz era pouca, criando-se um ambiente bom para uma boa conversa, o que confirmava algo que Luci lhe dissera uma dia: filho, os lugares têm poder. Alguns

produzem sustos; outros, reflexão; alguns, tristeza; outros, alegria; alguns, silêncio; outros, uma boa conversa. E lá na penumbra do pátio, dada pelas laranjeiras e pitangueiras, apareceu ela. Estava meio sem jeito.

— Então, dona Luci, soube que está casando e nem me convida! Nem ao menos sei se o tal Nicolau é bom ou mau. Sei, minha autoridade é breve, mas posso dar meus pitacos, embora tardios.

— Desculpe, filho, não queria atrapalhar teus estudos.

— Mas a decisão foi tomada depois do vestibular.

— E o que isso tem a ver?

— Não me faça de bobo. Sei que o Nicolau senta em cima da grana.

— Não pense que estou indo morar com ele por causa do dinheiro.

— Acredito: não só, mas também. Espero que o *não* só seja melhor que o *também*.

— Tenho certeza que é, apressou-se Luci. É um viúvo, e, para garantir aos seus filhos de meus interesses, assinei até documento de que desisto de qualquer vantagem financeira ou material.

Em Thibo não se afastava a certeza de que a mãe decidira precipitar a união em razão de o padraсто poder, sustentando a mãe, liberar recursos para as mensalidades e outras pequenas despesas. Resolveu não abrir seu entendimento para não a expor. Aproximou-a em seu peito e falou entre austero e alegre.

— Não pense que não vou estar de olho no Nicolau. Se o velho não tiver o maior carinho, vou chamar o Tibúrcio que a senhora diz morar dentro de mim.

— Não diga uma coisa dessas. Ele é dez anos mais velho que eu. Nem bastante força teria para se defender do degolador. E a história dele, que eu sei, não é de violência. As amigas da falecida me confessaram sobre seu caráter.



— Vamos ver, vamos ver.

Os meses foram passando, e, no terceiro ano do curso, já se podia chegar a que as suspeitas do filho estavam mais que confirmadas. Dona Luci pediu que as mensalidades fossem depositadas em sua conta. Vendida a casa, Thibo foi morar num minúsculo apartamento que a mãe dizia ter sido pago pelo resultado da venda, e, de modo sistemático, recebia a mesada, não deixando que passasse vergonha quando saía com Dirte. Sabia que por trás estava seu padrasto. Revelava-se pouco o sessentão. Muito menos Luci dizia qualquer coisa da relação mais íntima entre os dois. Pensava, desconfiado, mas quem é capaz de avaliar tudo que se passa entre um casal? Não estaria ela se humilhando, dizendo pequenas ternuras? Por mais que Thibo observasse, não chegava a uma definitiva conclusão. Um dia, assustou-se quando foi à casa de Nicolau. O velho senhor, sem saber da presença de Thibo, deu uma ordem dura para que dona Luci cumprisse sem demoras. Viu, por entre a porta semiaberta, a mãe fazendo sinal para que baixasse o tom. Um temor, quase angústia, foi isso que levou da casa de Nicolau. Dois dias depois, quando Luci foi ajudá-lo na faxina do apartamento, foi direto ao assunto.

— Dona Luci, anteontem ouvi de Nicolau termos rudes e não gostei. Vi também a senhora pedindo que ele baixasse a bola. Estou muito preocupado que esteja levando uma vida pouco agradável. Se ouvir mais uma vez o seu Nicolau falando assim, eu abro a boca ou meto o pau.

— Não te meta onde não foi chamado! De minha vida eu dou conta!, engrossou dona Luci.

— Desculpe, madame. Mas fique sabendo: prefiro passar fome a ver minha mãe humilhada. E digo o que penso: sou um piá ainda, mas nada me assusta mais. As pessoas costumam até conviver com o sofrimento quando não têm outra opção. Sabe, mãe: alguns judeus viviam, nos campos de concentração, em relativa alegria, pensando concluir uma obra interrompida pela violência.

Luci tentou disfarçar, mas não conseguiu controlar o rubor em sua face.

— Escute, filho, estou bem. Agora vai estudar, seu desgraçado. Desse jeito vai virar um carnicheiro. Se optar pela cirurgia, também vou desconfiar que o vô Tibúrcio é que vai se divertir em ti. Não faça por menos o que pode ser bem mais. Tua mãe, apesar de tuas desconfianças, é uma mulher feliz. Agora te manda, piá!

Daquele dia em diante, Thibo viu sua mãe demonstrando gestos carinhosos na companhia de Nicolau, entretanto, não o convenciam da sua sinceridade. Por sua vez, Thibo aproximou-se o mais que podia, ajudando em tudo seu Nicolau, que sofria de diabetes. Era quase um cuidador secundário, orientando-o sobre tudo. Thibo pensava: se é o que penso, ao menos retribuo um pouco em favor de sua saúde. Assim poderá ser mais sensível com minha mãe.

Cinco meses após Thibo ter sido aprovado na residência em geriatria, a mãe voltou para casa. Foi o presente que recebi de Nicolau: ter minha casa de volta. Tudo valeu a pena, dizia dona Luci. Tudo é mais ameno quando o bolso não é pequeno, pensava Thibo, não sabendo se ria ou se chorava. Os dois continuaram a ter cuidados com seu Nicolau, e o residente, sabendo que nesse país mais vale uma amizade que uma lei, ajudava o enfraquecido senhor nas internações que se repetiam.

Muito antes de chegar à residência, decidira aplicar e ampliar sua profissão na direção dos mais velhos. Pouco há de se saber o que o deixou motivado para a geriatria. É certo, não faltou opinião contrária. Os colegas e amigos fizeram de um tudo e mais um pouco para dissuadi-lo. Sabiam de seu potencial médico. Cara, diziam, velho não dá dinheiro. Lá vêm eles com o SUS e suas longas queixas. São capazes de ainda trazer ao consultório alguma galinha para compensar os serviços. Velhice não tem cura, dizia o Rafael. Vão convidar você para palestrar. Ao final, um mimo e um comovido agradecimento, ria-se Sérgio. Vai andar com um corolla anos 90. Que há de se fazer, respondia Thibo. Vocês vão ver. Meu trabalho será de excelente qualidade e, cuidando do coração deles, vou ter

minha recompensa. Entretanto, o caminho até a residência foi longo, mas sem grandes incidentes.

Com exceção do primeiro dia de aula, não lhe apareceram sinais de sua sobrenatureza. Quando enfiaram uma bola vermelha no nariz, fazendo dos bixos um meio de protesto contra os roubos nacionais, quase perdeu os sentidos, tamanha a agressividade do trote. O sangue veio-lhe em borbotões, e pediu aos céus para não entrar em surto, revelando a sua força. Contudo, não conseguiu segurar um tapão, fazendo um veterano parar sobre o barranco. Foi em sua direção para pedir desculpas. O pobre rapaz saiu em disparada. Thibo percebeu que o olhavam. Ele próprio ajeitou a bola vermelha no nariz, elogiando o trote e amaldiçoando todos os políticos. Ao verem que se conformava às ordens, esqueceram sua força. Nunca mais se repetiu qualquer exagero. Durante uma aula sobre neuropsiquiatria, sentiu que perdia o controle no momento em que o professor diminuiu quem pretendesse cuidar de velhos dementes. Foi o professor dizer *pra que trabalhar sobre uma cabeça demente?* que Thibo levantou-se, irritado. O riso de alguns colegas fez crescer a raiva thibense, mas engoliu as palavras do professor. Apenas disse: *professor, e se um dia o senhor estiver velho e sua cabeça estiver perdendo o pensamento pelos cantos?* Reduziu-se o furor, sentando com medo de si mesmo. O silêncio foi absoluto. A irreverência valeu-lhe muito estudo e uma advertência.

A formatura foi muito celebrada. Dona Luci não conseguia externar toda sua satisfação. De todos, o mais reservado foi Sigismundo, pai de Dirte. Mais estava do lado de sua filha que de sua mulher. Parecia querer dizer quem manda aqui sou eu. Dirte não conseguia expressar nenhum gesto espontâneo. O grande senhor era a severidade ambulante. Semanas depois, o pequeno doutor falou com ela, manifestando estranheza em relação ao seu pai. Ela mudou de cor de um róseo macio para um branco macilento.

— Pelo amor de Deus, que o velho não saiba de nossas intimidades.

Thibo apenas calou-se.

## De um inexpressivo amor

*O amor por Dirte anda com menos de um giga. Capta bem, mas de pouco uso e de parca velocidade. Por vezes divago: não seria melhor ser um pescador ou um caminhoneiro ou até um estivador? Minha cabeça cheia de livros, exatidões, enfim, intelectualidades, incomoda minha Dirte. Das vezes que veio até meu meu cafofo e fizemos amor, não saiu muito animada. Estava tenso como um fio de aço, principalmente quando estive todo envolvido com as provas para a residência. Pedi paciência, mas minha pedagoga falou austera: cara, não vou gastar minha juventude sem prazer. Expliquei-lhe que o desejo perde vigor quanto mais se pensa. Arrisquei-me rir de mim e fui falando: é como os touros espanhóis que se mandava de além-mar. Longe das touradas, perdiam suas iras. Vinham aqui ensimesmados. Quando expostos diante da multidão e de um toureiro com capa vermelha, o animal mais meditava que chifrava. Quando avançava, mais parecia querer abraçar o toureiro. Estava cheio de bondades, irritando o toureiro e todos os torcedores. Pedi desculpas de minha pouca virtude. Prometi que viraria um don Juan depois que estivesse em meu consultório e com meu espaço no hospital. Olhou-me nos olhos, falando ainda mais severa: que ao menos possa compensar os parcos resultados de minha pedagogia com tua medicina. Vi que eros compete bem com os pila. Lembrei-me da deusa Freia, fazendo qualquer negócio para ter um colar dos anões. Conte-lhe sobre minha vontade de amá-la. Tentei até uma poesia, imitando, que me perdoe, Camões:*

*Alma minha, gentil senhora.*

*Amável mais que aurora*

*Mais que a fonte ao sedento*

*Mais que tudo, meu amor!*

*Olhou para mim e me advertiu: a mulher tem bem mais que coração!*

*Vi, então, que minha valquíria não estava pra brincadeiras.*

*Voltei para mim: desse jeito não dá, vou tirar de alguém o amor, que o meu está pequeno, tenro e frágil. Disso se encontra em qualquer lugar. Pareço um touro ensimesmado.*

Pelo amor de Deus, murmurou a mãe, ao ler do diário do filho. Esqueci de alguma coisa ao gerar meu garoto? É mesmo assim que fica quando a cabeça fica cheia? Muito em cima e pouco embaixo. Estava resoluta a dona Luci: ia pôr uma prosa nisso tudo. Ora, ora, filho meu estar nessa moleza! Em nome de Deus, acho que não é justo, muito menos será por causa da profissão.

Poucos dias depois foi ter com Dirte.

— Como estão vocês dois, minha nora?

— O Thibo anda cansado demais!

— Ele tá negando a raça?

— Não tenha preocupação, dona Luci. Ele só tem olhos para os estudos. Mas ainda vai ter que olhar outras coisas.

— E o mano?

— Vendo melhor que eu. Tem uma luz dentro dele que faz ver melhor. Não tem o atrapalho das coisas.

Luci estava pronta para ver de perto com seu filho sobre a ternura fraca. Se é jeito de lidar com uma mulher, resmungava!

A conversa, mãe da razão e de melhores coisas, foi boa. Luci, dando voltas, deu a entender que, através de Dirte, soube do amor moroso. Thibo tastaviu, mas depois entregou sua alma à mãe. Dona Luci, então, mostrou que o amor não é um luxo gratuito. Se fosse necessário, que deixasse pela metade os estudos, frisava a mãe.

— Escuta, piá, fique sabendo que não é só de pensamento que se vive! Assim, é certo, vai acontecer de tu perder a alegria pelo conhecimento! O diabo do poder se esconde debaixo de muitas maneiras. Tu tá escondendo o melhor que tem em ti. O vô Antônio tá esquecido dentro de ti? E não queira tirar de alguém o que deve ser da tua conta. Tiraste o poder, a força física, a criação, o bom humor, a decisão. Já é o suficiente o que lucraste. Tá certo em querer de ti um bom profissional. Escuta, tem um porém: isso é pouco do que se pode fazer da vida.

## O renovado amor thibense

*Andar pela vida numa só direção faz que se percam montanhas, vales, mares, fontes, pássaros, conversas, almas, piedades, risos, casas e tudo o mais que me possa encher de ternuras. A grande senhora, protetora de minha vida, bem que tinha razão em me mandar ver os lados de minha amada. Assim foi que fiz. Afastei-me um pouco dos estudos e dos plantões. Atendia de tudo, mesmo que eles não fossem de geriatria. Já começava a se alastrar em mim a fome de ter cada vez mais. Daí meu agradecimento à formosíssima senhora, minha doce Luci. Dirte começou a se pronunciar em mim de uma maneira amável. O sangue vibrava com mais intensidade. Meus exercícios de amor faziam emergir tremores desconhecidos. Levar uma pequena flor, ir até seu trabalho inopinadamente, abraçá-la por trás, enquanto preparava um sanduíche, dizer uma palavras criadas por mim foram dando um poder erótico e viagens por caminhos dantes nunca andados. Percebi o quanto estava perdendo por andar numa só direção. E estou tendo muito mais sucesso em meus empreendimentos geriátricos. Há uma densidade e um sentido maior. Me sinto um conquistador de um coração feminino, que é um território sempre desconhecido. Pequenas viagens fizeram um bem extraordinário. Tem razão quem diz: os ambientes engendram alma nova e os olhos amantes renovam.*

*Mas como nem tudo na vida são desvelos, zelos e esmeros, por pouco, o caminho do maior encontro não foi dar no inferno. Pouca coisa se esconde quando se ama. Nossa relação estava ardorosa, dando a entender que estávamos donos do mundo. Sueli, colega de faculdade, mal sabia eu, estava afim de estar comigo muito além de ser colega. Amiga da família de Dirte e vendo que eu não correspondia aos desejos dela, resolveu intrigar-me com o quase sogro Sigismundo, dizendo que o namoro com sua filha ia muito adiante do que ele imaginava. O pai de Dirte, feito de um metro e noventa, cheio de normas extemporâneas,*





*encheu-se de raiva e violência. A primeira visita, após a delação, transformou-se numa deprimente cena. Começou a dizer que eu havia trincado o precioso cristal de sua filha. Que eu tinha abusado de sua confiança. Seu desgraçado, você fez perder a honra de nossa família. Julgando que o seu Sigismundo estaria fazendo uma brincadeira de mau gosto, comecei, nervosamente, a rir. Sentiu-se ainda mais ofendido. De nada adiantaram os apelos da filha. Sem que eu esperasse, veio pra cima de mim, gritando. Seu medicozinho de velho! Filho de um bêbado. Dei dois passos para trás, assustado. O sangue... meu Deus! Antes que aproximasse seu braço forte, segurei-o como se meus dedos fossem dois torniquetes. Ao tentar atingir-me com os pés, sentiu não mais minhas canelas, mas dois canos de aço, tal era a minha tensão. Machucou-se, retrocedendo. Gritava de dor. Seus pulsos tinham uma terrível marca. Seu Sigismundo mancava, gemendo de dor. Foi se retirando, e eu temia que fosse ofender sua filha. Ela, percebendo o desespero do pai, retirou-se assutada. Vi chegar a mãe, Eugênia, que chorava, desconsolada. O pobre homem começou a virar uma cera. Deu tempo de ampará-lo antes que esborrachasse no chão. Amparado, levamos o homem até meu Uno Mille. Rapidamente chegamos ao pronto socorro do hospital onde fazia meu plantão. O raio-X revelou a fratura do perônio. Dimas, colega, o filho da puta mais brincalhão que conhecia, olhou aquele estrago nos pulsos e o osso quebrado. Não deixou por menos. Brincou, deixando-nos constrangidos, e dona Eugênia, consternada. Batendo no sogro, seu geriatra sem respeito. Ria o mais que podia. Ajudei-o em tudo. Calado e sem jeito.*

Dona Luci soube do incidente, vindo falar sobre o acontecido.

— O que é isso, meu filho, querendo matar o sogro?

— Não foi minha intenção machucá-lo. Apenas me defendi. Nada fiz que pudesse ofendê-lo.

— Vê se acha outra maneira de lidar com as dificuldades, e agora cuide bem do sogrão.

— Fáceis são as palavras, mais difícil é a virtude.

— Vai, filho, não fique aí desse jeito. Faça desse limão uma limonada.

— Va bene, va bene, mamita!

## O acerto de contas

O que, agora, é narrado rapidamente tem o propósito de mostrar o quanto era boa a vontade de Thibo. E tão boa e resistente era a vontade que jamais alguém poderia imaginar que ela poderia se romper. Mas quem vai saber de toda a extensão da alma? Para não piorar o transtorno havido entre o pai e seu homem, Dirte propôs que se casassem. Thibo concordou e, em pouco tempo, tudo se arranjou de acordo com a tradição. Em duas semanas tudo foi preparado. Não havia como saber de quem era a maior alegria, se de Eugênia ou de dona Luci.

O casamento foi feito, não sem o casal nubente ter que participar de um curso. Julgaram rica a observação sobre a diferença entre o casamento civil e o religioso. O padre falou: *o casamento religioso mostra a face da confiança na plenitude do amor. A aliança é feita diante de Deus, o que significa ser para sempre. Assim sendo, não serão as dificuldades humanas que impedirão a união, portanto, o amor deverá ser absoluto e determinará a vontade de ambos. Não serão os desejos particulares a prevalecer, mas a decisão de um amor que varre os resquícios das idiossincrasias. O casamento é uma demonstração da infinitude que assiste a natureza humana. Isso vai representar um cotidiano cada vez mais fecundo, e a confiança e a ternura não vão se extinguir. É muitíssimo diferente do casamento civil, o qual nada mais é que um contrato que pode ser temporário, revelando, de princípio, uma relação provisória. Tenho certeza que não é isso que alma humana almeja. Embora seja isso o que penso, não façam da vida apenas uma promessa feita, mas uma conquista diária. Não se passe a vida a dois como um sacrifício, mas como uma imensidão agradável, vista não mais com um olhar particular.*

Houve uma pequena festa, mas pairava no ar um certo constrangimento. O velho senhor era osso duro de roer. Falaram quase todos, e Thibo prometeu o que ouvira num casamento. Cadê minha

liberdade?, começou. Riram todos. Não estou casando para ficar prisioneiro, e espero que nem ela. Não tenho mais a minha liberdade, tenho a liberdade dos dois. Não tenho mais o meu amor, mas o amor dos dois. Quando verei uma pequena árvore, verei também com os olhos dela. Não precisarei estar bêbado para ver duas árvores. Quem tocar tão bem o meu corpo não será esquecida. Não vou perder a minha risada, e espero que ela não perca o cuidado que sempre teve. Poderei dar a ela mais sorrisos, e a mim ela dará mais atenção. Darei tudo o que dela eu receber. As lágrimas dela vão ser as minhas.

Estavam comovidos, mas seu Sigismundo não dava o braço a torcer. Nem poderia, que os movimentos dos pulsos faziam doer. Mas tudo foi superado um ano depois.

Foi assim. Veio falar-lhe Dirte:

— Está por nos nascer o primeiro filho, e essa escuridão sobre nossa família, coisa mais feia. Não tem graça nenhuma você ir, às escondidas, até a minha casa e temer encontrar meu pai. Se ainda estás magoado com ele, até que te dou razão. Não te dou razão que tenhamos este ar pesado em nosso peito.

— E se teu pai inventar de querer me agredir mais uma vez?

— Mandarei uma carta. Espero ter boa resposta.

— Por favor, faça isso.

Tem dias propícios para o perdão. Pois esse foi o dia de Thibo. Havia atendido um velho muito pobre que lhe confessou estar por morrer de tristeza de não ter podido se conciliar com um filho que morrera em acidente.

— Doutor do céu, a culpa me devora faz cinco anos. O buraco no estômago que sinto, e que o senhor diz que é uma úlcera, eu mesmo fiz isso. A briga começou por pouca coisa. Ele veio dizendo que eu estava errado quanto a uma diferença sobre a casa que lhe havia vendido. O dia estava atravessado, e eu me ofendi por tão pouco. Mandei-o à merda. Ele

se retirou quieto por outras palavras que tenho vergonha de falar. Não mais pude ver os olhos dele. Meu Deus, que dor, que dor, dizia o velho. Será que terei que morrer assim?

Thibo, por ter o dom da palavra, pôs-lhe na alma um lenitivo. Começou dizendo que não temos o domínio sobre tudo. Nem sobre a vida e muito menos sobre a morte.

— Seu erro foi pouco, meu velho! Ruim foi a morte, e não se põe culpa sobre ela. São coisas da vida. Me conte mais sobre antes da venda da casa.

O velho ergueu sua voz, convencendo-se de que havia sido um pai generoso. Thibo reconheceu, com entusiasmo, a bondade de seu cliente. Abraçou o velho e receitou que considerasse o muito amor que tiveram, e não o acidente que levou o seu filho.

Buenas, a consulta repercutiu positivamente em Thibo. Perguntou-se mais uma vez: e se me morre o pai da Dirte? Foi escrever.

*Seu Sigismundo!*

*Estou feliz com a sorte que sua filha me reservou e agora me reserva: esperamos sua neta. Acabei de vê-la na ultrassonografia. Pulava a danadinha! Mais vale contar essa alegria que algum incômodo que passamos. Estou muito feliz por ter o senhor cuidado tão bem de sua filha, e agora eu a tenho tão feliz comigo. Esperamos para o mais breve possível falar sobre isso em sua casa. Abraço em minha sogra Eugênia e em Lúcio, o rapaz que tenho em grande estima.*

*Teu genro.*

A resposta foi quase imediata:

*Estimado Thibo*

*Espero você de todo o coração. A nossa casa vai se alegrar. Eugênia, Lúcio e eu vamos preparar um chrrasco.*

*Sigismundo*

Tudo ocorreu bem. Não havia mais marca alguma que pudesse revelar qualquer amargura. Eugênia estava tão contente a ponto de passar aquele domingo entre risos e lágrimas. A emoção era evidente. Para alegrar, em definitivo a sogra, Thibo e Dirte afirmaram que se casariam de acordo com a tradição: com padre e juiz. Não me matem, por favor, dizia a senhora, toda suavidades.

Por mais que tudo andasse bem, Eugênia e Dirte confabulavam com temor sobre a força diferente de Thibo.

— Os olhos dele, enquanto seguravam os pulsos de teu pai, não eram os olhos que eu vejo.

— E se um dia ele for dominado pela brutalidade, tendo aqueles olhos maus em minha direção, acho que morro, falou Dirte.

## **Das filhas de Thibo e Dirte**

Duas, não mais que duas, foi a conta. Entretanto, dizer a sorte imensa que habitava a casa é tarefa muito difícil. A menina que nasceu, quatro três meses depois do casamento, causou profunda comoção ao casal. Thibo teve estremecimentos ao aproximá-la de seu peito. Havia mais, muito mais que a recepção da vida que invadia. Havia uma profecia revelada em sentimento de que daí viria uma grande notícia. Thibo, ao compartilhar seu sentimento com Dirte, viu um riso compassivo, revelando-se o pensamento dela: há uma crença muito grande de que se possa salvar o mundo com o nascimento de uma criança. Confirmou-se nele que se ocultam intranferíveis segredos nos cantos da alma. Os sentimentos e atenções ampliariam a percepção do mundo, associados, agora, à responsabilidade. Toda palavra, todo gesto serão como parte da imortalidade de nossa amável Rafaela, falava para Dirte. O cuidado chamava-se a relação que tinham pela garotinha que muito cedo revelaria o talento da palavra e de uma vontade resistente.

Resolveram ter mais um filho. Thibo manifestou temores sobre a importância e a necessidade de mais um. Dirte falou-lhe do quanto a maternidade a deixava feliz. Olha, doutor Thibo, os nossos resultados profissionais não são exorbitantes, mas o suficiente para nossa casa ter mais vida, falava, tendo, na voz, uma invocação. Assim se sucedeu, e veio mais uma garota, desde o nascimento, bem mais serena que a primeira, a Raquel. Ao tomá-la nos braços, sentiu um indizível prazer, a ternura da alma, todavia, nenhuma maior revelação que lhe trouxesse a tensão provocada por Rafaela. Enquanto Raquel trazia um sentimento pacífico, em Rafaela havia belicosidade. Aos seis anos desta, mostrava-se uma diferença radical entre as duas. No pensamento paterno, era óbvia a lembrança dos bisavós: Tibúrcio e Antônio. Ainda bem que Dirte tinha o talento natural de educadora. Entre as raivas de Rafaela e a serenidade de Raquel, somente ela sabia mediar de forma a equilibrar as forças



contrárias. A violência de uma era limitada por constantes exercícios de sensibilidade, e a paciência da outra, por atividades de defesa. Ambas, porém, tinham senso de humor e suficiente iniciativa, embora as reações de Rafaela fossem fortes e, às vezes, precipitadas. Que genética abusada tem essa menina, dizia a mãe. Certo dia, apareceu a vizinha, queixando-se que o seu gatinho miador, que tanto irritava Rafaela, apareceu de pescoço destroncado. Dirte foi-lhe severa, e, por dois meses, ela sofreu restrições de uma ou de outra forma. A proibição de jogar futebol com a gurizada foi o que mais a incomodou. Aos poucos, a voz da mãe e atividades em torno de virtudes foram dando jeito naquele ser possuído de voluntariedades incompatíveis com os desejos da casa. Tornou-se quase dama às custas de muita preocupação. Thibo ria-se ao lembrar da história de um garoto que, por descuido, prendeu fogo em suas roupas. O pai, não tendo outro meio, apagou as chamas a pauladas. Quase aleijou o piá, mas o salvou. Tafaela não chegou a esse ponto, mas todos os dias havia um zelo reparador a controlar as brutas raízes. Por outro lado, Rafaela revelava-se uma garota de poderes extraordinários. Sabia, dias antes, de certos acontecimentos, e, para que não sofresse tanto, buscava estar bem a fim de que não sobreviessem mágoas antecipadas. Por melhor que fosse, não conseguia de todo dominar a natureza forte. Era um anjo até que se lhe pisassem nos calos. Dona Dirte advertia: filha, que será de ti se te apaixonares por um valentão. Ela respondia, rindo como era de seu costume: pelearemos! Pelearemos! Muito diferente, muito diferente, era Raquel. Precocemente, revelou uma inteligência social extraordinária. Não poucas vezes segurou a barra de Rafaela. Sentia no ar o que era conveniente dizer ou fazer no momento. Não poucas vezes, percebeu que a irmã enciumava-se de suas gentilezas.

Já nos basta a narrativa familiar. Família, dizia Thibo, é uma coisa linda enquanto convergirem sentimentos de ternura e um pouco de disciplina: a estética familiar. Se for sustentada com bons recursos materiais, ainda melhor: haverá um razoável destino social.



## **Um bom geriatra**

Cuidar de velhos demanda mais zelo que ambição, falou Thibo na apresentação de um trabalho em congresso. O geriatra desdobra-se em avaliar estados de saúde complexos, tornando-se até consultor sentimental, continuava em seu papo diante do público.

Em tudo apurou que a velhice é tanto uma fatalidade como um resultado. Percebeu, tardiamente, que seus velhos pagavam os efeitos de condutas anteriores. Sua agenda estava forrada de colegas e seus telefones. Corações, espinhas, peles, fígados, rins, próstatas, espíritos atormentados, sistema nervoso, intestinos demandavam profissionais especializados, todavia era ele que monitorava a vida e os medicamentos a ver se eram compatíveis. Se os colegas viam as partes, era ele que avaliava a configuração geral de seu velho. Mas, muito mais que medicamentos, resolveu tratar de políticas públicas em torno da velhice. Estimulava as iniciativas sociais da prefeitura municipal. Via, porém, a má vontade pública. Os mais velhos em dependência viviam por conta da limitada força de seus cuidadores. Estava atento, mais de tudo, à comunicação de seus clientes. Era isso que foi descobrindo: as doenças são inevitáveis na velhice, entretanto é uma barbárie se o velho não conseguir revelar-se junto a atividades alegres e importantes.

Seu espírito de humor era seu fiel instrumento de cura. Brincar sobre as dores era sua prática cotidiana com eles. Aos que temiam morrer pensando que um fogo devastador consumiria suas almas, contava que, em sua infância, passava pelo mesmo sufoco, e ria, dizendo: até que um dia descobri que a alma, por ser semelhante ao pensamento, está imune ao fogo material. Portanto, meu velho, disso é certo, não sofreremos. E Deus, por ser um bom ecologista, não vai gastar um toco sequer em fogos inúteis. Ria com outro viúvo que veio pedir conselho: estava amando.

— Estou apaixonado por um senhora, mas acho que pode ser uma tentação a ser evitada.

— Deixa de pensar assim, meu querido, depois dos setenta isso não é tentação, é graça de Deus.

Os mais austeros pensamentos e sentimentos eram medicalizados, pondo em equilíbrio sentimentos e ideias em desalinho. Tinha certeza: eram suas conversas que ajudavam mais que seus fármacos prescritos.

Thibo, na meia idade, resolveu ser professor universitário, assumindo uma disciplina de pouco prestígio: a geriatria. Entendia que, pelo serviço universitário, estenderia ainda mais a preocupação em torno da formação da identidade social dos mais velhos. Tudo foi bem até o momento em que sofreu uma perversa ameaça. Bateu de frente ao criar um espaço universitário para os mais velhos poderem frequentá-lo. Pensou: meu Deus, que diabo é esse! Teve um sonho que o fez precipitar sua decisão de afastar-se do trabalho que iniciara. O sonho fora-lhe tão desagradável e anunciador de sofrimentos, que o fez ensacar a viola e cantar noutro lugar. O sonho foi de uma história estranha, levando-o a colocá-la em escrita:

*Numa pequena aldeia, talvez a menor aldeia da Transilvânia, os habitantes entendiam-se como uma população orgulhosa. Podia ser dito que lá havia uma razoável prosperidade e um pouco de paz. Contudo, não havia quem não temesse um ao outro, em razão de uma autoridade pouco estimada.*

*Os mais velhos, duas vezes ao ano, rezavam para que se lhes fosse aumentada a fé no ser humano. O senhor Grande-Pequeno-Barco, um simples homem da comunidade, é que se esforçava por convencer a todos os aldeões que dar chance aos mais velhos seria uma bênção pela razão de eles terem uma memória tão rica, e por ela melhorarem sua história. Assim as crianças podiam saber por onde caminhar. Nem é preciso dizer o quanto as crianças apreciavam ouvir sobre as lutas que os*

*seus tiveram para garantir a liberdade. Todas as casas estavam orgulhosas de seus vivos e falecidos. O amor que fizeram era bom; os negócios tinham sido honestos; o seu sono, sem remorsos; as suas lutas, pequenas, mas limpas, e os seus campos nunca haviam negado o pão, pois que tratavam deles com respeito.*

*Num cochilo popular, elegeram uma mulher que havia se afastado da aldeia e que, segundo grande parte da população acreditava, poderia trazer ainda melhores tempos para todos. Assim que pela primeira vez assumiu o poder, mostrou o quanto era inconveniente, menos para alguns súditos, pobres de espírito, pois que apenas sabiam obedecer.*

*Grande-Pequeno-Barco, o que estava sempre junto dos mais velhos, avisara que daquilo não sairia um bom destino para a aldeia. E os mais velhos começaram a sentir sua presença.*

*" Os velhos devem dar lucro. De agora em diante vai ser assim. Os velhos devem dar lucro! "*

*Alguns velhos não podiam pensar em outra coisa:*

*Isto faz parte da História Universal da Infância e ninguém sabe!*

*O senhor Grande-Pequeno Barco afastou-se de seu lugar.*

*Thibo lembrou-se, dia seguinte, de algumas palavras do velho senhor de seu sonho:*

*Mesmo que todos os que pensam estejam a favor do poder corrompido, é preciso pensar que seu poder não é ilimitado. O rosto de qualquer velho, por mais sovado que esteja pelo tempo, será o meu símbolo preferido, e em nome dele salvarei minha alma, mas vou me livrar do peso que me angustia.*

*Thibo, influenciado pelo pesadelo, traduziu como se fosse para ele um aviso, foi cantar noutro lugar. Assim, livrou-se do pesadelo, instigando os mais velhos a terem fé em si mesmos. De exercício em exercício, acolhia a vida do jeito que viesse, mas, como lhe dizia sua mãe, o tempo*

não espera sentado, não cansa de andar. As marcas não se fizeram esperar nele e em Dirte. A velhice chegava sem pedir licença.

## O envelhecer de um casal

Dirte teve um sobressalto ao ouvir um gemido profundo de Thibo, acompanhado de palavras bastante nítidas, que escapavam à sua compreensão. *Dói-me o peito por não ver mais sua preciosa figura. Doce senhora da proteção. Tornou-me um amável ser. Brava como um exército enfurecido e bondosa como a irmã Dulce. Que continuem amáveis minhas esperanças e fortes meus braços para sustentar a minha velhice. Que a palavra seja meu remédio.*

Thibo ergueu-se em puro suor, agora sob o olhar apavorado de Dirte. Chorava desconsolado e com soluços pronunciava: Minha mãe, se foi a velha santa de meus dias!

Rafaela e Raquel apreciavam os encantos da avó: histórias de lutas brutas e de mulheres valentes, andantes da sorte, ora rezando pela volta de seus maridos, ora alegres como o vasto campo. Sanchito, seu neto, filho de Rafaela, é que mais apreciava as fantásticas histórias da bisa. Piazinho do coração da bisa, dizia ela, vou te contar de teu tatá Antônio, e lá vinham os amores de Don Juan caseiro. Hora depois, seu rosto virava uma máscara de violência, e vinham as histórias do tatá Tibúrcio. Curiosamente, mais encantos havia no rosto do piá com as histórias de tatá Tibúrcio. Talvez por tantos encantos e por toda a sensibilidade produzida pelas histórias é que o piá de dez anos não parava de chorar. Rafaela confessou que o desespero do piá começou no instante em que a bisa, dito de esperança, partiu dessa para a melhor. No momento que a tia Raquel foi consolá-lo, dizendo que a bisa Luci estava bem, ouviu dele: e eu, como é que eu fico?

O desespero inicial de Thibo deu lugar ao silêncio. Chegava ele, também, ao tempo temido por tantos. A idade não o assustava por causa dos resultados em sua biologia. Temia que houvesse perigos em sua biografia. Sua mãe era-lhe a pura sorte. Dirte era a mulher forte, mas

pouco sabia das forças imperiosas que estavam nele, ainda que sob controle.

Mas voltemos dez anos antes. Raquel também havia se casado, mas não queria ter filhos. Rafaela até já andava de segundo marido. Thibo aprovou a separação, mesmo porque de nada adiantaria se opor. Apenas observou que as uniões estavam mais para razão e sentimentos que para razão e fé. Assim o amor não se aprofunda, dizia.

Da primeira pequena união de Rafaela, havia nascido um menino atarracado e cheio de alegria, o pequeno Álvaro, e, em razão de sua compleição, Thibo apelidou-o de Sanchito. Assim que o piázinho nasceu, iniciou-se uma relação vigorosa e cheia de consensos entre o quase velho avô e ele. Nada do que em um acontecia deixava de repercutir no outro. Quando se encontraram no velório da mãe e bisavó Luci, os dois disseram ao mesmo tempo: e agora o que vai ser de nós?

Os tempos dos dez anos estavam para um fértil cotidiano. De extraordinário, somente o trabalho municipal dos mais velhos, e, em casa, nada fora do comum. É isso que se diz, parlamentava consigo Thibo, é na tenacidade dos costumes que se forja a alma. Nada tão simples e tão forte como o feijão com arroz das mesmas palavras e dos mesmos gestos. Aí que se dá a direção da alma. Depois a vida se conduz em cima desse chão. As filhas foram assumindo, aos poucos, as mesmas palavras e os mesmos gestos. O mesmo estava acontecendo com seu Sanchito. Ele ia se fazendo do amor diário, da fidelidade e de algumas exigências inarredáveis. O piá mais vivia na casa de Dirte e Thibo. Ambos não acreditavam numa conjugalidade na qual se promete amor até a morte e depois vai se empurrando o casamento com a barriga. Envolviam-se com as filhas e o neto. Tinham um no outro a maior atenção. Sabiam: se faltar a ternura que se faz em renovadas atividades, a casa poderia cair. Enchiam-se de humor por razões provocadas e curiosas bem dentro da crença thibense: a alegria é a mãe da felicidade. Buscava exaltar as virtudes de Dirte que se modificavam com o tempo. Se era confiante, agora era mais sensível. Havia um manifesto temor de ficar só. O tempo parece deixar as

mulheres menos confiantes, uma ruga pode parecer um desastre, sentenciava Thibo.

Os sonhos do quase velho geriatra eram abundantes e o faziam temer, pois traziam a lembrança dos tempos da escola Naná Escobar. Começavam a se repetir sonhos que se faziam em inocentes andanças pela cidade. Confirmava-se com mais intensidade a força de visões oníricas. Certa noite em que andou a esmo pela cidade, não a reconheceu. Estranhas eram as árvores e as ruas empoeiradas. Casas nunca vistas por ele, e estranhos os moradores. Para maior perplexidade, olhou antigas fotografias, e lá estavam as casas velhas e a desagradável sensação de que elas o espiavam pelas frestas das portas e das janelas. Mais que tudo, estranhava o poder de suas conversas. Pela força da palavra, podia fazer muito bem àqueles que estivessem sem respeito e dignidade. Percebia, também, que os passantes falecidos tinham poder, e, falava para si, então, o que pensar dos vivos? Pedia todos os dias aos santos e anjos que, se retornassem as malditas forças, nunca fossem praticadas em benefício próprio. Conformava-se com a própria explicação: é o amor por este lugar que faz ver o que a imaginação produz. E lá ia ele em sua rotina, criação caseira e transformações junto aos mais velhos.

Dirte aposentou-se, iniciando um projeto junto à sua igreja, visitando velhos solitários. Tinha em consideração tanto os velhos dependentes como os cuidadores. Brilhava de alegria, principalmente, com a vinda do neto Álvaro. Assustou-se, porém, com o choro agressivo do guri. Dizia aos seus: que não tivesse preocupação, isso faz parte de genética da nossa família. Nada que não se controle com boa educação. Por certo, Rafaela saberia lidar com as estremaduras austeras desse caráter. Falava para a filha:

— Assim como você soube conduzir a austeridade das pulsões, você vai fazer o mesmo com esse piá.

— Deus seja louvado pela natureza humana, mas preferia que a fizesse um pouco diferente. Tudo bem, e que me perdoe o Criador, respondeu Rafaela, mas, se eu tivesse seu divino poder, faria coisa

melhor! Sou pequena criatura e tenho que sofrer as consequências dessa natureza que anda indócil em meu neto. Daria maiores docilidades! Parece, por vezes, que se apaga a violência somente a pauladas ou a repetidos exercícios para corrigir todas as ambivalências.

Depois disso retirou-se, tendo a certeza de que a nervosia do neto se inclinava para a sua família.



## Aqui

Nesse tempo da velhice mais pronunciada, Thibo, ao contrário do esperado, sentia os sonhos recrudescerem. Enquanto o neto crescia em sabedoria e idade em razão de uma boa disciplina, o avô mal se segurava. Aos poucos, começou a perder a prudência maior, tornando-se até irreverente, mas nada que pudesse comprometer sua dignidade. Os sonhos, porém, já começavam a revelar seu lado indômito. Enquanto a consciência estava em alerta, tudo andava na conformação dos costumes, mas, mal começava a dormir, que sua alma se punha agitada. O velho senhor geriatra, aconselhador de prudências, andava um tanto assustado.

Um ano antes, haviam aconselhado a que fosse pescar para acalmar seu ânimo que recrudescia. Decidiu aceitar a opinião e comprou um carro híbrido. Motor internacional de dois tempos com boa potência, carroceria longa que era pra carregar barco e servir de dormitório aos pescadores. Bizarro era o veículo, mas de jeito agradável. Lento mas decidido. Lá se foram Thibo, o neto e mais três velhos pescar na represa do Passo Fundo. O veículo era motivo de risos pela forma estranha que tinha, mas de respeito pela competência que apresentava em estradas onde outros carros não se arriscavam. O meu carro tem alma, dizia Thibo. É só entrar nele que qualquer traço depressivo deixa de existir. E não poucas vezes, ele e amigos iam pelo campo afora festejar aniversários de velhos companheiros. As pescarias thibenses rendiam muitos peixes, não por ser ele o pescador, mas por ter amigos que entendiam de redes, barcos e anzóis. Era mais o prazer de andar com o seu Trambejo, batizado pela boca esperta do velho Reinésio que, ao ser inquirido sobre o porquê desse nome, respondeu: e sei lá, acho que tem ares de um trambolho e anda meio sem jeito. Juntei isso ao que meu pai dizia: anda trambecando por aí, caminha direito, piá! E com um pouco de cachaça batizei com o nome que é a cara dele, amém. Todos concordaram com a nova criatura que andava aos tropeços, mas sempre adiante.

Tenho duas grandes fidelidades: minha família e meu Trambejo, repetia Thibo aos amigos. E riam, indo em direção às águas.

## As travessuras de um menino

Espero que o próximo neto seja uma criança mais serena, comentava Thibo, referindo-se a Sanchito. Estava mais para Dom Quixote que para Sancho Pança. O pior, em suas aventuras, que pouco tinham de inocentes, era uma tendência sádica. Os cachorrinhos de bisa Eugênia pagavam o pato de sua perigosa tendência. E Thibo, para não perder a mania de escrever, anotou:

*Seu Sigismundo apanhou-o debaixo das duas videiras. Setembro assombroso para nós, ao sabermos que, com lanterna, estava ele armado de uma lança pontiaguda, espetando uma rolinha que chocava os ovinhos, o que fez com que eu tivesse uma conversa severa com ele. O pai, um uruguaio tranquilo e devagar em tudo, fazia de conta que nada disso era com ele. Comecei a observar certas inclinações, vendo que se assemelhavam às minhas quando piá. As maldades que fazia com os cãezinhos da dona Eugênia e os passarinhos nas gaiolas não é bom que se diga, pois poderá se pensar que a natureza humana é perversa. Exemplificando uma delas: peguei-o derramando álcool sobre um ratinho que conseguira apanhar numa armadilha engendrada por ele.*

— O que está aprontando aí, Sanchito?

— Vô, o filho de uma puta estava querendo comer os queijos da cozinha.

— E precisa lavar o animal com álcool?

Para meu espanto, vi que estava com uma caixa de fósforos junto dele. Vi a intenção assassina.

— Cai fora! Me diga o que ia fazer com o ratinho?

— Matar!

— Escuta aqui, não vê que está errado? Primeiro: se o animalzinho quisesse comer do queijo, era porque estava com fome. Segundo: acaso você perguntou ao ratinho se era isso mesmo que ele ia fazer? Terceiro: e se o pobrezinho, desesperado, entrasse casa adentro e incendiasse a casa do vô? Quarto: e a dor do ratinho incendiado? Quem ajudaria o pobrezinho no desespero?

— Não sei!

— Eu sei!

— Quem?

— Tu mesmo, Sanchito mio! Tu mesmo podes tirar o animalzinho desse sufoco!

— Como?

Mais que rápido, tomei o ratinho das mãos de Sanchito. Eu e ele lavamos o ratinho.

— O que você acha de cuidar dele, Sanchito?

— Vamos comprar uma gaiola e um pouco de queijo?

— É isso aí, meu garoto!

Temendo ainda que se repetisse o instinto bárbaro do piá, estive muito cuidadoso para seu talento de se envolver em ações pouco recomendáveis. Minha palavra fez-se exímia. Sabia, porém, que, muito além das palavras, as virtudes e seus respectivos hábitos se fazem em ações repetidas em torno dos valores desejados. Ora em torno de animais, de canções, de gentes diferentes, de sofrimentos humanos íamos eu e ele agindo em pensamentos, palavras e práticas. Palavras agradáveis, histórias sobre a amizade e o cuidado eram recorrentes.

— Sanchito, dizem que Deus, quando criou as pessoas, afirmou com voz muito forte: escutem, pessoal, muito cuidado, muito cuidado, vocês saíram de minhas mãos um pouco fracas por causa do barro, mas podem falar e fazer de tudo como eu! Não sei de que jeito, um diabinho

*escapou de minhas mãos enquanto estava criando vocês. Ele é muito malandro, por isso, tomem sempre muito cuidado. Bem assim falou Deus! O vô, quando piá, tinha um diabinho muito mau. Também vivia judiando dos animais e era muito brigão. Um dia, tua bisá Luci me deu um conselho que me ajudou muito. Me disse que eu tenho um anjo que pode controlar o diabinho. Aceitei o conselho. Sabe, tinha um coleguinha muito chato, vivia pegando no meu pé. Estava com meu diabinho pronto para que eu enfiasse um tapão naquele carinha. Fui fazer diferente da voz do diabinho. Comecei a dizer que ele era muito legal. Ele, então, começou a falar ainda mais. Me subiu o sangue, foi quando o tomei pelo pescoço. A força foi tanta que pensei que ele ia morrer. Nunca mais falou. Continuei a tratar dele com muito jeito. Ele aprendeu a me respeitar. É isso aí, Sanchito, às vezes, é preciso medir bem nossa força e nossa bondade. É preciso lidar muito bem com os dois.*

— Vô, eu também tenho uma força, mas meu pai me disse que isso não presta.

— Teu pai quis dizer que essa força não presta quando usada de qualquer jeito. Tem que ter cuidado, é o que te falei.

— Vô, o diabinho manda fazer umas coisas que fazem sofrer e eu me divirto. Bem como agora. Queria ver a cara do piá se levasse o tapão que não levou.

— Carinha, bem aí é que é preciso cuidar do pensamento.

Era noite, soprava o vento nas janelas. As estrelas estavam em seu silêncio. Thibo chorou, murmurando: ô bendita raça humana! Concordo com Dirte: Acho que se fosse criada por mãos carinhosas de uma mulher, sairia coisa menos complicada. Será?

## **Escritos da mãe**

Luci, por ter sido professora e também sabendo dos devidos temores sobre a ambivalência humana, cuidava seus alunos tentando aprumar as torturas. Alunos mil passaram por sua alma. Tentou imprimir sua pequena imortalidade nas tarefas e nas palavras. Escolhendo o melhor das histórias de tantos séculos, dizia e fazia o que era bom de ser copiado.

Mais que tudo na vida, queria que seu filho fosse feito à imagem e semelhança do que de melhor havia. Sentia pelos olhos de seu piá que a cobra ia fumar. Para alguns a natureza dá uma alma compassiva; a outros, alterações de humor; ao seu guri deu turbulência. Chorava, por vezes, por reprimir demais seu garoto, e este se fechava, por ver-se assustado com seus volumosos sentimentos, que mal cabiam naquele pequeno corpo. Por mais que dona Luci o controlasse, pensava temerosa: persistem os desejos inarredáveis; é como querer segurar uma fonte com a palma da mão. Desse jeito avançavam seus temores. E por persistirem, estava de olho no seu piá. E quando nasceu Álvaro, mais ainda recrudesceram seus temores. Ela, de pulmão cada vez mais frágil por conta do cigarro tragado por tantos anos, foi exigindo de seu coração o que não podia. Sentiu que se findavam seus dias. Tanto por razão da criação dada aos seus alunos, ou por ver seu garoto feito um profissional respeitado, a morte era pouco mais que coisas da vida. Só ela sabia o quanto fazia bem ouvir de muitas velhas senhoras dizerem que aprenderam a viver de novo com as palavras do doutor Thibo. Só ela sabia do prazer de encher a boca ao dizer: ele é meu filho. Certo dia, num dos acessos mais fortes da insuficiência respiratória, resolveu deixar recomendações, querendo, desse jeito, afastar os repetidos temores.

Poucos dias depois do falecimento daquela que foi quem operou o jeito thibense de ser, ele foi até a casa da mãe para guardar o que lhe

agradasse. Numa das poucas gavetas, lugar do maior respeito, pois ela aí guardava as representações de sua intimidade, encontrou um envelope que chamou sua atenção. Pôs-se a ler:

*Filho do coração!*

*A única coisa que dói em mim é estar ausente. Me sentia protegida ao estar junto de ti. Sobra ainda meu temor. Não é por mim, mas por causa de ti e do Álvaro. Sei das motivações escondidas. Sempre me habitou a agonia de ver a minha casa ser a casa de Tibúrcio. Espero que somente seja um assombro de mãe estremecida.*

*Tu sabes, meu piá, de tumultos extremos que também te afligem. A soberba avalanche de ódios contra os descabidos acontecimentos sei que pode te deixar uma fera. Não ponha em tuas mãos a justiça do mundo. Faz parte da vida conviver com nossa incapacidade. O maior temor está no relacionamento com meu bisneto. Reconheço em ambos um poder dos distúrbios capazes de perversas consequências. Lembra no que resultaram tuas palavras no pobre Lucas. Até hoje está virado num homem sem decisão. Dá pena vê-lo submetido à voz dos outros. A palavra e os gestos são inseguros e inconstantes. Sabemos de suas lágrimas. Está frágil como se fosse um ser costurado por barbantes. É isso aí, já imaginou vocês dois de força feita em mútuo reconhecimento? Sozinho já se torna difícil fazer de ti um ser sóbrio, o que esperar da reciprocidade entre vocês dois. Juntando tua velhice, que costuma retirar a dura disciplina com a imprevidência de um jovem, santo Deus, nem quero estar por perto se não houver a mais permanente atenção. E se acaso vierem, em voos, os desejos justiceiros, que sejam prudenciados pela razão. Ainda quero te lembrar do mal que anda nos pulsos de Sigismundo. Ainda hoje faz fisioterapia. E manca como um animal zengo. Não tenham nenhum prazer nos resultados de eventuais transtornos. A complacência faz bem ao ser humano. Deus guarde vocês na minha ausência. Tenham o conselho do irmão cego de Dirte: o ser humano mais inteiro que conheci.*

*Isso te peço por saberes do custo de tua formação e do amor que tenho por vocês dois. Beijo em Dirte, em Rafaela e Raquel. Te comporte*

*por Rafaela, que não vai suportar que tenhas mais justiça que o necessário. Ouça de coração tua filha Raquel. Não faça sofrer tua mulher na velhice. Não faz bem assustar uma velha senhora.*

*Amém, filho meu.*



## **Antes da noite**

Dirte, alertada, guardou as estranhas palavras de Luci. Rezava para Deus e a quem das alturas estivesse disponível para ouvi-la: Ó forças incomensuráveis que vêm do Senhor e de todas outras potestades, concedam à minha casa apenas o suficiente. Que ninguém se ponha de justiceiro. Que se contentem em ajudar a comunidade pela vigilante caridade.

Thibo andou, por muitos dias, preocupado com as falas de dona Luci. Afinal, envelhecia com decência. Comia em paz, e com méritos, o seu pão. Os mais velhos estavam agradecidos pelas iniciativas e, principalmente, pela maneira de atendê-los num programa de saúde. O consultório vivia cheio, o que lhe rendera a compra de cinco imóveis. Se eu vier a faltar, os meus não passarão fome, confortava-se sem muito entusiasmo. Um verdadeiro pequeno burguês. Um cidadão sem excessivos ardores pátrios. Mais que tudo, desenvolveu um senso de humor, tão necessário, dizia, quanto água boa. Tomava seu vinho, mas ruim da cara com os absurdos dos impostos impingidos à bebida nacional. Éta pátria de bolos centralizados! Vivia feliz com Patrício e Juvelino, genros bons. Viviam em função da casa, dos fins de semana e das férias. O sonho era o descanso e os passeios. Buenas, diziam, quem pretende muito esquece o presente. Thibo até não discordava muito, pois estavam na deles e se mostravam mais alegres que o sogro. Não sofriam de grandes contradições, e os problemas da humanidade passavam ao largo. As reuniões familiares tinham a simplicidade de Raquel, os serviços de Dirte, a nervosia de Rafaela e as tiradas inesperadas de Sanchito. O inseparável Lúcio, o cego, era uma companhia amável. Sempre aliviava os destemperos caseiros. Tinha a virtude da prudência, o que o tornava capaz de lidar muito bem com as irregularidades dentro e fora de casa. Via mais que todos. Amava seus cavaleiros, e estes sabiam do amor que o vento fazia no rosto de seu dono. Preferia o tom da modesta consulta à

afirmação magistral. Jamais pontificava, sua eloquência era de poucas palavras. Antes esconder sua inteligência que exibi-la. Quando tomava um pouco demais ficava ainda mais silencioso, preferindo, então, ouvir a emitir qualquer opinião. Era semelhante a uma narrativa de Borges sobre seu amigo Macedônio. Gente suave e respeitosa. Nunca alguém ouviu Lúcio dizer qualquer palavra em demérito de alguém. Não tinha nada de moralista, desculpava até quem não fosse fiel a princípios, dizendo: quem há de saber tudo sobre a natureza humana. A divina providência estava bem servida nesse iluminado cego.

Por mais que Thibo fizesse de conta de nada haver acontecido entre ele e Sigismundo, havia pairado no ar um clima pouco confortável. O perdão tem grandeza, mas não apaga a lembrança, que, às vezes, tem suas restrições. Bem o que dizia a sogra: os pulsos dele não esquecem. Sobrou um escondido ressentimento. O alemão de um e noventa foi ferido em seu tamanho e dignidade. Sentado atrás do fogão a lenha, fazia comentários:

– E se ele um dia se incomodar com Dirte... e se ele se embrabecer com um velho... e se ele se irritar com nossos netos?

A sogra, mais gentil:

– Tira isso da cabeça. O que te aprontou foi merecido, ele apenas se defendeu. O homem ficou assustado. Vê se esquece.

O bruto alemão entrava em tristeza por ter sofrido grave revés. Assim envelhecia seu Sigismundo, entre confianças e desconfianças, mediadas por Eugênia.

Dirte, mais de uma vez, alertou seu marido para que aliviasse a barra do pai. Escuta, respondia Thibo, não posso voltar atrás, e tu és testemunha dos presentes que dei. Não sei se tu te lembras da vez em que dei um conjunto belíssimo de ferramentas. Ele me olhou renitente, falando: teus dedos te bastam para torcer parafusos e apertar roscas. Fiz de conta que não ouvi, mas sabia muito bem que mostrava seu incômodo e antigo sentimento. Mas a preocupação maior não residia no sogro,

senão em si mesmo. Ainda mais escrevia Thibo, a ver se poderia minimizar qualquer mal que sobreviesse:

*Eu e meu neto Sanchito somos testemunhas, sem reparos, da imprevisão humana. Carregamos não somente a história da terra, mas da origem do universo. O que causa certo espanto é a nitidez das possibilidades. Infinitude é o termo mais adequado para traduzir tudo que se oculta em bilhões de anos na fabricação das galáxias e constelações. A expansão e a extensão são irrefreáveis. A morte e a vida andam de mãos dadas com a velocidade que a muitos parece domesticada. A imprevisibilidade e o caos buscam ser amansados pela razão e pela busca de milagres. Haja Deus, então, para amparar. Tanto rezavam os mapuche, pobres índios do Chile, como os espanhóis, tentando pôr em ordem a anarquia dos consensos. Mais que entre fezes e urina nascemos, nascemos entre sustos e pavores. Basta olhar a história humana. Com quanto sangue são estabelecidas a conquista e a paz. Quando tudo escurece surgem estrelas. No meio de ódios ajustam-se os descontroles.*

*O que é dito resulta pouco sobre os acontecimentos que surgem entre eu e Sanchito. Nós dois representamos a angústia que, num determinado momento, toma conta e explode em comportamentos erráticos, mas indicativos de que tudo se põe em perigo. Nunca se sabe o tamanho da tempestade. As coisas se precipitam. Por minha mãe e por todos que amo, vou segurar todos os raios.*

Contrariamente ao que se podia esperar, movidos por certa irracionalidade, os dois se puseram a assistir filmes e fazer leituras, as mais absurdas, em torno do fenômeno da vampiragem e de outros monstros, se divertindo e vendo dos controles sobre eles. *Drácula*, *Entrevista com o vampiro*, *O crepúsculo*, *Dança com vampiros*, *O amante sombrio* foram alguns dos preferidos, entre outros de menor expressão. Sanchito não saía de seu quarto e até começou a usar algumas expressões sanguinolentas durante o dia. Thibo, sobrando um tempinho, lia, escondido, as obras mais representativas desse movimento que encantava tanto a gurizada. Não gostaria de ver alguém brincando sobre

os interesses que o atraíam. De tanto se ausentar de Dirte, esta o surpreendeu nas dentuças leituras. Não teve grande dificuldade em convencê-la de que estaria fazendo tais leituras em razão do neto. Vê, então, minha doce senhora, que estou apenas me aproximando do piá. Ele está no alto de sua adolescência. Se não tiver ninguém a comungar com ele destas extravagâncias, o garotão poderá se perder. Ela, porém, por se lembrar de Luci, estava mais que desconfiada.

Rafaela, por sua vez, alertada pela mãe, começou a pôr olho atento no adolescente, pois que de menino se vai rápido até a juventude. Começou a perceber algumas condutas, desculpadas em razão da adolescência. Até ele acertar o seu jeito de ser fará algumas experiências, minimizava.

— Deixa pra mim, minha mãe, respondia às preocupações dirteanas. É assim mesmo, e é melhor que ande com vampiros que com más companhias. Não vai enfiar os dentes no pescoço de ninguém.

Dona Dirte, mais ágil que a filha, não deixava por menos.

— Olha que o piá tem os exatos trejeitos do vô.

— E daí, mãe?

— Falei com meu pai. O seu Sigismundo me alertou que os pulsos dele sabem que andam coisas estranhas no corpo de Thibo.

— Ele, por acaso, algum dia deixou por menos tua felicidade?

— Tá bem, filha, não tá mais aqui quem te falou. Mas dona Luci sempre perguntava sobre Álvaro. O olhar dela mostrava esmeros quando via o jeito parecido com o do vô.

— E tem mais, a orientadora do colégio falou que meu piá anda tão bem como nunca esteve. A surra que deu em três pivetes, que não sei o que faziam na escola, já foi há dois meses. Depois disso, se aquietou.

Doutor Thibo andava diferente, mas a surpresa estava em que se revelava cada vez melhor no campo das ciências universitárias. Atinha-se,

com quase devoção, ao trabalho do ensino superior. Media, com certa exatidão, as incertezas do envelhecimento, uma vez que, no ser humano e, de modo especial, na velhice, nada é preciso. Olhava ora para o estilo de vida de um velho ou de uma velha, ora para a formação dos cuidadores, ora para as formas educacionais a serem impressas antes da velhice. O que mais sentia, afirmava a quem quisesse ouvi-lo, é ter uma escola vazia de ética, na medida em que o aprendizado se preocupa em explicar todas as coisas, mas não em tê-las em seu devido cuidado. Como se fosse suficiente saber muito para completar-se uma pessoa, queixava-se o homem.

De tanto temor em torno de si, surtiu um travor. Não se dava por santo, mas nem por diabo podia se haver. Mas até as cobras sabem se haverá um tremor, bem antes de a terra se convulsionar. Olhava-se em sustos: onde vou dar com os medos de minha mãe? Ela costumava brincar: e quem é que sabe da hora mais propícia do diabo enfiar seu rabo? Não sou um São Cristóvão para carregar o Menino tendo nas mãos a terra e suas dores, mas o pedaço que me compete vou levar sem me afogar. Conversava com seu neto para que o meninão não se perdesse por aí. Sabia dele que tinha até mais forças que o avô na boca e nos músculos. Quando da surra nos pivetes, disse-lhe que não fosse tão bruto.

— O que é que vou fazer se a força me vem quando vejo que vou apanhar? Deixo que façam de mim gato e sapato, vô?

— Mas não carece estropiar os coitados daquele jeito, contestou Thibo.

— Va bene, va bene, vô, assentia, imitando dona Luci. Vou levar um metro pra ver a medida certa. Até puxar da trena vou apanhar como bode em jardim, atrevia-se o piá na conversa.

Riam os dois das dificuldades em se ter a medida certa diante del mondo e sus tenebras.

Por essas e outras conversas, nem Thibo levava muita fé de controles austeros se em ambos proviesse a bruta pedida diante do mal.

Podia vir um dilúvio de vontades pedindo menos horrores, mas que não se atrevessem a pensar em fazer o que foi feito aos sete meninos da infância, história, aliás, que Sanchito tanto gostava de ouvir. Que cada um ficasse na sua, tendo por conta própria a exploração do que lhes é próprio. Um mundo pode ser feito com medidas certas, comentava com os mais velhos. Ora, vejam, ao pôr voz nas palavras, tudo é como fazer um tecido: linha se tem, falta fazer o tamanho necessário. Não carece vestir a roupa dos outros, aconselhava o velho doutor. Ia se convencendo e monitorando os momentos porque a vida dá voltas e ninguém pode dizer eu sou dono de mim. Sempre tem um espaço para o agravo do bem.

Por estes tempos, como já foi apontado, estava Lúcio bem posto em seu lugar. Não dá para cansar de seu exemplar acompanhamento em torno do cunhado e do sobrinho. Viveza e honestidade era o que tinha de sobra. Apanhava no ar as sutilezas que a outros escapavam. E seu jeito de dizer era o que tinha de melhor ao ter que ir direto a um assunto. Indícios e retalhos, meias palavras eram suficientes para revelarem uma realidade. Bastava uma palavra para nele se completar a frase. Lúcio estava de olho na genética dos dois. Vinha observando alguns termos inusitados na boca de ambos: Filhos da puta, estão escondendo alguma coisa. Ouviu... *esse filme de Polanski... como esteve bem Hopkins em Drácula, e baixavam a voz ... Mayer tá uma mixaria.*

Percebendo os acontecimentos e tendo em questão a vivacidade da inteligência de Álvaro, desconfiou das mudanças incomuns. É da idade, pensava Lúcio, ter um salto de qualidade na forma de ver o mundo. Construir realidades novas com seu respectivo encantamento não é fora do padrão. Ser capaz de medir tudo em outros parâmetros, reunindo informações, pode levar um menino sereno a ser um inconformado ou a ser um revolucionário, pensava Lúcio.

Álvaro mostrava paixão pelo conhecimento e a tudo explicava com desenvoltura. História, geografia, matemática, literatura e todos os objetos de pensar se expressavam em incursões além das explicações de um

adolescente. Menos mal, consolava-se Lúcio, que essa força possa vir em benefício dele e de todos.

Além da preocupação de Lúcio, havia a preocupação de três amigos do já sessentão Thibo. Triton, Mirão e Betão, seguidamente, teciam seus comentários sobre os eventos do amigo em comum.

— Que o home tá diferente, tá... ah se tá !, repetia Betão.

— Anda meio cismado que até a Dirte se queixa de ver o doutor tão cheio de reflexões, assuntava Mirão.

— Eu mesmo ouvi dela que o sono do homem não tá mais o mesmo. Ouvi dela: tem movimentos agitados e suspiros fundos. Que será, que será?, refletia Betão.

— Proponho uma conversa com ele, concluiu Triton.

Assim fizeram.

— Os fatos, às vezes, se precipitam, a vida dá seus saltos, alguns qualificam outros desiludem, comentava Thibo numa das conversas com Triton, num eventual encontro.

— Pois é, meu caro doutor, com qual deles você conta?

— Deixa pra lá, ria Thibo, acho que é minha andropausa tardia. Nada sobre o que não se tenha controle. Em certas noites me agitam alguns sonhos. Coisa pouca.

— Ainda bem que é só isso.

— Ando um pouco distraído. E percebo que isso acontece dia seguinte aos sonhos mais agitados. A Dirte também percebeu que dou minhas voadas. Vou ver se tomo um Lexotan pra dormir melhor.

O próprio Thibo tinha consciência de que a curta explicação não compreendia toda a extensão de sua agitação onírica, tampouco a excelência da sua criação científica.

## **As primeiras horas da noite**

Para Thibo e Sanchito, nada mais se constituía da mesma maneira. Os dias eram perpassados de sensibilidade, e certas noites, de fortes visões. A sorte havia sido lançada sobre ambos. Os mistérios e possibilidades da natureza humana, imitadores de todo universo, precipitavam-se de forma inapelável sobre avô e neto.

Aos outros, as alterações ocorridas não eram tão nítidas, uma vez que os dois tomavam suas precauções. Somente Lúcio penetrava um pouco mais nos meandros da dupla. O cego da maior visão dizia: como os telescópios estão conseguindo espiar o tamanho do deslumbramento e, por certo, não se compreende ainda nem o princípio da imensidão, os dois, também, estão penetrando na complexidade ainda oculta. Loucura? Mas o que se sabe? Vou ver de mais perto essa aventura.

Nos primeiros diálogos entre Thibo e o cunhado, de vez, Lúcio mostrou suas reservas, demonstrando a importância da solidariedade. Falou ao temerário Thibo sobre os temores que avançavam na proporção de acontecimentos recorrentes entre ambos. O cego Lúcio advertiu que estavam em uma zona perigosa. Mostrou ao cunhado a responsabilidade do avô. Não podia enfiar o neto nessa história de leituras estranhas. A sensibilidade juvenil é curiosa, e ele, como avô, não poderia deixar mal o próprio neto. Thibo confortou o cego Lúcio, amenizando os exageros de preocupação do tio. Enquanto isso, a rapidez dos movimentos oníricos começaram a preocupar Sanchito, o Pequeno. De pequeno, não tinha nada, mas se havia fixado o termo em razão da ternura e da lembrança de vinte anos atrás. Álvaro, Sanchito ou Pequeno se repetiam indistintamente. O já rapaz, agora universitário, correspondia às solicitações dos professores e da casa. Dominava como ninguém as exigências do curso de direito. Por mérito, recebeu uma bolsa de estudos, dividindo os



recursos entre o impulso irresistível dos livros de vampiragem e os de direito.

— Meu Deus, falava em confiança ao avô, caminho livremente à noite e de dia me assustam tantas coisas ruins que acontecem.

— Fique sossegado, meu Pequeno.

— Sossegado de que jeito? Sei de meu caráter difícil por causa da genética já presente em meu tataravô e de quantas forem as gerações anteriores. Não posso negar a atração irresistível que sinto pelas diferentes formas do sofrimento e do jeito sofrido que eles têm.

— Escuta, Sanchito, acho que somos atraídos por aquilo que somos. Apenas se precipitaram em nós seres imaginários, juntando-se às nossas inclinações e à imaginação.

— Só pode ser isso. E o que fazer?

— Vamos ver aonde vamos dar. Vamos viver juntos nossa aventura.

— Vô, tenho medo!

— Me dá um frio na minha velha barriga, mas estou disposto a esgotar minhas inclinações, e vamos avançar. Conhecer o conhecido é fácil, o desconhecido custa um pouco mais.

— Tua filha vive me perguntando sobre meus silêncios. O que digo?

— Diga que cada um deve seguir seu caminho, e, em certos passos, não há como ajudar. E, por outra parte, tu estás bem cercado: afinal, teu tio é nosso conselheiro nessa travessia. Não vamos sair da linha de jeito nenhum.

— Vô, explica melhor o que acontece comigo. Queria ser, senão idêntico, ao menos, mais semelhante aos outros.

— Temos, eu e tu, natureza semelhante e com certos exageros: forças e sentidos mais acurados, imaginação extremada e razão suficiente para apurar melhor o que fazer. Temos, ainda, bons costumes que não permitem avançar demais. Não estamos tão desprotegidos.

— Tenho medo de me transformar num Conde Drácula.

— Não mencione isso, rapaz. O imaginário em torno dos vampiros reflete o horror ao mistério do sofrimento e da imortalidade do mal. Apela-se a algumas bobagens como a cruz, o alho e outros módicos recursos para espantar a perplexidade diante da eterna maldade. Em primeiro, Sanchito, estamos vivos. Se somos capazes de sair por aí quando dormimos, não temos o poder pérfido e nem somos perversos para ter o mal como necessidade, nem carecemos sugar sangue de quem quer que seja para viver. Proponho a aventura. Que tenhamos um pouco de poder.

— Vê, e como os outros vão ver nossa aventura?

— Teremos sempre o cuidado em tudo que nos envolve. Tem mais: o máximo que vai acontecer é termos alguns sonhos vampírescos, o que não vai afetar a vida de ninguém. E nem todos os autores que lidaram com esses seres imaginários viram neles seres tristes. Lembra de Anne Rice em seu livro *Entrevista com vampiros*? Pois é, nele há uma vampira que não morre. Anne se refere à sua filha, que havia falecido fazia pouco tempo. É uma figura agradável, e nela se revela apenas o grande desejo humano de não morrer. Vamos ver se nós dois apenas conseguimos transcender um pouco o nosso cotidiano. E, ainda mais, não somos vampiros, nem temos a pretensão de ser.

— Vamos lá, vô! Vamos ver o que a noite nos reserva.

Meses e meses se passaram, e nada de especial aconteceu. Os livros pareciam não ter seus efeitos, e os sonhos não apareciam. Esmaeceram-se os temores, mas, como tudo pode acontecer, aconteceu.

A primeira noite em que Sanchito entrou no seu transe onírico, viu-se temeroso andando pela cidade. Percebeu a sobreposição de realidades. Tinha o poder de ver a história se movendo a seu critério.

Podia vislumbrar os fantasmas do passado como se fossem vivos. Saudou a um e a outro. Entrava em repartições públicas, na intimidade das casas, ouvindo severas preocupações e palavras sem dissimulação. Acordou-se assustado, pois o que todos escondem aí estava diante de seus olhos e ouvidos. Acordou-se com o que vira. A sua sagacidade no sonho estava ampliada, e podia perceber, sem mentiras, o movimento da cidade. Ainda que parca, a experiência foi suficiente para ver melhor a condição humana. Por estar perplexo, não buscou conversar.

Dia seguinte: mal conseguiu prestar atenção ao professor de *Direito das coisas*. Entre uma palavra e outra, fixou apenas: pode-se dizer que a propriedade é o direito conferido a alguém, ao qual é dado os poderes de posse, uso, gozo, disposição e ainda de reavê-lo de quem injustamente o detenha. Foi o bastante para que começasse a questionar-se. Qual o meu direito de invadir a propriedade dos outros a quem, de fato e de direito, foi conferido o poder de si mesmos? Em que proporção posso ter indignação ou revoltar-me diante das almas e das coisas, se nem ao menos delas me privo? Se já é difícil acertar dividindo opiniões, quanto serei competente para avaliar o bem e o mal dormindo em solidão?

Mal terminadas as aulas da manhã, foi refletir com o avô.

Thibo pôs-se a rir enquanto Sanchito narrava sobre o que havia visto dentro das casas. De outra parte, severou-se todo sobre o que era narrado a respeito das repartições públicas. Em relação às dúvidas do Pequeno, chegaram a algumas conclusões: não se imputa culpa sobre os sonhos; ao contrário, concluíram, é elogiável o aprendizado que se faz sobre toda a realidade. Mais ainda decidiram: sobre o passado nada mais se pode fazer, apenas saber; todavia, sobre o presente, vamos saber e fazer. Se começarmos a saber sobre o futuro, vamos então prevenir.

Thibo, de sua parte, confessou, também, sobre a singularidade de suas alucinatórias visões.

– Andei com meu Trambejo pela cidade. Olha, guri, que pouca coisa é mais convidativa que andar em silêncio entre as ruas. De lugar em

lugar em que andava, ninguém notava o meu semovente. A velocidade era pouca, mas nada detinha a minha carroça viva e fiel. Uma preciosidade de veículo, de muito respeito. Ficava quieto ou com seu ronco suave. Assim ia eu na simpatia dele, conversando. O bicho fazia acalmar a quem estivesse em grande tristeza, pelo seu jeito humilde de ser. Muito mais interessante era quando me apropriava das pessoas sem ofender seus direitos. E o que vi foi admirável. Era um pouco constrangedor ver o que mais as pessoas querem ocultar, mas nada existe que não pertença a todos. Logo me acostumei a ver nos outros o que poderia acontecer comigo.

— Da próxima vez, vô, vê se me dá uma carona!

Ambos riam a não mais poder, quando apareceu sem cerimônia a dona Dirte.

— De que se riem tanto?, interpelou.

— Bobagens de um avô com seu neto. Nada mais ingênuo que isso.

— Bem sei que são inocentes. Uns perfeitos anjinhos. Não me enrolem, que pra boba não sirvo. De tempos pra cá, vocês dois andam mais distantes, ensimesmados como dois burrinhos pensantes.

— Que é isso, vô?

— Não vem que não tem, piazinho. Sei que saiu à tua mãe. Carrega uns diabinhos a mais.

— Que maldade falar assim de teu neto e da própria filha.

— Santo Deus, só eu sei que comi um pão que o diabo amassou pra endireitar tua mãe. Tenho medo que teu avô venha a te estragar!

— Não pense tão mal de mim, minha senhora.

— Não penso, estou vendo! Tenham modos, seus safados, ainda vou saber do que andam aprontando.

Por vários meses, fez-se silêncio, levando os dois a acreditar que os sonhos houvessem se perdido. Os sentimentos de perda começaram a recrudescecer. Thibo mais parecia uma triste figura e Sanchito, uma caricatura do que fora enquanto esteve andando solene pela cidade.

Na verdade, foi uma parada necessária. Ao retornarem as aventuras noturnas, o quadro modificou-se de forma mais radical. Os dois, pela primeira vez, encontravam-se pela noite afora. Uma praça em frente à igreja era um dos lugares preferidos onde Sanchito meditava depois das incursões solitárias. A prefeitura não se distanciava muito daí. Viu, com grande tristeza, as vontades pessoais e os arranjos políticos forjando histórias de pouca grandeza. Voou para dentro de uma casa, de onde se ouviram suspiros tristes. Tentou consolar a gemedora mulher, mas, de fato, ao passado não se conferem novos caminhos. A pequena lição serviu para saber o quanto é sensível uma mulher não correspondida. Entre gemidos fundos, viu pensamentos recorrentes da fragilidade, pois aquele tempo era um tempo em que o mundo feminino tinha no casamento uma frágil forma de ser. Dia claro, havia sido abandonada, e as lágrimas eram do maior desespero. Ouviu dela nitidamente:

*Ó minha alma em atroz momento abandonada*

*Nada mais sou, sou o vento sem palavra*

*Terra seca, fonte de nada, existência calada.*

*Onde buscar a casa em que se guarda*

*Um sentido à minha vida?*

Saiu angustiado do transe em que se meteu. Entrou na Igreja de Nossa Senhora, a concebida sem pecado. O clima terno do ambiente pôs um pouco de paz. Produziu-se um efeito em sua crença, que até aí se enchia de dúvidas.

— Psiu, psiu, ô filhotão, escuta aqui!

Voltou-se para o altar. A senhora azul movia-se radiante. Sanchito estava perplexo. A luz estava solene e branda. Ninhos de pássaros cercavam seus pés. Lembrou-se de uma antiga poesia de Afonso de Guimarães: *A catedral ebúrneia do meu sonho,/ onde os meus olhos tão cansados ponho!* Sorriu de uma paz alegre. Ainda duvidava da visão religiosa que lhe ia fora e dentro da alma. Mais rápidos e densos voavam pensamentos sutis e outros mais vigorosos, como árvores de cedro e pitangueiras. Ouviu:

— Ô piá, chega mais perto. Acaso sou de assustar?, falou a doce mulher.

— Não é isso. É falta de costume.

— Então, vê se te acostuma. Estou, faz quase dois séculos, aqui plantada. Preciso pôr em ordem minhas conversas! Afinal, embora esse não seja o meu tempo, tenho muita curiosidade. E bater um papo, meu Pequeno, me faz bem.

— Meu vô me chama também de Sanchito, falou como uma criança.

— Pois, então, meu Sanchito. A ternura me enche a alma. Sou uma mãe meio sem destino. Hoje, todos se cercam de tanto e de tudo, menos do mais necessário. As conversas alegres das casas estão cada vez mais escassas.

— É o mesmo papo de padres e pastores e de mulheres que cuidam de seus filhos.

— Acaso não estás carregado de uma elevada alegria? Não te sentes leve? Não se transcende em ti o gosto de venturas? Esse poderia ser o cotidiano. Mas, escuta bem, não estou aqui pra sermão.

A terna senhora, num triz, pôs-se ao seu lado. O Pequeno sentiu-se enlevado em seus braços. Sentiu os seios fartos consolando seu peito. Sanchito percebeu o quanto estava longe da imensidão que um peito pode conter.

— Um conselho, que mãe não perde a chance. Dizem que aqui é terra de moça bonita e homem valente.

— Mais de moça bonita que de homem valente, riu-se o piá.

— Tá bem, correspondeu a senhora, vê se acha uma garota e não fica aí conversando sozinho. Um Adão não cai bem sem sua Eva. Agora vai, e vê se não se esquece de mim. Teu vô está aí fora fazendo das suas.

De fato, aí vinha Thibo montado no Trambejo. Parou em frente à escadaria. O Pequeno, ao olhar para a praça, percebeu o verde intenso das árvores, embora de uma luz com brumas. O extravagante veículo parou, e o avô não perdeu tempo.

— Suba aí ou vai ficar. Tá feito um bobo.

— Tô mesmo, falou Álvaro, antes de o antiquado rocinante arrancar.

Thibo percebeu que o seu garotão chorava.

— Faltava essa! Em vez de aventuras eu ter que consolar um neto chorão. Temos muito que fazer.

— Pode parar essa carroça aí na esquina! Antes de sair por aí preciso falar do que vi e ouvi. Desse jeito tá parecendo um velho louco.

— Por que sempre andar politicamente correto?

— Tá bem, mas não sem pôr em ordem uma conversa importante.

Ouviu-se o ronco fundo e calmo do exorbitante carro, agora calmamente estacionado.

— Fala então! Não vou te deixar assim. Essa ansiedade daqui a pouco te mata.

— Mata mesmo. Estou pondo minha alma pela boca.

Os olhos de Thibo iam se tornando brilhantes, e o rosto transcendia a alegria do peito na medida da narrativa. O velho senhor

sentia ainda mais a santa experiência de seu garoto. Volta e meia, Thibo repetia: afinal, a velhice serve para alguma coisa. Grandes lágrimas foram o resultado da conversa, as quais ele procurava disfarçar.

— O que se passou contigo foi um sonho, nunca esqueça. Não venha por aí se esquecer de pôr os pés na realidade.

— Nunca alguma coisa foi tão real como a que vi e senti aí na igrejinha.

— Tá bem, tá bem. O que quero dizer é que traduzir esses sentimentos no cotidiano nem sempre é tarefa fácil. Quero ver tu praticares esses sentimentos com a dona Rafaela, agitadona e brava como é. Deixa estar assim, que, na verdade, essa visão não é outra coisa do que o que já existe dentro de você.

— Como assim, meu velho?

— Deixa-me ver. Não há quem não carregue a história humana e todos os sentimentos que aí já se fizeram. Os mares de todos os tamanhos andam em nós. A ternura de mães que se despedem de filhos, pássaros em seus ninhos, raposas em suas tocas, sonhos adolescentes, lágrimas de encontros, tudo perambula mais ou menos preso dentro de cada um. As igrejas e as montanhas são lugares próprios para emergir o que de melhor temos.

— Péra aí, meu velho. Não vem com essa antropologia louca. Sei também: o que anda dentro pode andar fora de cada um. Nem tudo são desejos apenas. Ao menos, me deixe um pouco dessa fé, pode ser? Desconfio de tuas rápidas explicações, como o caso da mulher que eu vi.

— Não tá mais aqui quem falou. Prefiro essa arte de amar o momento como o de agora. Nada sei além da caridade.

Bem aí, nesse exato instante, chegou-se um soldado que cuidava o trânsito, tomando nota da placa e registrando a multa. Thibo saiu do seu airoso animal roncador e começou a altercar com a autoridade. Feia estava a discussão sobre tem placa, não tem placa, sobre isso e aquilo. Vô



e neto acordaram agitados: um sob o olhar nervoso de Dirte e o outro, de dona Rafaela.

— Bonito é!, ralhava a mãe.

— Não acorda descansado nem quando velho, xingava Dirte.

Os dois, arranjando as mesmas desculpas esfarrapadas, abraçaram as nervosas senhoras, buscando que as duas parassem com as desagradáveis e repetidas palavras.

Mal se passaram algumas horas quando esposa e mãe assuntavam entre si, crescendo os olhares sobre os dois.

— Estranhos, muito estranhos os sonhos dos dois, refletia Dirte.

— Por que eles falam tão pouco dos sonhos?, questionou Rafaela.

— Estão escondendo o principal, finalizou a velha senhora.

Era Raquel quem tinha mais acesso aos fatos. Tanto quanto Lúcio, ela dava segurança a Sanchito. Ele tinha prazer de falar com ela, pois a conversa ficava entre os dois. Tudo ficava na estreita amizade, que não era de agora.

Enquanto aconteciam essas ocorrências, Thibo, como era seu costume, registrava opiniões agora em computador. Aproveitando a ausência do marido, que participava de um congresso geriátrico, Dirte não poupou esforços, conseguindo acessar o arquivo onde constava a sua memória. Sossegou um pouco ao ler as travessuras ainda ingênuas. Houve um momento de alegria ao ler as palavras referentes às impressões de Thibo sobre o neto. Chamou atenção o final do registro: *pois de vampiros que tínhamos em nos transformar, estamos discutindo a aparição de Nossa Senhora*. Dona Dirte, entretanto, não apreciou a brincadeira sem respeito aí posta por Thibo: *Nossa Senhora acabará ainda por revelar ao meu Pequeno que as terras daqui lhe pertencem por doação, registrada em cartório por Cabo Neves. A gorda e amável senhora, pelo jeito alegre de ser, será capaz de cobrar de Sanchito o direito ao terreno onde moramos. Tenho esperança de, numa noite*



*dessas, tomar um mate com o gentil senhor, seu marido, ou, que seja, com a agradável senhora. Meu Deus!, do que não pode o espírito humano!*

Não carece dizer que, apenas vindo do dito congresso, foi direto ao seu computador e notou a data em que fora acessado. Avisou nervoso Dirte que a invasão de privacidade era falta de respeito. Ela firmou posição sobre a ideia de não haver segredos entre um casal, a que Thibo respondeu afirmando que, ao menos, pudesse pensar com sua cabeça: ainda quero preservar um cantinho de minha identidade. Os dois ficaram por dois dias do jeito desagradável de estar juntos. Thibo criou uma pasta com senha e, por brincadeira, denominou-a *Vampirus Thibensis*. Tudo se finalizou com uma brincadeira na qual Dirte chamou-lhe por meu vampiro. Ele correspondeu: ainda vou morder teu pescoço e teu sangue será o meu. Ela, por sua vez, mudando de atitude, alertou: não pense que não sei sobre tua perigosa herança de família. Não tem idade para se revelar o que se guarda. Rezo para que tu morras sem maldade. Tua mãe cansou de me falar das crueldades de Tibúrcio, o degolador. Degolou aqui e degolou inocentes de Antônio Conselheiro. Se até os cachorros ferozes se assustavam quando chegava perto, boa bisca teu bisavô não foi. Confesso, Thibo, que as histórias dele moram em mim, fazendo ter pesadelos.

Ria-se o marido, confessando que agora estava muito velho para aprontar grandes ameaças. Ela respondia: atrevido, não minimize o poder dos velhos!

Avô e neto se encontraram e mal conseguiam conter as palavras para dividir as impressões.

— Escuta, vô, já recebeu a multa?

— Já, e com os pontos na carteira!

Não rolavam de tanto rir porque estavam no consultório do velho geriatra. Firmaram desejos de, por um tempo, não andarem sonhando pela cidade. Havia temores familiares que deviam ser evitados. A razão principal de reprimir os nítidos sonhos era de que os acontecimentos

escapassem de controle. Afinal, Dirte, mais de uma vez, acertara em suas intuições.

— Não fique preocupado, Pequeno. A linda senhora vai te proteger, e, de lambuja, vou ter a minha segurança.

— Não brinque com isso, que é coisa sagrada.

— Não estou brincando. Toda a proteção é bem-vinda.

## **A noite do campo medonho**

A noite era lúgubre, e o sonho se adiantava. Thibo e Sanchito lembrariam para sempre a tragédia de Passo Fundo, tendo-a como a mais disforme ação humana por razões da estupidez e da crueldade. O que viram ganhava das mortes cristãs e das muçulmanas. Aí, ao menos, havia razões imaginárias. Na tragédia de 27 de junho de 1894, explicava Thibo ao seu neto, tudo havia começado por ideologias movidas por interesses muito particulares. Veja bem que atrás, ou seja, à frente de brigas as mais tristes, onde morrem tantos, existem dois ou três loucos semeando suas loucuras. Tudo começou com Silveira Martins, que fora mais feliz que Deodoro da Fonseca na conquista de uma mulher. Este, de pouca amizade com o imperador, enciumado do primeiro, por haver sido promovido por decreto imperial, tomou coragem pessoal por aquilo que se forjava nas casernas: formar uma república, mandando o Pedro II tomar fôlego em Portugal. Silveira Martins, que se doía de raiva e medo, fugiu para a Europa, retornando para o Uruguai, de onde saiu para brigar com o presidente da província do Rio Grande do Sul, Júlio de Castilhos, que não era trigo limpo, mas delegado geral de Deodoro. Já não se sabe se veio tirar a limpo antigos desafetos ou defender uma monarquia parlamentarista. Reuniu um monte de federalistas apelidados de maragatos. Os defensores de Castilhos, chamados de chimangos ou pica-paus, como eram conhecidos os republicanos, começaram a organizar a defesa legalista. E tudo veio dar nesta estúpida batalha com mais de quatro mil homens em Pulador, Passo Fundo. Os dois grupos começaram a mais bruta das brigas.

Os sonhos claros e vivos dos dois atravessaram os tempos. Aos poucos, a cidade foi se desmanchando, dando lugar a uma outra, de casarios estendidos ao longo de larga rua, onde se vendia de tudo. Era a manhã de poucas casas. Os dois em nada reconheciam o que era seu. Gente assustada, fugindo para muitas direções, e outras tantas sem

direção. Ainda madrugada, Thibo, passando em frente à casa de seu neto, levou-o à direção de São Miguel, e por picados chegaram até Pulador. A insanidade fez florescer outras. O que viram foi a monstruosidade ambulante. Se os vampiros têm o prazer de viver de sangue alheio, aí o sangue escorria, ainda mais vergonhoso, das panças, dos peitos e das gargantas, empapando o chão. Mais que tudo, havia o horror da peleia.

Os dois, entre poeiras úmidas e o vento frio, avançavam com o Trambejo, assustados mais que os mortos-vivos que corriam, clamando por piedade. Adiante, viram soldados e mais soldados, armados alguns de artilharia e outros, de facões e raiva. Os pica-paus, bem posicionados, mas de menor preparo nas brigas feias. Os maragatos, terríveis e feitos para o prazer da morte, atracavam-se em peleia mortal. Imenso era o campo dos lutadores e elevado o número. Disse Thibo:

– Que quadro dantesco, que miséria humana, de que merda de ideias é feita essa luta!

Os federalistas, por maior e experta brutalidade, fizeram correr os pica-paus, que, ao verem tamanha morte e tão horrenda, puseram-se em fuga, muitos e muitos desistindo de ir até Carazinho. Os maragatos saíram em perseguição aos pica-paus e, alcançando-os, os degolaram. Caçavam aqueles escondidos nas árvores, vendo neles apenas periquitos pela farda verde, rindo-se ao vê-los feridos, cadentes mortos das árvores. De ambos os lados, carroças transportavam os feridos, matando aqueles que iam muito mal. A grande parte dos federalistas foi-se em direção a Soledade. Se o berro fosse enorme e a morte próxima, matavam os companheiros: eram tantos os que morriam na corrida desvairada. Não havia lugar para os muitos feridos nas poucas carroças. Cada contendor mais parecia fugir do que fora feito. A tudo isso, os dois viam e vomitavam por razões tão estúrdias. Os legalistas, por defenderem Castilhos, tirano de primeira linha, e os outros, por defenderem uma ideia, por aqui extemporânea.

Desde a manhã, o tempo estava de congelar; agora, quatro da tarde, passada a hora do fragor, os vivos, os quase falecidos e os mortos sentiam, assustados, a maior das brutalidades. Por tudo que os dois viram,

perceberam a imensidão da paixão humana. Viam nos olhos dos lutadores o prazer insano da morte. Peleavam doidos até se apagar a paixão de quem morria, ou se apagava não havendo a quem matar. Thibo jurava ver seu bisavô. Que impulso aquele de enfiar um pica-pau de joelhos entre as pernas, um golpe no nariz; por instinto a pobre vítima erguia a cabeça, oferecendo melhor a garganta, um gemido fundo, os estertores, a morte. Um gozo no olhar do bruto Tibúrcio. Não foi pouca a mortandade saída da mão direita. No capão próximo à picada dos dois curiosos, em pequenos magotes, levavam um grupo de cinquenta prisioneiros, e aí eram sacrificados sem razão alguma, a não ser aquela que os movia pelo original desentendimento entre Deodoro e Martins, motivo de pouca glória. Foi o momento de terem a vontade liberta para meterem fim naquela carnificina. Chegaram-se, a pé, junto do bisavô e tataravô Tibúrcio, dizendo o poder de suas palavras para retirar a força do braço e pôr um pinga da bondosa virtude. Nenhum resultado. Outros exercícios de cantar pra São Miguel, mas, como nem Deus volta ao passado, tudo acontecia à revelia dos melhores desejos. Todavia, sentiam que, se o passado fosse reparável, a briga feia e bruta se arranjaría de forma diferente. Os dois berravam em vão para haver melhor sentimento entre irmãos.

Ainda ouviam os feridos nas carroças federalistas e chimangas. Lá se iam seus gritos, sem clareza de seus ferimentos. Foram preparados para matar e não para pensar. Brutos foram e levados como animais à morte. Estavam de tamanho nojo e vergonha que vomitavam ainda mais, pondo as entranhas.

Voltaram para a cidade. Viam os vizinhos pica-paus e federalistas, porta a porta, a se aturar. Tiros soltos matavam na frente das casas. A raiva fraticida não havia se acabado. Lágrimas e mais lágrimas se derramavam de uma dor em vão. Vinham devagar pelo Boqueirão, tão tristes e fracos, parecendo dois Squoncs. Apenas o consolo de a tristeza constituir-se também em virtude, impondo novas direções. Ainda que tudo fosse sonho, aprendiam a ter melhores medidas e indiscutíveis forças para sugar misérias e fortalecer-se diante de males fortes e vergonhosos. Viveriam como parasitas, reciclando maldades, delas se alimentando.

Aprendiam a ter melhor disciplina na perfídia. Vampiros bons é que seriam, sem dentes em pescoços. Sugariam o mal, pondo a caridade como São Francisco: era o propósito.

Aprenderam, também, do indulto de Prudente de Moraes para que os revoltados federalistas, já enfraquecidos, voltassem para casa, recebendo o determinante perdão. O presidente, oferecendo anistia, fez diminuir a raiva de quem estava por perder a revolução federalista, salvando-se a dignidade dos lutadores. Mostrou, além disso, aos pica-paus que era hora de parar a beligerância.

Essa batalha deixou Passo Fundo em pedaços. Bem que diz meu amigo Salton: *não tem medida o quanto desapareceu de bons sentimentos nas famílias que sobramam. Muita dor de perda e muito desejo de vingança. Que fazer de todo aquele ódio, já que se teve de continuar a compartilhar as mesmas ruas, as mesmas praças, os mesmos bancos escolares com os matadores de seus pais, irmãos...*

*Se não dá para fazer louvação da maior loucura matadora, para mim e meu neto foi providencial, uma vez que a vimos e nela nos exercitamos, tendo mais juízo e providência nos atos a serem praticados. É motivo de lástima elogiar a bravura dos pobres soldados que mais pareciam gostar de pelear que lutar por uma causa. Em que estaria pensando meu bisavô ao cortar gargantas? Ainda bem: quem reflete com decência pode ter compaixão pela miséria humana feita naquele lastimável dia,* escrevia em seu diário escondido.

Thibo não tinha pensamento solitário, o amargor não era somente seu. Foi de muita alegria o fato de poder registrar parte do site do Sindicato dos Comerciantes de Passo Fundo e Região:

*Ultimamente, tem se falado em “Batalha de Passo Fundo”, dando-lhe dimensões épicas que não teve: não houve glória, somente mortandade, talvez sem igual na história do Rio Grande. Sua singularidade e o fato de ter ocorrido em nossa terra não devem ser motivo de orgulho, mas de profunda reflexão sobre quais e de quem são os interesses que*

*levam milhares à morte. Lembrar os crimes de nossos antepassados é tarefa dura, mas necessária, sem a qual não conheceremos realmente nossos defeitos, e, portanto, não poderemos avaliar nossas reais qualidades. E a batalha - de Pulador ou Passo Fundo, como queiram - deve ser vista com realismo, lembrando que é preciso mais força para viver em paz do que coragem para morrer lutando.*

Por muitos meses, foram vistos, Thibo e o neto, metidos em extremas forças caseiras e públicas. O mal feito também tem sua virtude a quem tem boa vontade, explicava o avô ao Pequeno.



## **Aventura amorosa de Sanchito**

Para susto geral da família, deu pra Sanchito amar uma mulher de pouca virtude. Ela apreciava viver de encontros passageiros. Em tempos de antanho, se diria, uma puta independente. Agora, embora de costumes mais fáceis, ainda se fala dentro das casas: de gente assim não se tira uma família. Como as peleias brutas e feias representam as dificuldades da razão, assim a paixão amorosa mostra, por vezes, sua irracionalidade. Mesmo que soubesse disso tudo, Sanchito montou na sorte de amar essa mulher. Se amar uma mulher de vida impoluta já é coisa mais complicada que montar um exército, o que dizer de amar uma que gosta de aventuras?, dizia o avô Thibo. Era uma mulher que, de agrados em agrados, fazia bem com seu jeito de ser. Amava para logo a seguir desperdiçar a quem quer que ousasse aproximar o coração do seu. Em Sanchito havia mais que ousadia. Não sabendo ao certo porque se dispôs a amá-la, reuniu os vigos aprendidos em sonhos. Propôs a si mesmo deixá-la de um coração mais confiável. Começou pelos exercícios de admiração sobre os jeitos de Melânia, assim se chamava a desprestigiada senhorita. Sabendo de seu poder da palavra, estimulou conversas e mais conversas sobre a família dela. De fato, era uma instituição precária a dela. Criança, foi de poucos afetos, e os poucos, de relance. Crescida com uma mãe que, de pequena e frágil que era, não dava conta de si mesma. Mãe ausente por mais que Melânia clamasse por ela. Abandono e insegurança poderiam ser seu nome. Por isso mesmo, a confiança nos namorados era coisa tão passageira como a aurora. Bela em sua forma, mas de uma precariedade preocupante.

Todos sabiam e viam do jeito Melânia de ser. Avisavam-no com palavras fortes, afirmando que estava pondo fora a intimidade. Rafaela e a tia Raquel, quase aos gritos, diziam: cai fora, procura outra mulher, deixa disso, filho, o que deu em você?; pelo amor de Deus, rapaz! Thibo falou-lhe, de dia e de noite, sobre onde estava se metendo. Se é muito difícil

sustentar um amor sereno, forte e de uma mulher confiável e confiante, o que seria dele entregue a uma tão difícil, como estaria ele se Melânia não tinha nenhum pinga de fidelidade? De outra parte, Sanchito brincava: ó homens de pouca fé, não fiquem augurando e jogando pro alto o poder de meus gestos e de minha palavra.

Já havia se passado um ano e meio, e Melânia continuava de modo irrepreensível aos olhos de todos. Até Raquel mal acreditava no que via. Ela que dizia de um filósofo: pois até o mel mais doce azeda num recipiente sujo, assim vai ser com meu sobrinho. Agora já andava quase crente de que sua mente é que não andava bem.

Certa manhã, não aguentando mais tanta dúvida, Sanchito ergueu a voz, falando pra toda família reunida:

– Sou presença para redimir a mãe ausente, fiz conhecer o pai desconhecido, sustento-a todos os dias, como se segura a mão de uma criança. Quando seus olhos desanimam de ver, empresto os meus. Sugo todos os temores e rancores antigos. De linda que era fisicamente, transformei-a numa mulher invejável; àquela que era pobre de palavras e de gestos dei-lhe delicadeza. Por meses e meses, segurei a infidelidade, estando ao seu lado. Dizia pra mim mesmo: não se ajusta um ser de qualquer jeito. Um dia após o outro, de constante exercício que se mostra a virtude. O amor não é pra coisa pouca, animava-me. Homens e mulheres padecem de transtornos, todos e sem escapar nenhum, alguns suportáveis e outros controláveis, uns amenos, e outros duros de roer. Corri o risco, mas acreditei que não há dificuldade que não se dobre ao extraordinário cuidado. Renovava as atenções, ora por pequenos mimos, ora por abraços, outra vez uma mensagem, outra, por surpresa, como aquela de mandar por táxi um xis. Flores não faltavam.

Depois desse discurso daquela manhã de domingo, ninguém mais abriu a boca.

Sanchito era feito de poucas certezas, mas sabia, com precisão, o quanto a falha de presença boa é capaz de acabar com a sã razão.

Repetia ainda mais: fica-se como uma casa vazia, pronta para receber cobras e escorpiões. Não vou perder essa briga. A profundidade e a imensidão podem entrar também numa casa pequena.

A transformação melânea começou a acontecer. Não há carência de muitas palavras para se saber da serenidade e da firmeza humana. Chegar-se em Melânea começou a se tornar semelhante a entrar numa casa com cheiro de pão e com seus habitantes em torno da mesa de madeira. As suas conversas tranquilas e bem feitas levaram a quase sogra e a quase tia comentarem.

— O que fez Álvaro para deixar aquela bisca uma mulher amável?, perguntava Raquel.

— Já não era sem tempo! Meu Deus, que até uma diaba ficaria bem tratada desse jeito.

— E ele veio com uma conversa de casar, completou a tia.

E os dias bons chegaram como água de fonte boa para Sanchito, o expropriador de misérias. Reciclara as dores de Melânea. Comprovou-se para ele o poder de sugar misérias. Não se carece só de bondades para viver, em tudo pode haver grandes lucros, firmava seu propósito de converter sua amada. Riu-se de um pensar... é como estar num mar revolto... os movimentos não são serenos... é, entretanto, assim que se molda um corpo mais forte. Sugar o mal é uma precisão e uma tenência. Não conseguira afastar o horror de seu tataravô, aos gritos no campo gelado. Valeu-lhe, entretanto como exercício. Não lhe faltou, porém, esperança junto à sua amada. Em uma dura reflexão, entendeu que sua raiva se imprimira contra as dificuldades de amar. Parecia um vencedor. Numa tarde, Melânea se entregou absolutamente e com tais carinhos e recepção, não sobrando dúvidas sobre o consolo de um amor sem restrições.

Em reunião, as duas irmãs, Rafaela e Raquel, comemoraram, tomando um champanhe em homenagem ao primeiro neto e sobrinho-neto.

Rafaela não perdeu sua ironia.

— Que beleza ver uma china tornar-se uma mãe.

— E parece inconcebível que de uma quase puta viesse um piazinho sereno como o tatá Antônio, acrescentou Raquel.

## Não só de amores vive um homem

De vicissitudes e sofrimentos também se vive. Thibo acabara de narrar para Sanchito a história da mulher da aldeia da Transilvânia e do sofrimento na universidade. Lembrou-se, com nitidez, das gentes de seu sonho: *o amor que fizeram era bom; os negócios tinham sido honestos; o seu sono, sem remorsos; as suas lutas, pequenas, mas limpas, e os seus campos nunca haviam negado o pão, pois que tratavam deles com respeito.*

Havia, na garganta de Thibo e, por identificação, também na do neto, um espinho atravessado. Thibo havia desprezado uma autoridade feminina na universidade, que se inflamou contra ele. Disso resultou grave desentendimento que o fizera pegar sua viola e cantar noutro lugar. Thibo fez, pelo drama narrado, que Sanchito se identificasse com o sofrimento avoengo. Os dois carregavam chumbo nos ombros e como se o peito estivesse com uma armadura de aço. Andavam aflitos: os maus pensamentos de outrora retornaram e ainda mais fortes os sentimentos pesados. Thibo ficava entre os desejos de matar a autoridade e aqueles próprios do perdão: havia, portanto, uma grave dissonância que não o deixava em paz. Não é possível um velho ficar desse jeito, lastimava-se. Não há dúvidas que errei por provocar a largura do ódio de uma mulher. Não podia era ficar sem arranjar melhor seus sentimentos. Havia que pôr em ordem tais exageros por razões de sua vida e de Sanchito. Uma história mal resolvida pode ser retomada. Era o que tinha por fazer. Não encontrava o jeito de afastar o mau humor. Fortalecia-se, porém, com Sanchito que o ouvia. Em troca, o Pequeno saía carregando sentimentos ruins, sem conseguir sucesso como aquele que produzia com outras pessoas. Não poderiam deixar assim.

Noite alta e calma, sem vento norte, propícia para sonhos reconfortantes. Tudo combinado para estar com a mulher da grande autoridade. O sonho veio de sobejo, já estando os dois no Trambejo.

Contrários aos sentimentos de Sanchito eram os de Thibo. O neto disposto a usar sua força e não perdoar, Thibo disposto à reconciliação. O Pequeno sentia forças imponderáveis, subindo-lhe o sangue, à medida que o Trambejo sacolejava na direção do encontro com a dama da obstinação. Vou matá-la, dizia, ruminando desventuras e as piores emoções. Deixa pra lá, que o tempo pode melhorar as pessoas, amenizava o avô. Certos males são incuráveis, azedava-se o Pequeno. Se é pra ir desse jeito ao encontro dela, é melhor desembarcar. Vou me comportar só por respeito aos mais velhos. Não estou pedindo por mim, que não careço de teu conforto. Tu carregas a mulher com raiva, fazendo é mal pra ti. Ainda papeando em conflitos, chegaram à universidade. Ao chegarem, foram avisados que a mulher não estaria no local combinado, mas possivelmente retornaria em breve. Resolveram que Thibo ficaria aí e o neto caminharia até o possível local onde ela estaria.

Passada uma hora desde a separação dos dois, tocou o telefone e alguém disse que estavam atacando a decidida mulher dos incômodos thibenses. O homem saltou da cadeira e saiu mais rápido que um velho senhor poderia andar. Filho de uma puta de piá, eu me incomodei, e é ele que perde a cabeça. Passou pelo campus, parecendo uma nuvem branca. Entrou no prédio, e aí estava o animal de seu neto, a senhora presa pelas costas, joelhos dobrados.

— Solta a mulher, seu Tibúrcio de merda!

Sanchito voltou-se para o avô. Este viu o rosto do neto. Era a própria visão tiburciana do campo medonho.

— Saia daí antes que acabe te dando uma sova!

— Não foi esta que te acabrunhou?

— Foi, mas não te autorizei a fazer esta besteira.

A essas alturas, a mulher tossia, respirando. Estava diferente a vítima do justiceiro.

— Suguei-lhe a força e o mal, falou o neto.

— Nem tanto!, falou a austera senhora, dando-lhe um sopapo.

Ouviu-se um som de um corpo que caía. Sanchito, mal havia tombado, saltou, vindo na direção da forte senhora. Foi quando Thibo levou seu neto erguido pra fora do prédio. Mandou que fosse se consolar com o Trambejo. A seguir voltou, tomando as mãos da mulher de seus desentendimentos. Viu-a serena como uma florzinha do campo. As palavras fluíam como água de uma fonte limpa. Ouviu um discurso moderado sobre os erros havidos entre os dois. Uma verdadeira confissão feita de ponderações soberbas e obedientes às melhores disposições. Abraçaram-se, perdoadando o passado, o máximo que podiam fazer. Havia nela, entretanto, um olhar friamente intolerante, contrapondo-se ao abraço.

Ao chegar junto ao Trambejo, ouviu e viu que Sanchito não havia perdoado a dor que inicialmente não lhe pertencia.

– Posso perdoar as maldades feitas, meu velho, mas não vou esquecer, e, por favor, não me obrigue a ter com essa mulher.

— Vamos, que há tempo ainda para outras considerações. E, por favor, não queira retirar maldades à força.

Manhã calma para Thibo. Perdoar e sentir perdão faz bem, comentou com Dirte, que ficou devendo a quem ele estaria se referindo.

O acordar de Sanchito foi ruim. Levantou resmungando: o cagão do meu avô, que velho mole que ele é! Também Melânea ficou devendo sobre a razão do sanchito xingamento.

Pela tarde daquele dia os dois se encontraram para comentar sobre a viagem onírica. Ao concluírem a conversa, o Pequeno ouviu do avô: depois sou eu quem tem uma alma tiburciana.

## **Outro sonho pouco reparador**

Por vezes, a dor alheia dói mais em quem acompanha o sofredor. É de se ver uma mãe, é de se ver o marido quando ela anda de angústia irreparável ou quando ele a ama mais que a si próprio. O mesmo aconteceu com Dirte, surgindo o cuidado em torno dos mais velhos. Ali, no centro dos tumultos, na busca de um sentido para envelhecer sem abandono: escritos, experiência, uma nova ética se abrindo para novas leituras das idades. Dirte vinha dizendo e fazendo com venerável dedicação sobre rugas e silêncios a ver se ainda mais se podia viver com graça. Devolver a palavra e a ternura aos mais velhos foi a escolha de Dirte para dar sentido à sua aposentadoria. No meio dessas lutas entre escritos e exercícios foi que ela viu surgir o pior. Assumiu a indicação para um cargo em comissão da prefeitura pela perspicácia e velocidade com que sabia lidar em relação aos mais velhos. Tudo se ia como uma árvore em terra fértil. E sem mais nem menos, apenas por interesses partidários, foi desgarrada de sua atividade. Haviam aprendido dela o necessário e o suficiente: exprimida a laranja, deixaram-na. A isso de ser explorada e sem razão largada como pena ao vento, podia se dar o nome de covardia. O chefe maior, prefeito empossado, preferiu novos camaradas para resolver sem cuidado o destino mais velho. Assim aconteceu. O efeito em Dirte foi arrasador. A dor foi tanta que, se transformada em grito, chegaria a Rivera, ou se, em lágrimas, encheria o Uruguai.

Filho da puta desse homem que convida e desconvida como se trocasse de roupa, falou Thibo. Vou fazer como faziam os dois, Juvenal e Guinaldo. Vou exprimir os seus ovos do poder. Ria de si mesmo, pois tão pouco podia fazer. Diversas vezes quis falar com o chefe maior dessa brigada política, mas não foi ouvido. Cada lágrima dirteana fazia ferver o sangue thibense. Dói mais, mas muito mais, quando a dor reverbera em dois. A casa ficou como se uma nuvem escura pendesse sobre ela. Dirte, em dia da maior dor, exclamou: será que nosso esforço é metido sempre



nesses sofrimentos? Não fui eu quem andou criando com minhas amigas esse movimento? Não andei de vila em vila? Não cheguei a fazer vinte reuniões semanais para iniciar esse movimento? De fato, nada se segura na política!

A raiva thibense recrudescceu ao ver que nenhum velho interpôs sua palavra para dialogar com o prefeito em favor dela. Matam-se as pessoas, e os velhos ficam quietos. Mas quando ardia em chama a paz daquela casa, resolveram adiantar outros esforços. Thibo a escrever sua experiência, Dirte a dedicar-se em um lugar menor, mas bem mais agradável: uma juvenil instituição de cultura e lazer. Assim os ânimos foram tendo sua brisa. O tempo, se não cura, alivia, já se riam os dois. Os males, porém, não dormem, não sentam pra descansar. Não passam ao largo como se não tivessem acontecido, por mais que se os tenha por controle. Isso se prova com mais um sonho thibense.

Dias antes o neto ficou doído com a narrativa do avô em torno das condutas contra a vó. Thibo não conseguiu esconder o fel que lhe ia na alma, ainda que soubesse que as conversas ocultas têm mais poder que o som das palavras.

Thibo exigia mais que Trambejo podia dar. Acelerava, mas o respeitoso andador tinha lá sua vontade, ia de pouca velocidade, tinha personalidade própria. Enfim chegou, nos sonhos, até a casa do neto.

O dia de inverno tinha seu travor: poderia levar as almas à morte. Dois cachorros travavam uma batalha entre uivos. Trambejo apareceu para impor respeito, calando a todos. Álvaro logo percebeu a raiva mal dominada do avô. Ao sentar no banco de madeira coberto por um pelego, contradizendo o avô e a noite, mostrou-se alegre.

— Escuta, velho, se é para ir ao encontro com o intendente com essa cara, melhor não ir.

— Entra aí e vamos ver no que vai dar.

— Pera aí, desse jeito quem não vai sou eu! Da outra vez quem quase matou fui eu. Meu espírito estava sem domínio. Aprendi a lição e posso dizer: não se dialoga com essa bruta cara.

— Prometo não falar merda. Quem vai abrir a boca é tu! E vê como vai falar!

— Vou seguir seu conselho: não vou confundir a boca com a bunda.

— Vê aqueles pardais marcando quarenta por hora? Vamos acabar com eles. Cinquenta estaria mais que bom!

— Doutor Thibo, tenha paciência! Ou está esquecendo as virtudes? A sua pessoa está parecendo os bichos ferozes que acabamos de ver.

— Tá me chamando de cachorro?

— Disse, parece.

Vendo que o humor desesperado do avô não diminuía, Álvaro saltou na primeira sinaleira em vermelho. Mostrava quarenta por hora.

— Escuta, assim o senhor vai sozinho, advertiu indo para a calçada.

— Desculpe, tu tens razão. Prometo controlar minha língua inquieta.

— Assim é que se fala, advertiu, retornando a subir no Trambejo. Vamos, que está na hora registrada.

— Tá bem, estou mais calmo.

Chegaram ao estacionamento da intendência.

Álvaro estava uma folha em suavidade cadente. Thibo, um tronco velho apodrecendo no mato. O intendente estava como se não soubesse de nada. Tinha uma lábia política capaz de engolir sapos como se fossem ostras gratinadas.

— Bom dia, doutor Thibo. Que bom vê-lo aqui.

— Nem tanto, disfarçou o velho, tendo desejos ignominiosos. Apresento meu neto Álvaro.

— Bom dia, prefeito, exagerando no entusiasmo. Meu vô está de um papo atrasado. Não dorme em paz enquanto não acertar as contas.

— De fato, estou nos cascos. Lembra da outra gestão, quando foi procurar minha esposa Dirte?

— Como não lembrar? E do trabalho bom que ela realizava também me lembro. Me desagradou quando me disseram que não queria mais participar dos bons serviços prestados. Me doeu exonerá-la do cargo em comissão.

— O senhor assinou a demissão sem saber o que estava acontecendo! Tá parecendo o presidente cercado de ladrões e nada vê.

— Peço minhas sinceras desculpas, doutor Thibo.

— De fato, o senhor nem sempre sabe dos acontecimentos. Deve se servir das informações que nem sempre correspondem aos fatos.

— É isso mesmo. Sinceramente, peço desculpas e vamos ver o que se pode fazer. Vou me reunir com a comissão de encargos e com o secretário responsável pelos idosos. Esteja bem, doutor Thibo.

— Vou estar, falou pensando: safado!

— Me perdoe o mal entendido de minha administração.

Já na porta, Thibo não perdoou.

— Tá bem, perdoo, mas que vá tomar no rabo quem age fazendo as pessoas de peteca. Cuidado, prefeito, que alguém que se viu traído pode morrer ao se perceber abandonado.

— Pode deixar, vou falar e ver se dá para remediar, demonstrando, então, um grande mal estar.

Ouviu-se de Thibo, entre os dentes maiores que eram:

— Tem mais, doutor! Sua autoridade vai funcionar mal!

Nesse exato momento, Sanchito, o cavaleiro da prudência, avaliou que o mal estar engrossaria. Viu seu avô virado no tataravô. Fechou a porta, empurrando Thibo, antes que tudo se resolvesse ainda pior.

Mal haviam saído e Thibo estava nos cascos.

— Mentira, tudo mentira, e a educação manda acreditar!, dizia, gritando para quem tivesse boa vontade para ouvir.

## **A triste história dos pardais**

A opinião era geral e bem fundamentada. Por que, de repente, a cidade encher-se de controladores de velocidade? A maioria deles limitando a velocidade em quarenta quilômetros por hora. Havia uma certeza em todos: negócios pra render. Se, em POA, os pardais eram de sessenta, por que Passo Fundo com quarenta? Muitos temerosos andavam a vinte ou trinta. A cidade quase parada. Mas lá estavam eles para os cautos e incautos. Dispararam os números de multas, mais de quarenta mil em cinco meses. Por certo, felizes todos os mandantes das velocidades reduzidas: muito dinheiro aos cofres dos favorecidos. Revolta geral, mas todos calados como ovelhas. Irritação geral, todos quietos como se os fatos fossem imutáveis. Thibo começou a entender a razão de os judeus se calarem no trânsito da morte. Até as Igrejas quietas, entendendo que a história é coisa inevitável. Aqui os míseros pardais e, para todos, como se fossem uma verdade irreparável. Nem ao menos foi avaliado se, por onde estavam, já teria acontecido algum acidente. A intendência municipal autorizando: que os pusessem por todos os cantos. Os motoristas mais olhavam para o velocímetro e a sinalização que para a rua. Muitos pequenos e grandes acidentes: alguns segurando os carros, por precaução, antes de mudar o sinal; quem vinha atrás, entendendo que o da frente passaria, batia. Estava aí a gestapo da velocidade, vigiando e punindo. Outros, para não perder seu tempo, passavam, logo a seguir, para oitenta. Em vendo tal desatino, Thibo, mais uma vez, começou a ver exageradas as suas forças em seus sonhos. Já com mais de setenta anos, tinha menos respeito por aquilo que era consenso, pois não tinha mais necessidade de ter a precisão da vida adulta, nem a conformidade. Dizia em bom tom: é preciso rever as convenções. Viver em realidades pós-convencionais se faz urgente. Amava, porém, a simplicidade. Afirmava que o saber faz sofrer e a ignorância tem lá sua virtude. Se as cidades se

enchem de controladores, faria bem encontrar pessoas capazes de rever o absurdo com saídas mais inteligentes, mesmo que sofressem por tais entendimentos. Acordado, se inconformava, o que dizer, então, quando se reduzia a vigilância da razão nos sonhos? As falas com Sanchito precipitavam incivildades na mente dos dois.

Noite chuvosa. Barulhos de calhas e de pingos. Alguns homens solitários chapinhavam nas poças. O ronco cadenciado do Trambejo se fez ouvir. Os três na rua. Os limpadores do parabrisa mal davam conta da chuva. A noite escondia qualquer desamparo. Emoções de susto e de ventura se revezavam. Protestos são necessários diante de tanta decisão sem consulta. Se ao menos consultassem. Agora, qualquer um diz como se pode ou não andar? Iam os dois reforçando suas opiniões, minimizando algum sentimento de culpa. A dissonância entre a ética comum e os seus desejos particulares, ora desaparecia, ora surgia.

— Puta merda!, xingava o avô.

— Quem fez ou autorizou vai saber que não se faz assim com o jeito de andar numa cidade.

— É isso mesmo, cada vez o Estado toma conta de nossa forma de existir, sentenciou Sanchito.

— Toma, sem dó nem piedade, nosso dinheiro. E o que dá em troca? Uma boa saúde? Um estudo de qualidade? A segurança quem nos dá?

— Querem que andemos como zumbis. Tudo fazem não diferente de um grande campo de concentração, continuou Sanchito. Autorizam uma máquina de lucro particular a articular nossos passos.

Em sonho anterior, já haviam retirado alguns parafusos sustentadores do troço de ferro. Havia ajustado a potência do motor trambejo. Treinados estavam em laçar com laço de muitos tentos. O primeiro veio ao chão. O segundo também. Um ruído de aço no asfalto. Risos nervosos. Não contentes com cinco no chão e com o desmanche da autoridade, posta aí nos postes autoritários, descontrolava-se a vontade

sem mando. Puros desejos em corpos vibrantes. O sexto que caía ao chão, com fios de água iluminados por circuitos ruidosos, despertou a vizinhança, que aplaudia o que o medo não permitia que fizessem. Não faltou quem achasse uma vergonha, uma ameaça pública. A polícia foi rápida em sua ação. Algemas aos criminosos! Mais respeito com o velho, disse uma mulher de roupão! Garanto que foi esse marginal que obrigou o velhinho a derrubar o pardal! Bem feito, quem manda pôr essas porcarias por todos os cantos. Que houvesse ordem na cidade, mas não desse jeito, opinava outro. Olha lá o policial querendo surrar o velho! É o doutor Thibo, santo Deus! Que mundo é esse onde até os velhos são indisciplinados?

No meio do tumulto, poucos perceberam a força dos dois. O soldadinho se achando a direção mundial, animado por um poder que exagerava, sentiu os dedos de Sanchito, cingindo seu pulso como torniquetes, ouviu:

— Não toque em nós, que iremos em paz!

Outro policial sentia os efeitos da mão de Thibo.

— Vou livremente prestar depoimento!, falou duro o avô.

Lágrimas brotavam dos policiais, convencidos por seus pulsos que ameaçavam romper. Assustados, deixaram que os dois fossem escoltados. O reforçado veículo seguia o corolla policial, cor de azeitona.

Álvaro já havia ligado para um amigo advogado. No caminho da delegacia, o doutor da lei, o Sr. Ducal, foi vendo o estrago avenida afora.

— Cruz, credo, só podiam estar possuídos, resmungava o advogado.

Ao chegar à delegacia ,viu os dois, tranquilos, como dois anjinhos diante de Deus todo poderoso. Chegou-se ao ouvido de Álvaro e não agüentou:

— Que cagada é essa? De onde vou tirar argumentos legais para a defesa?

— O advogado é você, mas posso sugerir algumas ideias, assoprou Sanchito. Custe o que custar, meu avô e eu estamos aliviados. Buscamos apenas o que é justo e o que é por todos desejado. Apenas a medida de nossa representação foi um pouco exagerada.

Os registros policiais iam adiantados, quando um batalhão de gente furiosa cercou a delegacia. Vozes calmas e gritos austeros se elevavam. Outras gentes se associavam, temendo-se pela sorte de todos. Ouvia-se: viva Thibo, viva Álvaro! Solte o velho, solte o rapaz. Quem mandou pôr tanto pardal! A exaltação popular recrudescia a cada momento. Edifícios inteiros desciam para dar força aos dois. Vendo o tumulto, a brigada militar resolveu mandá-los para casa. O delegado deixou para depois complementar o processo contra os infratores. O povo acompanhou-os até em casa para vergonha de Dirte, de Rafaela, de Raquel, de Melânea e do pequeno Antônio.

Raquel, a mais envergonhada, agitava-se:

— Eu já sabia, meu pai, que você era exagerado, mas nunca que chegasse a esse ponto.

— Sabe, meu filho, xingava Rafaela, bem se vê que tem por quem puxar. Agora, se fosse mulher que fizesse isso, ninguém perdoaria.

No mesmo instante, ambos acordaram. Riam os dois a não mais poder. Dirte julgou que o seu velho estivesse sofrendo de severo transtorno de humor. Não menos acontecia com Álvaro. Melânea já se irritava com tantas gargalhadas. Com risadas entrecortadas, dizia: era impressionante o fogo de raios saindo do asfalto. O pardal estava um pássaro em chamas. Mais ainda se ria. Não teve dúvidas, ela toda invocada foi dura nas palavras: só faltava essa, a tua alegria parece estar solitária, porque, ultimamente, teu encantamento se volta apenas para teus sonhos. Figuras, é isso que somos, eu e teu filho Toni. O meu sogro também vive no mundo da lua. Vamos parar com isso! Tua mãe também parece uma estranha sozinha naquela casa. O que uma vez tornava vocês



melhores está se transformando num tormento para todos. Pelo volume da voz, Sanchito foi se acalmando.

Por ser amigo do advogado Ducal, Sanchito foi ter com ele para tomar um cafezinho e contar o sonho que tiveram. Riam juntos, estreitando a amizade. Ducal mostrou-se interessado e aventurou pesquisar sobre a derrubada dos controladores como se a narrativa fosse verdadeira. De papo em papo, foram se encontrando, e, num dos encontros, o olhar de Raquel encontrou o de Ducal. Em pouco tempo, os encontros não mais giravam em torno da derrubada de pardais, e nem mais era Thibo o principal protagonista das conversas. Álvaro simpatizou com Ducal, estimulando a cunhada a namorar. Assim não somente foi gerado um casamento, mas uma instituição, fortalecendo proteções.

Depois das alucinações dos dois, os pardais passaram ao controle de cinquenta por hora.

Os sonhos, contudo, não perdiam sua intensidade.

## **Álvaro é repreendido por Nossa Senhora da Conceição**

No casamento da austera e madura Raquel com o nervoso e animado Ducal, ao Álvaro, ao entrar na igreja, pareceu-lhe que Nossa Senhora faiscasse seu olhar em sua direção. Desviou o olhar, pensando: o que será que ela quer de mim? O que passou, passou.

Como Deus não espera muito para mandar seus recados, pela fé de Sanchito, sobreveio, duas noites depois, um sonho cheio de severidade pouco convincente.

Sem mais nem menos, foi até a igrejinha, atraído por lembranças. Passando pela praça, meditava sobre o sentido da história das pessoas. Cada qual se firmando em datas, reforçando-se de tempos em tempos quem se é. Assim como eu, vou estabelecer essa data como o dia noturno da ternura. Vou ter com a senhora linda dos meus sonhos. Vou colher dela tudo de bom. Aliviarei de mim a violência. Se tenho um leão que ruge, vou dominá-lo com a maior facilidade. Porei minha cabeça na sua graça e não encontrarei mais dias aziagos.

Mal havia passado da porta, ouviu novamente o amável psiu, psiu! Agradou-lhe o jeito dela. Coisa linda uma mulher assim, mãe de todos os amores, pensou.

— Fala, doce senhora minha, gentil amável ser entre todos os seres, alívio pra quem tem tormentos, virtude boa pra mim, que sou mais fraco que um pinto cercado de gaviões.

— Não venha com exageros. Primeiro vou te dar uma lição. Escuta, rapaz, então é desse jeito que quer melhorar tua cidade? Acha que, derrubando a força os postes de controle, consegues fazer o bem?

— Tudo bem, minha amável mulher, mãe de meus sonhos. Convenhamos, senhora dona da velocidade e do tempo! É um abuso de autoridade esse bando de pardais de uma velocidade ridícula!

— Seja o que for. Não é assim que se move a civilidade. Queria ver você, se vivesse no meu tempo em Belém. Ia ver o que é bom pra tosse. Por bem menos mataram meu filho.

— Não queria trazer essa triste lembrança. Aquilo é que foi violência. A beleza de homem que foi teu menino não merecia aquilo.

— Não venha desviar o assunto, querendo me agradar. Mantenhamos os pés no chão!

— Tá certo, minha senhora da verdade, mas não fiz sozinho.

— Não venha se desculpar, pondo no avô a culpa, isso até é desagradável. Que coisa mais feia, entregando o velho.

— Desculpe a interrupção, doce e ímpar mulher. O velho Thibo estava tão feliz vendo os pardais soltando fogo pelo asfalto. Foi o que me ajudou a continuar o estrago.

Sanchito percebeu que sua doce e amável senhora mal controlava o riso.

— Safados, tu e ele. Se não conseguem, por argumentos bem feitos, resolver um problema, então volta a barbárie, e tudo se torna sem controle. Ódios constrangedores, mortes sem sentido, tudo pode acontecer.

— A senhora tem razão, perdão pelos pardais no chão.

— Como vão pedir desculpas pelo mau exemplo dado às crianças e à gurizada que já andam mais perdidos que os cuscos que vejo em minhas procissões?

— Ó doce mulher, não vim aqui só para aumentar a dor de minha culpa.

— Esqueça um pouco o que disse. A que veio mesmo?

— Estou me cansando das loucuras de meus sonhos, mas quando o Trambejo do vô Thibo buzina em frente à minha casa, eu não resisto.

— Diga ao velho que não me agradam as alucinações noturnas. Pode dizer a ele que pare de dar mau exemplo. E você o que está pensando? É capaz de deixar o teu pequeno Antônio em mau caminho.

— Direi a ele, tenha certeza, minha querida mulher. Se ele parar, eu paro também.

— Você é uma gracinha! Não é capaz de tomar decisão por conta própria? Está na hora de os mais jovens começarem a educar os mais velhos.

— Mais uma vez devo admitir sua santa razão.

— Pare de puxar meu saco. Seja direto.

— Sua presença é que me deixa desse jeito, todo comovido. Que devo fazer pra parar com todas essas loucuras? E será que é boa atitude deixar meu avô ficar sem seus sonhos? Não ficará ele depressivo?

— O que importa é que tenha boa comunicação!

Nesse exato momento, Melânea começou a sacudir Álvaro.

— Acorde, seu desgraçado, quero saber com quem anda sonhando pra gemer com tanto prazer.

Sanchito olhou para sua teresona, assustado. E ela acreditaria se dissesse que falava com Nossa Senhora?

— Estava falando com Nossa Senhora da Conceição, aquela que foi concebida sem pedado.

— Filho de uma puta! Ainda bestemando!

— É vero!

Sanchito narrou, parte por parte, seu sonho e, pela coerência das palavras postas, resultou um agradável fim aos álvaros gemidos.

— Va bene, se não é verdade, ao menos, está bem contado. Dessa vez eu acredito.

## **Quando tudo parecia bem, em Passo Fundo...**

Sanchito estava sério, ao convidar seu avô para uma cervejinha. Falou de seu sonho solitário. Thibo, então, admirado, sorriu para o neto.

— Tem certeza que essa mulher é Nossa Senhora?

— O que é que está insinuando, vô?

— Tô achando a mulher de uma linguagem pouco reverente.

— Não fale assim da divina mulher. Acaso deve ser pessoal a fala com a santa mãe?

— Não tá aqui quem falou. Fale com ela o que bem entender.

— Acho bom. E pra você saber, ela reprova as alucinações sem lei que estamos tendo. Sei daquelas que comungamos juntos, nada sei de outras que você sonha sozinho. Mas, pelo jeito de ela te xingar, boa coisa não é.

— Diga pra ela que se cuide de ti. Temo que não queira somente tua santificação. Sei de teu jeito insinuante.

— Vamos parar por aqui. Não admito tal injúria.

— Vê como fala com teu vô!

— Tá bem, home veio! Mas, por favor, vô, não diminua o que me faz tanto bem!

O velho Thibo saiu irritado da conversa. Faltava essa, ter que submeter meus sonhos à Nossa Senhora, resmungava. Todavia, não conseguia fugir da apreensão em torno de si mesmo. Nesses tempos bicudos em que a bondade anda escassa, temo por minha inquietude. Sinto como certos animais que se assustam bem antes que a terra entre em convulsão. Julguei que teria a quietude da velhice e a sabedoria

prudente. Aqui estou em cima dos setenta, perdendo para a moderação de meu neto. Que, ao menos, tenha a condição de expressar minha violência apenas diante de maldades austeras.

Enquanto isso, Dirte, por vê-lo cada vez menos expressivo, apelou para sua habilidade em lidar com a tristeza de velhos, deixando-o mais contente em sua casa. Casamento tem disso, repetia ela: é tornar possível a complementaridade. Quando um está morrendo, outro faz com que respire, dotando a alma de um pouco de leveza. A preocupação thibense não era à toa.

Veio-lhe um sonho de fazer chorar. Narrar com a força necessária o que irrompia no peito thibense é tarefa assaz difícil. O medo dele era semelhante ao susto de Dante diante do portal do inferno no qual se lia: *Oh, vós que aqui entraís, deixai toda esperança*. Como o santo poeta tinha em Virgílio a fortaleza, apelaria para seu neto, que, ultimamente, andava mais virtuoso que ele. Afinal, dizia, não terei vergonha que Sanchito me venha em socorro, enquanto tomo coragem de falar com o cego de meu cunhado Lúcio. Mas, como de boa vontade o inferno está cheio, Thibo continuou com seus sonhos.

As estrelas estavam frias. Cintilavam, espiando a noite que se ia adiantada. Estava longe a hora de os dedos da aurora fazerem o dia. O Trambejo sacolejava pelas ruas. Passou por um grupo de homens entre os quais estava o bisavô Tibúrcio, o degolador. O velho estava de testa franzida. Ao se cruzarem os olhares, o velho ergueu o braço e o dedo pai de todos pra cima. Thibo fez o mesmo gesto impudico, o que levou o velho, como um raio, a partir pra cima de sua carroça comprida.

— Seu marica! Vê se toma a jeito de teu sangue. Não fique por aí dando mole. Se foi sempre um frouxo, que ao menos a velhice te ponha culhões!

— Não me venha com esse papo cheio de raivas!, retrucou o bisneto.

— Escuta, seu puto! Peleei pros federalistas. Não pensa que tinha muitas raivas. Fazia tudo com maior prazer. Os pica-paus castilhistas não mereciam pastar nesses campos. Me divertia vendo aqueles periquitos rolar pelo chão como frangos sem cabeça, espalhando sangue. Não me vem com essa de se achar muito melhor que eu!

Dirigindo o Trambejo, aos solavancos, pôde ver, de soslaio, o rosto de Tibúrcio. Um frio percorreu o corpo do geriatra. O bisavô, ao rir, mostrava os dentes. Tremia o bisneto ao vê-los. O desgraçado é vampiro, não morre nem a pau, resmungou Thibo.

— Não morro mesmo, homem! Morri peleando, e de presente o diabo me deu esses dentes eternos. Não te assuste. Como castigo proibiram transmitir meu poder a quem quer que fosse. Posso gastar meus dentes eternos no pescoço que quiser, mas nada acontece. Para todos os efeitos, sou um vampiro banguela. Não fui mau o suficiente como o rei Vlad, que reviveu em Conde Drácula. Mas te digo que gostaria de agora ter o teu poder. Teu sangue não nega nossa raça. Ouviu-se uma gargalhada soturna e triste.

— Sei que nada posso fazer, meu bisavô. Gostaria de ajudá-lo, se pudesse.

— Pode, desde que tenhas mais vontade de assumir uma atitude mais dura em relação aos que são violentos em suas casas.

— Mas que moral você tem de castigar as violências caseiras?

— Pois é outra punição que sofro. Não amei nem minha casa e os meus. Isso nem o diabo perdoa. Me sobrou mostrar bondades às vítimas de quem deveria ter amor. Odeio essa tarefa. Nisso, você, meu querido bisneto, pode me ajudar. Isso não resolve, mas alivia essa tristeza que arrasto em minha imortalidade. Outra forma de me ajudar é atropelar os políticos ladrões.

— Santo Deus, definitivamente, não te compreendo!



— Matei por razões políticas. O meu castigo está que não fui decente nem prudente nas matanças. Meu interesse foi satisfazer a sanha que me desgraçou. Por causa de minha indisciplina, me deram a tarefa de instigar um jeito honesto de ser. Os diabos sabem que isso me faz sofrer e sou muito desajeitado nesse ofício. Ainda por cima me deram algumas metas a atingir. Cada vez mais devo buscar formas de inibir a falta de vergonha de ladrões públicos. Tarefa quase impossível. O nome deles poderia ser multidão.

— Nisso estou do teu lado, meu bisavô. Quem sabe, por ver o sofrimento alheio e o quanto é bom afastá-lo, poderá suavizar a angústia de teu coração.

— Veremos... veremos... até acredito que poderemos afastar os males caseiros e o sofrimento aí resumido, mas das maldades públicas tenho as mais sérias dúvidas. E pouco se avalia o terrível sofrimento vindo da lassidão ética.

— Estou gostando de suas palavras.

— Já carrego um pedaço da eternidade. Posso ter sido mau, mas não burro. Agora, deixemos de esperanças. Andemos, que o teu tempo é breve. E a bondade, mesmo que compulsória, se faz com ações, e não com palavras. Tenho tantas casas a visitar, tantos políticos a amaldiçoar e tantos pica-paus a quem devo pedir perdão. Éta castigo dos infernos!

O Trambejo sacolejava, e Thibo poderia jurar ter visto uma lágrima eterna deslizar no rosto do solitário e inofensivo vampiro. Não andaram por muito tempo. Foi quando as dores ocultas começaram a se revelar dentro das casas. As mais assíduas e as mais bizarras revelavam a face perversa, agredindo a ingenuidade de Thibo, embora afeito às maiores vicissitudes humanas. Causou-lhe espanto ver, sem dissimulação, o que vai no peito humano. Aí estavam, sem palavras e sem disfarce, as humilhações e os gritos sufocados. Nada se escondia. A essas alturas, até Trambejo andava mais para soluços que para roncos. Aos primeiros gritos de uma casa, os dois entraram nela pelas frestas. Aí estava uma mulher,

rigorosamente, abatida pelo marido. Quarenta anos casada e sempre a serviço dos desejos dele. Sonho algum fora dado e palavra alguma que a fizesse maior que fora antes. A repetição exaustiva causava-lhe o sufoco. Tinha o ar de suspiros fundos. Quem a visse durante o dia nada repararia além de uma dona de casa movida pela rotina. Thibo, avassalado pela angústia, insuflou ao marido ronronante uma visão do inferno, e, numa voz sibilante, avisou-lhe que não demorasse em conceder gestos e palavras renovadas em torno da casa e da mulher abandonada. Levou-o a um precipício, prometendo jogá-lo se não se desvelasse com a ternura própria dos amantes. Faria repetidas visitas e até garantiu matá-lo se não se houvesse melhor na ordem das ternuras. Mostrou-lhe cenas afáveis sobre as possibilidades de amar o cotidiano da mulher. Viu, por fim, o marido erguer-se assustado. Pelas mesmas frestas saíram.

— Beleza é o nome do que vi, suspirou o vampiresco Tibúrcio.

— Você ainda não viu nada sobre o que torna bom um ser humano. Por certo, a mulher vai ficar encantada. Reavaliará a intimidade e a vida. Pena ser tarde o novo aprendizado para você, meu velho Tibúcio.

— Quem há de saber de minha imortalidade.

Os dois foram adiante. Poucas eram as casas nas quais não surgiam sons acusadores de mal estar. Traições, silêncios, interditos, rejeição, abandono, coerção, submissão, dissimulação, indiferença, pobreza, sujeira, pedofilia, lágrimas de não ser, incesto, surras, entre tantas violências fizeram da noite uma missão impossível de cumprir. Tibúrcio, vendo de perto o sofrimento sem meias palavras, estava, ora agitado, ora indiferente. Havia dentro dele a frieza de uma vida e de outras formas sádicas colhidas pela imortalidade. Thibo, na segunda tentativa de penetrar a intimidade dos horrores, cansou-se. De outra parte, o bisavô estava bem impressionado com a mudança que ocorria pela intervenção thibense. Chegou a concluir, ao final da segunda reparação, que havia algo melhor a ser feito que suas odiosas matanças e, por outro lado, poderia enganar os diabos, transformando o castigo em virtude. Entretanto, como a propriedade da perversão que lhe assistia modulou sua

identidade, não conseguia compenetrar-se do benefício da diferença. Entre resmungos desagradáveis, ouviu-se:

— Quanta força pra resolver problemas! Do meu jeito é mais ligeiro.

— Concordo, mas a que leva sua agressiva velocidade?

Um grande desânimo apossou-se do bisneto, valendo de Tibúrcio uma gargalhada que reboou sobre a cidade. Afinal, um vampiro ou um diabo que seja não estão pra encantos e diálogos, confortou-se Thibo. Se manter no bem um ser humano já é tarefa sofrida, o que pensar de um diabo?

Não foi pouca a preocupação de Dirte no instante em que o marido despertou. Estava lívido.

— Pelo amor de Deus, está na hora de parar com essa sonhação.

— De fato, não é fácil lidar com vampiros.

— O quê?

— Brincadeira, veia!

Avançou sobre Dirte mordendo-lhe o pescoço.

— Vou devorar sua alma!

— Sou carne de pescoço, vai ficar banguela se fincar os dentes.

Riam os dois. Todavia, o riso de Dirte carregava dúvidas, sustos e uma angústia escondidos. Em que sonhos tudo isso poderá acabar?

## **Uma noite pra converter diabo**

Os sonhos permaneciam inarredáveis, embora iniciassem os desejos de Thibo e Sanchito de não os terem mais. Entretanto, haviam pensamentos inconstantes de não sonharem mais. Os resultados em benefício dos dois eram poucos, exceto daqueles dos conselhos da doce mulher, dona da cidade. O filho de Sanchito apreciava dormir ouvindo a narrativa da mãe de Deus em conversa com seu pai. Poucos tinham tal proteção. Azar foi o pequeno contar para os coleguinhas da escola. Criança, por vezes, é cruel. Lá vem o menino, filho do santo pai.

Sanchito II queixou-se ao pai, que explicou: as coisas de nossa casa nem sempre se dão bem com as dos outros. O pequeno ficou devendo, mas percebeu que é preciso medir as palavras. Isso é dito pra saber que os sonhos não se ajustam à realidade e, quando ajustados, devem ser cuidados. Outras coisas foram ditas que era pra Sanchito II pôr as barbas de molho em relação aos sonhos. Enquanto não buscou em forte decisão viver sem os extremos sonhos, outros vinham. Em Thibo havia ainda menos vontade de abandoná-los.

Assim sendo, certa noite e incertos os fatos, surgiu o Trambejo entre poeiras úmidas. Sanchito mal entrara e já saíra em disparada, gritando: Vampiro! Vampiro! Tibúrcio abriu a bocarra, entre as barbas, mostrando dois dentes amarelados, únicos sobrantes de sua imortalidade sem a graça de Deus. Tibúrcio, com gargalhadas cavernosas, e Thibo, com as suas, arrefeceram o susto sanchito. Velhos filhos de uma puta! Assustado, por reconhecer seu tataravô, entrou na carroça thibense.

— Seu desgraçado. Com um pedaço de eternidade no lombo não aprendeu a lidar com moderação? Thibo já me falou de ti, mas não fazia ideia que fosse tão assustador.

— Vê como fala com os mais velhos! Por falar em assustar, sabe que isso me alegra só de lembrar os pica-paus assustados!, gargalhava com tosse intermitente.

— Deixa que vou bem atrás do Trambejo. Não dá pra aguentar o fedor do velho!

— Não é para menos, hoje faz cem anos que iniciei minha imortalidade. Tenho por castigo olhar as casas e a política. Tenho medo que, do jeito que as coisas vão, eu esteja parecendo um seminarista, aprendiz de santidades.

— Sobre isso já expliquei pro Sanchito, bisonho Tibúrcio. Se tivermos aprendido a lição de casa e a condução das cidades, tudo pode acontecer de bom, até converter um diabo. Vamos agora a que viemos.

— Que negócio é esse de vamos a que viemos? Pra onde vamos?, inquiriu Sanchito.

— Tampouco sei eu pra onde vamos, reforçou Tibúrcio.

— É um sonho pedagógico, pontificou Thibo.

— Que troço é esse?, agitou-se o mísero vampiro.

— É estranho, mas necessário para a mudança de vida.

— Que mudança é essa, se nem sabe se é o que desejo. Parece verdade: quem manda se acha o tal!

— De todas as mudanças necessárias e daquelas que ainda não são, informou Thibo, autoritário. Quero ver se, retomando degolas, pecados de toda ordem e suas consequências, pode haver salvação pro Tibúrcio.

— Como atravessar os tempos?, questionou Sanchito.

— Não carece de muito esforço. Apenas de boa vontade.

Num passe mágico, apresentou-se o primeiro degolado, estrebuchando, apenas caído da árvore.

— Quem é o pobre pica-pau?, perguntou Sanchito nervoso. Pelo amor de Deus, não me faça vomitar mais que vomitei.

— É um alferes chimango, o João Nunes, falou Tibúrcio.

— Tenha dó, vô! Não tem coisa melhor pra mostrar?

— É pra Tibúrcio aprender. Essa cara horrível que ele tem pode melhorar muito. Não é possível carregar no lombo a eternidade sem um pouco de bem.

— Socorro, Santa Maria, onde estou antes de morrer?

Cena seguinte:

Uma casa cheia de lágrimas e um corpo envolto em panos.

Crianças prometiam vingança de morte sobre um amiguinho, filho de um federalista. A mulher do alferes entre dentes: isso não vai ficar assim! A fonte das lágrimas se derramava. Gritos de revolta de uma mulher que amava.

Cena adiante.

O Trambejo teve que parar: um quadro com grupos divididos em raivas opostas. Crianças e jovens das mesmas ruas gritavam morte aos pica-paus e outros, aos maragatos. Palavras inomináveis acusavam ódios e outras, irracionalidades.

Noite densa, e nela os filhos do alferes chamando o pai.

Trambejo, em maior velocidade, atravessou muitos anos, e gestos de há tempos feitos persistiam. Sanchito, em palavras certas e certeiras, foi narrando de seu peito.

— Doem demais esses retratos dentro de mim. Vê, então, Tibúrcio, que a morte do alferes anda em lágrimas na alma de tanta gente. Uma violência, meu tatá, não fica gratuita. Um povo se forma em rancores quando se perde o som das palavras bem feitas.

— Nunca pensei em tudo que resulta de um gesto. Ainda vou buscar um pouco de uma política melhor. Vamos até Brasília. Lá outros cortam mais cabeças e de resultados piores.

## **Quando tudo parecia bem, *Vampirus brasilensis*...**

*Assim com prudência, com sagacidade, com diligência e com temor que inspira, levou sobre seus fortes ombros à execução devida o peso deste grande mecanismo...* As virtudes intuídas por Cervantes, postas para o governo justo e promissor de Sancho, deveriam ser as mais desejadas para as autoridades políticas brasileiras, contudo elas sempre passaram ao largo da capital política do Brasil. Os vícios originais da conduta pública agravaram-se pelo controle distante de Portugal. Pelo interesse particular intestino à república centralizadora, as dificuldades tornaram-se ainda mais severas. As tribulações das casas e as consequências das degolas fizeram com que Tibúrcio tivesse dúvidas em relação às vantagens da violência. Se o degolador fosse ver o que se anuncia nas violências republicanas, Thibo e Sanchito levavam fé de Tibúrcio rever suas condutas. Extremar um mal pode levar a mudanças. Movidos pela grandeza da missão de salvar Tibúrcio de suas cavalgadas degoladoras e motivar políticos a terem virtudes na condução da máquina pública, mais que andar, fizeram de Trambejo uma máquina voadora. Em altos céus, os ares mais purificados, moviam-se as esperanças de pôr virtudes nos políticos e no velho de triste imortalidade.

Lá se foram os quatro. Trambejo sacolejava-se todo, não se sabendo se de medo ou pela rarefação dos ares. Lá embaixo, os pobres viventes viam a máquina voadora. Ao passar pelo límpido do céu, alguns dos andantes tinham-na como um novo artefato voador, e outros, por suas tamanhas ocupações, vendo, não viram o robusto automóvel celeste e, se olhassem, não acreditariam nas intenções dos voadores. Tampouco ia nas cabeças brasileiras a possibilidade de haver mudanças que tranferissem



para os estados e municípios maior parte do bolo fiscal. Tibúrcio, falou, convencido da generosidade das matanças feitas em Pulador:

— Matei, não nego. Degolei, não nego, mas fiz tudo com a intenção de encontrar uma federação e não apenas uma república.

— Pode parar, disse Thibo, falando alto, que o vento era forte. A violência é que foi além da medida. A matança do Pulador e o que fizeram com prisioneiros foi a maior covardia. Prisioneiro se prende, não se mata, e o jeito matador com que morreram foi conduta horripilante. Coisa mais extravagante, estúrdia e nojenta foi o que você fez.

— Veja também, tatá Tibúrcio, que a causa inicial não foi a intenção de se fazer uma verdadeira federação. Silveira Martins, o chefe federalista, vingava-se apenas de haver sido preterido e ameaçado pelo poderoso Deodoro, então presidente, continuou Sanchito.

— Não sabia, pensei que houvesse pureza de intenções, desculpou-se Tibúrcio. Mas o que importava era minha intenção.

— Esquece, tatá Tibúrcio, que as intenções políticas sempre estão eivadas de interesses muito particulares. Desde os pequenos movimentos políticos aos de maior repercussão. Veja o que fizeram com a vó Dirte. Imaginem, então, o que fazem para levar adiante outras intenções. Cada partido querendo o melhor para si.

— O que a razão não faz a força não compensa, acrescentou Thibo. A tua imortalidade, biso, ainda vai te dar o conforto das virtudes da alma.

— Tenho dúvidas atroz, mas confio que melhores formas se encontrem em vossas cabeças. Me cago de medo aqui de cima, mas vou adiante, buscando a conversão desse pobre diabo. Deus há de me fazer melhor! Tenho dúvidas de mim e mais ainda dessa república de meia tigela, ou, melhor, de tigela inteira para alguns políticos.

— Amém, amém, completaram os dois.

Voavam sobre Minas e lembravam que a liberdade vai tarde nessa terra. Ainda que sonhemos, mais vale o esforço que o silêncio inconsequente, gemia Tibúrcio.

Apesar da grandeza e da virtuosa intenção, havia risos pelo ar. Tibúrcio, ainda que tivesse uma violência desmedida residente no peito, tinha, em sua luta eterna, momentos de rara alegria. Não perdera, na cansativa ausência do tempo, o senso de humor sempre acompanhado de ironia. Os comentários ofensivos, entretanto, começavam a dar lugar ao humor não hostil. Pensando brincar com um casal em intimidades no campo, o velho imortal solicitou ao motorista que desse um rasante. O casal nem ao menos ouviu o trambejar dos céus, tamanho o efusivo contato. Ela viu de relance um rápido movimento nos céus. Por certo a dona das magníficas efusões estaria dizendo: Meu Deus, cheguei a ver coisas! O Trambejo, a bizarra passarola, ao sobrevoar uma procissão, fez os devotos verem um sinal dos céus a abençoá-los. O comentário tiburciano não se fez esperar:

— Nos dois casos se vê uma graça.

Thibo e Sanchito se entreolharam e veio a brincadeira.

— Também os diabos têm suas falhas, comentou Thibo, olhando para o velho biso.

— Os degoladores têm lá sua sensibilidade, concluiu Sanchito.

— Seus fdp de merda. Podem parar. Achei engraçado, só isso. Não me venham com essa conversa de frescos!

— Com um brusco movimento, Thibo, vendo o velho sem cinto, achou de dar-lhe um susto. O acontecido foi muito além do desejo thibense: o imortal senhor foi jogado pela porta mal fechada da passarola. Mal conseguiu se firmar no trinco da porta escancarada. As barbas soltas ao vento, a carranca mostrando os dentes, aquele corpo esguio ainda mais esticado pela ventania formaram um quadro exótico. Vô e neto começaram a rir descontroladamente, ao ver o velho retornar ao banco trambejo. Não esperavam, porém, que o velho puxasse de um punhal e, num movimento

imprevisível, saltasse para o banco de trás. Encostou a arma brilhante no pescoço de Thibo, ameaçando a degola. Em tudo retornava a visão do degolador. Em tudo o velho demonstrava o descontrole.

— Riam agora! Matei parentes pica-paus, nada me custa matar um velho estúpido e um piá de merda!, falou com voz cavernosa.

Thibo e Sanchito estavam já desesperados por não reconhecerem mais o velho, julgando que o horrível Drácula pampeano pudesse levar o golpe a efeito. Sanchito, com voz embargada, expressou uma assustada desculpa. Tibúrcio começou a rir, aparecendo inteiros os dentes amarelados e pontiagudos. Gargalhou a ponto de se sufocar.

— O que é que vocês têm no meio das pernas? Culhões é que não é. Boiolas, seus pica mole! Estão se derretendo de medo.

O alívio foi grande. Os três riam, voltando tudo à normalidade. O próprio Trambejo engasgou por momentos.

Fez-se silêncio na velocidade impressionante. Entre dentes, ouvia-se de Sanchito:

*Céus de minha alma, senhora protetora*

*Cuide dos viventes e tanta graça derrame*

*Que o eterno seja pouco aos mortos, e dos vivos,*

*Doce Senhora minha, seja cuidadora.*

— O que o meu rapaz está resmungando aí?

— O que você ouviu, meu tatá.

— Uma volta por Mina Gerais!, solicitou Tibúrcio. Quero ver Cordisburgo onde se criou o louco Guimarães Rosa. Que ninguém se escapa de sua infância. Vou saudar o homem que matou outro de piedade na *Terceira margem do rio* e mais louco o filho ficando uma vida à espera do pai enterrado na canoa. E a doidera feita nas veredas dos sertões com homens brutos e até um fresco no meio de tudo. Não tem jeito desenhar

todas as cores humanas: é mais ou menos como o vento que não deixa o tamanho por onde passou, nem o mar deixa se ver inteiro. E o que sei eu de mim, que carrego um infinito mais triste que o urutau cheio de esperança de mudar a cor?

Thibo volteou o Trambejo e chispou até o lugar solicitado. Tibúrcio, sestroso, olhou a miséria do lugar, de tão pequeno, quase desaparecido.

— Meu diabo ou meu Deus, já não sei a quem apelo. Como pode de uma chichola pequena sair coisa tão grande.

Foi apenas o que disse para depois pedir sequência na viagem. Sanchito ainda pensou: quem é que ensina os homens na eternidade? Meio espantado, ele ouviu do vampiroso tatá:

— Eu quase que nada sei. Mas desconfio de muita coisa, imitando o Rosa.

Pouco andaram no silêncio, quando se ouviu:

— Brasília à vista!, gritou Thibo.

Outro silêncio momentoso.

— Céus, que tamanho de autoridade. Assim pouco há de sobrar pro interior, avaliou Thibo.

— Cruz, credo! Dá pra entender a pouca federação. Vou usar de meu punhal.

— Só pode ser ideia de um comunista passado da conta, falou, irritado, Sanchito. Dá pra entender que ninguém daqui vai querer largar o poder. Toda forma de poder enorme é uma forma de morrer por nada e matar à toa, plagiava.

— Todo mundo vai se ajoelhar nessa catedral. Vai sobrar pouco recurso pros vigários das vilas, exclamou Thibo.

— Não me arrependo da revolução federalista.

— A máquina voadora pousou num pátio enorme que aqui nada é pouco. Tudo excede!, esclareceu Thibo.

— Pobre pátria assim concebida! Perdemos todas as peleias por um poder de federação, concluiu Tibúrcio.

O tempourgia, rugia o peito dos três. Ouviram conversas federais. Falas de muitas bocas e de poucos ouvidos. Adentraram depois em espaços particulares de congressistas e senadores. Antes não ouvissem o que era transparente para os três. As demandas estavam para interesses de um poder buscador de recursos. Pobres prefeitos em seus telefones, pela pobreza distribuída, clamavam que fossem concedidos favores. Felizes aqueles que pastavam no mesmo campo partidário, tendo os benefícios colhidos. Outros, deputados e senadores, envolvidos em negociatas financeiras, favorecendo seus currais. Muitos, piores, buscavam para si parte de verbas. Era tempo das campanhas. Alguns deles riam fortemente pelos contratos faturados com empresas. Recursos tantos eram que as contas de Tibúrcio não podiam somar. São poucos meus números para tantos desvios. Rápidos, pela transparência comunicativa, viram e ouviram dinheiros dados por mês. Negócios mais que política.

Vários deles debitando os resultados de faturas em vendas de galaria para supostos frigoríficos, e outros, em construções. Dinheiro a rodo por toda parte, saído de impostos altos, de pessoa física e jurídica. Leis eram fabricadas para os dinheiros de salários e para tudo que se pensasse produzir. Cortavam como navalha. No meio dessa azáfama vergonhosa, falas públicas eram ditas em lições de moralidade. Cada um dos comedores refletiam profundidades, formando acusações enquanto não detinham o poder sobre as melhores fatias. As ratazanas se enchiam de queijos públicos em troca de obras fictícias, outras não acabadas e de algumas, não tinha jeito, concluídas. Entre os fatos da devastação se punham julgamentos de pouca energia. Somente algumas vergonhas, por serem tamanhas e escancaradas, eram punidas levemente. A maioria apenas comunicada à nação. E eram tantos os ladrões, não havendo

memória de quem era quem. Compravam-se castelos e luxos demais. Parentes viajavam, atravessando terras. Agradavam-se os olhos dos benefícios sujos. Passagens gratuitas, enquanto a humilde gente contava dinheirinho para estar noutro lugar.

Pequenas autoridades do interior passavam, humildemente, buscando aprovação de urgentes projetos, o que poderia ser dado em uma vera federação. Recaíam benefícios para os que tinham competência em atender os rígidos critérios dos editais. A maioria ficava sem atendimento por falta de obediência servil ou competência.

A noite ia adiantada, e os viajantes descansavam um pouco no Trambejo.

— Não há quem não se abata, vendo o que vemos, falou Tibúrcio antes de dormir.

— Amanhã será o dia de nosso escândalo, explodiu Thibo.

— Calma, vô, temos visto o lado frágil da desmazela. A democracia tem alguma força.

— Que democracia, se os recursos não são democratizados?, xingou Tibúrcio.

— Uns vendem e outros compram poder em nome da governabilidade, falou baixo o Sanchito.

— E o chefe geral sabe de tudo?, perguntou Tibúcio.

— Saber, sabe, mas não conhece. Também ele silencia em nome da governabilidade. Aqui todos entendem que silenciar pecados seja uma virtude. É melhor não ver, e, se vê, não fala.

Dia seguinte, que os sonhos são ligeiros, foram ao congresso. Tibúrcio, feito um Quixote, adentrou na peça nacional, o parlamento onde se deputa a verdade. O imortal degolador, reconhecendo que um deles era vendilhão político, avançou, mordendo-lhe o pescoço, a outro, pondo-o de joelhos. Com qualificada rapidez, pôs o grande falante em posição de

degola. Thibo e Sanchito, segurando-lhe o braço, impediram que o sangue jorrasse. Com agilidade mágica, Tibúrcio subiu, então, à tribuna, vociferando.

— Ninguém merece pôr na alma tamanha visão. Meu eterno coração e que a tanto assistiu não se conforma. Morte ao poder tão forte que faz uma gente tão fraca. Para poucos o irrestrito poder de ignomínias, sem punição alguma. Para a maioria o que é imposto. Morri debaixo de raivas fraticidas. Minha mão tem nódoas de sangue, mas sem a perversidade das mãos de agora. Carrego castigos, mas hei de vencer a eterna condenação, e, em razão de toda maldição a que assisto, vou voltar aos costumes cristãos.

Thibo e o neto viram o que nem em pensamento conseguiriam imaginar. O velho abriu a bocarra mostrando seus dois dentes pontiagudos. Houve um tumulto e gritavam os parlamentares: é um vampiro!, um vampiro!, morte ao vampiro que conspurca o recinto sagrado da palavra. Nesse exato momento, entrava uma senhora parlamentar, dançando. Festejava a absolvição de um colega de comprovada roubalheira. O velho tatá de bocarra gritava aos ventos que não ouvem:

— Vampiro vós me chamais. Inócuas são minhas violências. Nada mais sugo. Vivo ausente do tempo e das dores feitas e do mal que aflige minha pátria. O que sugais da alma e da pátria repugna ao diabo mais atilado. Disso não tem redenção.

E da esperança distante, invoco que se tenham as virtudes necessárias.

Sanchito iniciava uma íntima peroração quando recebeu, de raspão, uma poltrona que fez com que gritasse:

— Corre, tatá!

Os três conseguiram chegar ao Trambejo antes que os policiais os agarrassem. Os parlamentares estavam indignados com a humilhação de um vampiro degolador. Exigiam ordem nacional.

Voavam, a seguir, nas alturas e, no triste silêncio da impotência humana, lastimavam não terem penetrado nas maquinações executivas e sequer espiado as formas do poder jurídico.

— Melhor assim. Não resistiríamos ver tudo. Que se nos oculte o pior. A ignorância, se não resolve nada, pelo menos não nos causa dores agudas, refletiu Sanchito.

— Que o tempo reserve dias melhores, desejou Thibo.

— E eu tenho a eternidade pra esperar, falou com ironia o mais velho.

— Embora jovem, temo não ver dias propícios para a democracia fiscal. Bonito é ver o festival de mediocridades, o teatro das ilusões no período eleitoral, como se aí residisse a natureza da democracia. Como diz o colunista de Toledo: *Eles sugerem o beatífico mundo que nos aguarda, caso o partido ou aquele candidato saia vitorioso. Pessoas são entrevistadas na rua e não poupam louvações ao candidato.* Música ao fundo, e todos se convencem que, em torno dele ou próximo dele, provém a salvação. Dizem tantas ilusões e bobagens, convencendo a todos que a liberdade é isso mesmo!

Trambejo voava em silêncio. Roncava feroz porque nada havia sido feito. Após tantos céus voados e tantas tempestades enfrentadas, por fim, Passo Fundo à vista. Piscavam ainda os controladores na avenida.

Com efeito dos medicamentos e a presença de equipes médicas, os familiares despertaram avô e neto. Julgavam que se lhes houvesse atacado uma encefalite e repousassem já em coma profundo.

Dirte desesperada, Rafaela uma fera em torno de Thibo, Melânea em experimentes movimentos eróticos sobre o marido, todas três faziam o que de melhor sabiam pra trazer à luz do dia os seus que dormiam.

Acordados, ouviram o que não pode ser escrito.

Sanchito foi à igreja, e Thibo foi ter com o cunhado Lúcio, o cego. Era tempo de despertar.



## **Conversa com o cego Lúcio**

Thibo, coagido pela fúria dos familiares, sentiu o exagero de seus sonhos. Estava sendo péssima companhia para o neto, imputavam-lhe grande culpa. A realidade familiar e todas as demais começaram a ser desgastantes para ele, levando-o ao silêncio, gerando-se um mal estar geral. Os encantos e a adrenalina dos sonhos não se comparavam com o que o cotidiano lhe dava. Levantava amuado e de mau humor. Sentia-se desanimado diante das comezinhos conversas. E quando se punha a falar, conversava sozinho, deixava os ouvintes sem fala. Durante a vigília, iniciara um processo quase alucinatório, conjecturando diálogos com personagens de seus sonhos. As queixas tornaram-se mais fortes. Todos a sua volta reclamavam de sua iminente loucura. Antes tão bem com a vida e agora insatisfeito. Contrapondo-se às visões noturnas, foram diversos os argumentos para afastá-lo das figuras sonhadoras. Dirte, a mais enfática, repetia que não suportava perder para falecidos e outros personagens. Mal conseguia dormir, tendo ao lado um marido que preferia os sonhos à sua presença. Acordava-o em seus devaneios, fazendo de seu sonho um pesadelo. A maior expressão de inconformidade surgiu quando Tibúrcio começou a se tornar a figura exótica da casa. Que porcaria de aventuras são essas de conviver com um falecido, de todos sabido, um velho perverso dentro e fora de casa? Qual o sentido de tudo isso? Se, ao menos, buscassem aliviar a dor dos vivos. Não basta o que temos de sofrimentos em nossos lugares?, questionava, com severidade, a senhora nervosa. Que ao menos sonhassem com o tatá Antônio e com ele se tornassem criaturas melhores. Mas não, tinham que se enrolar com um matador. Acaso te atrai mais o pecado que a virtude?, vituperava ela. Seguiu contundente: e os pássaros, as filhas, os velhos, a tua igreja, as festas, os aniversários, o nosso casamento, eu, o teu projeto de política pública, os escritos da universidade, e os teus amigos, tudo isso virou cinza?

Por essa e outras repreensões, foi se convencendo a ter atenção ao mundo de sua vida e não às suas sonhadas fantasias. Buscou, então, falar com o cego do Lúcio, o preocupado cunhado, pois nem ele mais interessava nem a Thibo nem a Álvaro. Ao início da correria sonhadora, ele ainda era consultado, mas, depois que os dois se puseram ao largo, com suas extraordinárias visões, Lúcio tornara-se um homem desnecessário.

Este descobrira um divertimento, objeto de uma paixão que dizia ser um tanto exótica para um cego: criação de cavalos. Brincava afirmando ser uma atividade compensatória: punha nos animais parte de sua força perdida. O mais curioso é que tinha desenvolvido uma amizade cavalgar com um deles, o Jasmim, um cavalo singular. O animal apresentava uma inteligência quase humana. Os pedidos de Lúcio ao Jasmim eram entendidos com facilidade. Ele havia aprendido algumas palavras fundamentais. Era rápido, parecendo um raio vermelho quando disparava. Lúcio seguidamente brincava com o cunhado, propondo uma corrida com o Trambejo, que, ultimamente, mais roncava que andava. Mais incisiva se tornou a provocação luciana quando o cego soube que, nas duas noites em que dormiam sem parar, acontecera um fato esquisito. Afirmava ele que, enquanto Thibo dormia, ouviu, por diversas vezes, movimentos estranhos na garagem. Mal fechava a porta da garagem e, novamente, parecia-lhe que um ser vivo resfolegava. O cego brincava, dizendo: quero ver se perto de meu cavalo o bicho é tão vivo assim.

A esperada conversa com Thibo deixava-o muito preocupado, pois tudo estava passando dos limites. Até Álvaro andava descuidado de seus compromissos. Os dois estavam mal, pisando sem cuidado com os seus e em suas respectivas profissões. Reduzia-se a clientela de Thibo, e Sanchito andava mais devagar que uma mula, perdendo até causas ganhas por faltar às audiências.

Por essas razões e outras mais íntimas, Lúcio forjou uma aposta para ver se frearia os ímpetos aventureiros dos dois. O cunhado, todavia,

andava ciscado, mas Lúcio esperava paciente, buscando argumentos para ver se convenceria o velho geriatra a se afastar de suas loucuras.

Thibo foi fazendo rodeios, por saber que devia explicações e, sobretudo, que elas não convenceriam. Passados dois meses, não teve jeito, encontrou-se, enfim, com o já quase velho psicólogo. Lúcio não fez rodeio para dar início à conversa.

— Me disseram que o Trambejo levou vocês pra Brasília.

— Nem te conto, velho. O tatá Tibúrcio deu uma de louco em pleno congresso.

— Você fala como se o sonho fosse realidade.

— E quem é que sabe se eles não são uma realidade?

— São apenas desejos imaginários e revelam um certo transtorno. Se não prejudicassem o cotidiano, tudo bem. Veja o teu neto todo enrolado no casamento e na profissão. Isso sem falar nas dificuldades no teu trabalho e na tua casa.

— O que se pode fazer se eles se precipitam quando adormecemos?

— Vamos devagar, doutor Thibo. É que vocês dois estão estimulando que eles sobrevenham ao sono.

— Lá isso é verdade.

— Você, tanto quanto eu, entende da alma humana. E de genética você tem loucuras no sangue. Retome, então, o que está perdido da infância. A força, a vontade e a decisão podem ser utilizadas. Essa mórbida atração por teu bisavô Tibúrcio e a violência inscrita nos sonhos revelam o quanto tua alma anda doente e adoecendo a de Sanchito. Santo Deus!, cai fora dessa louca rotina.

— Se tanto mal existe em meus sonhos, vou estimular a vontade em torno de minha casa e de minha cidade.

— E não era você que se encantava do poder de penetrar na alma e torná-la melhor? Ponha isso a teu favor.

— As idades nem sempre carregam as mesmas forças. Acho que até Trambejo viciou de andar nos sonhos, comentou, rindo da velha carroça mecânica.

— Por falar no Trambejo, tenho uma proposta a fazer. Proponho uma aposta. Corro com meu cavalinho Jasmim contra tua máquina voadora. É claro: é andar aí na estrada de chão.

— E qual a aposta?

— Se eu vencer, você não sonha mais. Esses sonhos estão deixando mal todos de casa. Se o Trambejo for mais veloz, você continua a loucura dos sonhos e, de lambujem, dou duas crias novas de meus cavalos.

— E se perder como vou controlar meus sonhos?

— Você evita pôr alma neles. Todos nós sabemos o poder que você tem em reduzir ou aumentar o que nela se vai. Se você é capaz de desdobrar a alma de outros velhos, por que não será capaz de pôr em ordem a sua?

— Pede muito, mas como tenho uma máquina voadora e você, apenas um animalzinho, topo. Caso perca, vou ficar sentido. O Trambejo, da parte dele, tem uma alma irrequieta. Caso perca, ficará frustrado numa garagem, esperando apenas por uma pescaria e outra. Mesmo assim, fecho o negócio.

Entre amigos e por toda a vizinhança, espalhou-se a corrida que se faria. E se fez.

Domingo marcado, hora combinada. Roncava o motor trambejo de alma pronta. O cavalinho no páreo pinoteava. Cancha reta pela frente. Thibo no acelerador e Lúcio, o cego, numa conversa: é essa a máquina bruta, não deixa ficar na frente. Partida dada. Trambejo na frente. Lúcio conversando: como te falei, meu cavalinho. Exclamação geral: não é

possível! Pode isso! O cavalinho, um risco no ar. O ronco era triste, parecendo um lamento. Jasmim passou de corpo inteiro à frente da máquina. Continuou adiante por não saber onde parar. Vitória, vitória!, gritavam os torcedores jasmineiros. Havia uma lágrima no rosto de Thibo e Trambejo. Os torcedores podiam jurar, não roncava, soluçava.

## **Sanchito e a doce senhora**

Sanchito levou a pior de todos que o cercavam. O pau pegou, e até o vigário foi chamado a interceder. Todos, sem exceção, depois da viagem para Brasília, fincaram pé, prometendo levá-lo a uma clínica. As alucinações noturnas seriam minimizadas com forte medicação. Afirmou que não estava louco. Contrapunham com certezas e ameaças que a conduta familiar e profissional denunciava o contrário. Afirmavam com veemência: os movimentos vivos que ele produzia no sono não se distinguem de visões limítrofes de grave transtorno mental. Não sabendo o que fazer para evitar o descontrolado movimento da alma durante o sono, foi pedir conselho para sua dulcíssima senhora. Como afirmaram alguns que isso era outra loucura, buscou consulta de entendidos. Perdendo a confiança em seus julgamentos, consultou um padre redentorista e um filósofo ateu. O monge confirmou a crença cristã na proteção de Nossa Senhora: que levasse adiante os divinos diálogos. O filósofo não retirou a fé do padre, todavia afiançou, em outro prisma, que o imaginário tem lá seu poder. As crenças, independentemente do fiel, podem fazer o crente induzir a condutas extraordinárias, filosofou. Por essas duas razões, pediu a todos que atravancavam seus sonhos que lhe fosse concedida a última oportunidade onírica.

Mal entrara na igreja da Conceição, dia rutilante pela madrugada, alegria de pássaros na praça, Sanchito ouviu:

— Já não era sem tempo, faz meses que te espero.

— Desculpe, senhora minha gentil, celeste mãe de todos os pecadores. Saúdo a pureza pelo menos uma vez expressa.

— Não venha com essa lengalenga, que nem Deus gosta de gente exagerada.

— Tá bem, bom dia. Como os dias já não importam mais para a senhora, uma boa eternidade.

— Saúde também o cavalheiro ao seu lado.

Sanchito olhou para o lado e lá estava o tatá Tibúrcio, sorrindo com dentes novos.

— Santo Deus!, exclamou. O que está fazendo aqui? E como ela te deixou entrar? E esses dentes novos onde foi que arranjou?

— Engraçado, o mau sou eu e o agressor é você. Fique sabendo: estou melhorando minha imortalidade. Ainda não me esqueci dos pica-paus, mas já estou mais pra Deus que pro Diabo.

— Desculpe, tatá Tibúrcio.

— Ele já não é o mesmo do Pulador e do sertão da Bahia. Até Antônio Conselheiro perdoou o horror que fizeram no sertão, explicou a suave senhora.

— É verdade, os meus pecados de Pulador e de Canudos, minha Senhora, são grandes. Pratiquei o mal por minha ignorância, mas o que vi pelas casas e em Brasília, tenha dó, meus pecados são veniais.

— Agora, pode se retirar, seu Tibúrcio. Tenho que conversar em particular com esse moço.

Sanchito foi até o eterno velho, abraçando-o. Ouviu dele depois do eterno abraço:

– Escuta, viva a vida! Vai ter uma eternidade pra carregar! Sumiu depois como uma leve fumaça.

— Hummm! Que deferência, pensou Sanchito, enquanto Tibúrcio se retirava. Agora o papo vai ser particular.

— Não vem que não tem, emendou Nossa Senhora aos pensamentos de Sanchito. Não fique se achando, Sanchito!, enquanto se aproximava dele. É verdade, tenho saudades de ti, mas não pense que és

tão bom quanto te julgas. Tem muita coisa a melhorar. E a primeira delas é voltar para tua casa, para a vida da tua cidade e aí residir pra valer, entendeu? Este será teu último sonho!

— Mas, se o vô vier, todo animado com o Trambejo, não sei se vou resistir.

— Nem o vô, nem o velho furgão vão aparecer mais. Até estou com pena deles, andam muito abatidos depois que perderam a corrida pro Jasmim.

— Bela corrida, não foi?, entusiasmou-se Sanchito.

— Sabe que até eu vibrei, ainda que cheia de dúvidas.

— Como assim?

— O bem que Lúcio intentou não sei se não resultou em mal. Nem meu filho imaginou que o velho ficaria tão depressivo.

— Pois é, eu vim até aqui pra saber se eu sonho ou não sonho mais.

— Sobre ti não tenho dúvidas. Pode parar, que muito tens a fazer, e deixe os sonhos para a eternidade.

— Era isso que precisava ouvir. Mas como evitar quando eles me sobrevierem?

— Tu sabes de teu poder em lidar com a alma. Tua vontade é maior que os desejos. Comece a ter mais vontade sobre o cotidiano, e, se sonhar, sonhe com tua gente. E não fique trambejando por aí. Trambejar não é preciso.

— Vou indo, que o dia já chegou, minha senhora.

— Dá aqui um abraço amoroso, que a eternidade, às vezes, me cansa. E vê se anima teu avô. Diz pra ele tomar um remédio, que só oração e boa vontade nem sempre resolvem. Agora vai em paz e não tornes a sonhar.



## Do último passeio de Trambejo

A exótica máquina andava, embora de andar pesaroso. Obedecia, como se tivesse alma humana marcada por grave transtorno de humor. O ronco estava lento e triste. Thibo e Sanchito, impedidos de sonhar por decisão de jogo e conselho, foram pescar. Os três se foram, carregados de melancolia. Estavam em pleno exercício de ver as pessoas e as coisas com um sentido extraordinário. Havia se afastado demais dos sentidos que a natureza confere com sabor. Os sonhos, com tudo mais que faz vibrar a alma, haviam excedido sobre o cotidiano, tirando-lhe o encantamento. Estavam ainda como dois quixotes, perdido o jogo para a realidade. Para os dois podia se dizer o que Sancho falou pra Quixote: *A maior loucura que um homem pode fazer nesta vida é deixar-se morrer, sem mais nem menos, sem que ninguém o mate, nem deem cabo dele outras mãos que não as da melancolia.* Todavia, não estavam dispostos a morrer, queriam ter de volta encantos pelo comezinho. Agora deveriam se acomodar às leis e seus controles, apesar das raivas como aquela que tinham dos pardais. Não poderiam expressar tão nitidamente seus sentimentos. Teriam apenas a vaga lembrança de Tibúrcio e o que sobrou dos sonhos. De Antônio, o tatá bom, diziam muito pouco. Não havia participado dos sonhos. A bondade tem disso, repetia Thibo, não tem a exuberância do mal, embora seja o que conta.

No caminho para o rio, conversavam:

— Pois é, Sanchito, vamos viver como pastores a cuidar de ovelhas tocando nosso flautim.

— Não seja pessimista, vô. Nossa Senhora vai ajudar a gente.

— Já estou de partida e quase estou preferindo cuidar dos sonhos que tivemos.

— Engraçado, você foi sempre tão animador de velhos e agora está desse jeito com a própria velhice.

— É só pra ver. Aconselhar as pernas dos outros a andar é mais fácil.

— Tem o seguinte, seu velho cabeçudo, você sempre dizia que é chegado um novo tempo para a educação: é preciso educar para a velhice. Desse jeito, o que tuas filhas, teu neto e bisnetos vão aprender?

— Tá bem, não faça menção de meu desânimo. Estou apenas desabafando.

Deixaram Trambejo na colina e carregaram suas tralhas até a margem. Trocaram de conversa ao chegarem ao rio. A manhã já ia alta, e, antes de pescar, sentiram no corpo as águas limpas.

— Oigalechê, que coisa boa!, gritou Sanchito.

— E dizer que há pouco a gente se lastimava.

Após o rápido banho, feito o acampamento, prepararam um arroz de china pobre, pois urgia estender as redes. Assim fizeram. Ao anoitecer, olhando o Trambejo com sua grandiosa silhueta contra o sol que se punha, comentavam.

— Só falta o...

— Calado, Sanchito!

— Vamos viver com o que temos, eu com a minha velhice e você com tua juventude. A noite já chegou, em vez de sonhar, vamos reparar as redes e ver os peixes.

Vistas as redes e limpos os peixes, foram dormir o sono sem sonhos. Madrugada, o grande susto. Não acreditavam no que viam. Chamas se erguiam entre a fumaça negra. Thibo poderia jurar que entre elas estava Tibúrcio, rindo da cara que faziam. Erguendo a mão direita, destacava entre os outros dedos o pai de todos. Os olhos thibenses estavam assustados, pondo em preocupação o neto.

— O que tá vendo, vô?

— Nada além do que você está vendo. O Trambejo se suicidou!

Na verdade, Thibo, anos mais tarde, confessou que podia ver um movimento da boca tiburciana, que costumava dizer: seus fdp!, vivam a vida! Terão uma imortalidade a carregar! Depois, secou uma lágrima celeste entre as chamas que não o atingiam. Não sei se foi o velho de austeras peleias que incendiara Trambejo, ou se a máquina se matara de melancolia, dizia Thibo.

Trambejo havia se incendiado, e dele sobrara apenas a carcaça. Os dois se abateram. Telefonaram para casa, comunicando o acontecido. Vieram Dirte e as filhas, mais todos da família, dando graças a Deus, que assim os dois não mais saíam por aí. Queriam certificar-se da morte trambeja. Dissimularam tristeza para não magoar os dois. Sanchito lamentou:

— O pobre não resistiu.

— Somos mais que uma máquina sonhadora. O velho Thibo riu, sem muita vontade.

A noite se fora. Havia o dia inteiro.

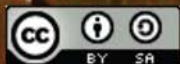


[Catálogo do Projeto Passo Fundo](http://www.projetopassofundo.com.br)  
[www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)





Passo Fundo



Portal

**Domínio Público**

Biblioteca digital desenvolvida em software livre



9 788564 199714 1